



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**Cesandro Samir Pires Sequeira**

**O afeto como categoria teoliterária**

**Uma aproximação a Eugénio Tavares e a José Frazão Correia**

**Dissertação final sob a orientação de:**

**Prof. Doutor José Tolentino Calaça de Mendonça**

**Lisboa**

**2020**

A presente dissertação encontra-se redigida ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico

*A Morna...*  
*parece que é o eco em tua alma*  
*da voz do Mar*  
*e da nostalgia das terras mais ao longe*  
*que o Mar te convida,*  
*o eco*  
*da voz da chuva desejada,*  
*o eco*  
*da voz interior de nós todos,*  
*da voz da nossa tragédia sem eco!*

*A Morna...*  
*tem de ti e das coisas que nos rodeiam*  
*a expressão da nossa humildade,*  
*a expressão passiva do nosso drama,*  
*da nossa revolta,*  
*da nossa silenciosa revolta melancólica!*

**Jorge Barbosa “Irmão”**

## RESUMO

O presente trabalho procura estabelecer um diálogo a partir da obra teológica de José Frazão Correia e da poética da Morna de Eugénio Tavares. Trata-se de uma tentativa de iluminar a categoria do afeto no *modus operandi* do cristianismo. O afeto, enquanto base elementar da nossa existência, recorda-nos que fomos criados na comunhão e para a comunhão. E é precisamente nesta transação do dom que o homem encontra o sentido para a sua vida e realiza a sua vocação. Toda a história da salvação é exemplo disto mesmo, pois ela vem configurada na tradição bíblica pela chave do afeto. Nela, o destino e a felicidade do homem dependem sempre da qualidade das suas relações – relações de justo afeto, poderíamos dizer - com o seu próximo e com o próprio Deus. Este paradigma do afeto alcança o seu máximo de expressão na vida de Jesus de Nazaré, pois o mistério da encarnação coloca no centro a revelação do Amor, como afeto de Deus que nos salva. Numa sociedade cada vez mais tecnológica e individualista, onde as relações são predominantemente mediadas por um ecrã, a reflexão sobre o afeto ganha uma particular pertinência. O presente trabalho pretende participar dessa reflexão, pensando, no horizonte de uma antropologia cristã, o significado do afeto.

**Palavras-chaves:** Afeto, Comunhão, Morna, José Frazão Correia, Eugénio Tavares, Teoliterária

## ABSTRACT

The present dissertation aims at establishing a dialogue between the theological work of José Frazão Correia and the poetry of Eugénio Tavares' "Morna", the typical musical genre of Cabo Verde. It tries to uplift the category of affection in the *modus operandi* of Christianity. As the elementary base of our existence, affection reminds us that we were made in communion and for communion. It is precisely in this transaction of the gift that men finds the meaning for his life and fulfills his vocation. All salvation history serves us as an example of such, for it is configured in biblical tradition through the interpretation key of affection. There we see the destiny and happiness of men always dependent of the quality of his relations - which are relationships of righteous affection, we might say – with his neighbor and with God himself. This paradigm of affection reaches its peak in the life of Jesus of Nazareth, for the Mystery of Incarnation puts the revelation of Love in the center as God's saving affection. In a society which is increasingly technological and individualistic and where relationships are predominantly measured through a screen, the reflection on affection has a peculiar importance. This work wants to participate in that reflection, thinking the meaning of affection through the horizon of Christian anthropology.

**Keywords:** Affection, Communion, Morna, José Frazão Correia, Eugénio Tavares, Theological fiction

# ABERTURA

## 1. O estado da questão

No princípio era o afeto. Base elementar da existência, a partir da qual toda a nossa vida se construirá, o afeto faz-nos perceber que a matriz da nossa humanidade é marcada não por uma solidão radical, mas por uma interação solidária que se pode expressar na palavra “relação”. O livro do Génesis recorda a esse propósito que «não é bom que o homem esteja só» (Gen 2,18). De facto, todo o homem foi criado para viver em comunidade e, nessa tessitura vital de laços, construir e maturar a sua identidade, aprofundar a perceção do mundo e a dos outros, numa aventura que se confunde com a sua própria vida. Neste sentido, podemos afirmar que a pedra angular da nossa construção é a relação, que poderíamos descrever como essa capacidade de afetar e de ser afetados. «A afetividade, constituindo uma referência originária ao ser, identifica a capacidade radical da própria existência: a capacidade de ser afetada»<sup>1</sup>. Esta realidade, não só documenta a condição essencial para a qual fomos criados, como nos demonstra a importância que o outro assume na nossa vida. Os outros, em nosso redor, não são meros espetadores, mas coprotagonistas que participam ativamente na construção do que somos, enquanto nos afetam. Na nossa incompletude, andamos sempre à procura de algo (na verdade, de alguém!) que nos complete. Nesta procura, que o próprio existir solicita, cabe ao outro um papel fundamental. Mesmo a perceção futura que possamos ter das coisas que nos envolvem, será sempre o resultado das nossas relações, porquanto «a perceção manifesta o entrelaçar do corpo próprio com o mundo»<sup>2</sup>. Não admira que o tópico da afetividade, dada a sua centralidade antropológica, convoque as várias ciências humanas, nomeadamente a literatura e a teologia.

---

<sup>1</sup> Cf. C. REIMÃO, “Afetividade e alteridade”, *Didaskalia*, XXXV, 2005, 555.

<sup>2</sup> Cf. *Ibidem*, 556

Numa sociedade hipertecnológica e individualista, onde o consumo se torna o comportamento padrão, a crise antropológica é também uma crise de afeto. Torna-se urgente repensar a vocação da pessoa humana, renovar o olhar sobre nós próprios e sobre o outro/Outro. Dando assim azo às palavras do poeta que dizia «queres saber de que cor são os sonhos de Deus, volta a olhar o mundo pela primeira vez»<sup>3</sup>. Voltar ao início e responder à vocação primeira significa isso mesmo: compreender o maravilhoso sonho que Deus tem para cada ser humano e que talvez possamos expressar pela categoria do afeto. Algo que o próprio Filho do homem expressou antes da sua Hora: «a fim de que todos sejam um. Como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti, que eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste» (Jo 17, 21).

## 2. Projeto de trabalho

É precisamente nesta linha que se situa a nossa dissertação final. Tendo como pressuposto a centralidade do afeto na experiência humana e crente, decidimos abordar este tópico, na nossa dissertação final, com o intuito de recordar uma vez mais a sua importância na construção da identidade humana. Trata-se de um estudo antropológico e teológico que encontra na literatura e teologia instrumentos que nos ajudam a sondar o interior do homem e a compreender as suas inquietações e relações. Pois tanto a literatura como a teologia têm como objeto de estudo «o homem vivo e concreto em todas as suas dimensões»<sup>4</sup>. Na verdade são duas artes que se complementam na busca do sentido da humanidade. Nesta linha iremos trabalhar o afeto enquanto categoria teológica aplicada à *teoliterária* em dois autores que souberam compreender e valorizar o afeto na experiência humana e crente.

Na literatura procuramos as letras da morna de Eugénio Tavares, grande poeta cabo-verdiano, conhecido como aquele que melhor interpretou a alma do povo de Cabo Verde. As suas letras associadas a um desenho melódico formam um expressivo cancionero que celebra

---

<sup>3</sup> Cf. Letra da música da autoria de José Tolentino Mendonça.

<sup>4</sup> Cf. M. LOUIS, *Espiritualidade e literatura*, Edições paulinas, Lisboa, 1965, 33.

o *ethos* e o *pathos* da identidade cabo-verdiana. Escolhemos a literatura, pois trata-se de um instrumento especialmente eficaz para mergulhar no coração humano, e descobrir a natureza e a temperatura dos seus afetos. A literatura tem o dom de «transportar e transformar, mediante um sistema verbal, uma experiência humana»<sup>5</sup>. Como havemos de demonstrar, no decorrer do nosso trabalho, a cultura crioula encontrou na morna a forma de se autorepresentar, fazendo desta um inesquecível espelho do património sentimental e afetivo do povo de Cabo-Verde.

Como interlocutor para a morna, optamos pela obra *A fé vive de afeto* de José Correia Frazão, teólogo jesuíta que tem dedicado a sua investigação, no domínio da Teologia Fundamental, às estratégias do afeto como elemento imprescindível do *modus operandi* de Deus no seu encontro com a nossa humanidade. Frazão Correia perspetivando a fé como categoria vital, que nasce e se desenvolve nos lugares e ritmos da humanidade, mostra como o afeto assume um papel relevante. A fé não é senão a confiança num Outro que se revela afetivamente e de um modo credível. Trata-se de uma teologia que pretende falar da fé não como algo puramente racional, mas como acontecimento que surge e se desenvolve a partir da experiência afetiva. É a esta visão teológica que vamos buscar fundamentos que nos ajudem a perceber o lugar do afeto na construção da identidade humana.

---

<sup>5</sup> Cf. M.J.VAZ PINTO, “O Deus implícito na poesia de José Tolentino Mendonça”, *Communio*, XXXI, 2014, 477.

## **I Capítulo: Uma leitura literária do afeto: o caso de Eugénio Tavares e da morna cabo-verdiana**

Começamos o nosso percurso em torno da categoria do afeto na literatura. Dentre o universo literário insular, a nossa escolha incidirá sobre as letras da Morna de Eugénio Tavares, que são de uma grande densidade emocional e narrativa. Talvez possamos dizer que a melhor forma de auscultar a poesia de Eugénio Tavares é associá-la à música, uma harmonia perfeita que marca a Morna, enquanto gramática da alma cabo-verdiana. A música vem reforçar aquilo que a poética de Tavares pretende ser: o retrato afetivo do quotidiano de um povo. Como escreve um crítico: «O extremo romantismo de Eugénio Tavares e o talento na escritura do crioulo em poesia pura juntaram-se na Morna para formar uma poderosa mensagem de canção que não foi igualada no seu conjunto»<sup>6</sup>. Parece ser consensual, entre os estudiosos da poesia e da música das terras crioulas, que Eugénio Tavares foi o homem de sentimentos que encontrou na poesia e na música instrumentos para transmiti-los e vivê-los:

«Assim foi revelado o Poeta; através da maior força da sua existência: o Amor! E para que a missão e a mensagem se completassem, a natureza reuniu, numa só criatura, dons divinos que o immortalizaram: a Poesia e Música».<sup>7</sup>

A esta fusão harmónica de música e poesia regressaremos mais tarde.

Eugénio Tavares foi «o maior vulto e digno representante da Alma Cabo-verdiana»<sup>8</sup>. É considerado o «poeta (...) que escreveu em crioulo os mais belos versos, com lirismo e fineza, que consagram a língua cabo-verdiana como língua literária»<sup>9</sup>. Através das suas composições soube documentar o teatro do afeto do seu povo, pois «perfeitamente sintonizado com o

---

<sup>6</sup>Cf. M. J. TAVARES, *Aspetos evolutivos da Música Cabo Verdiana*, Centro Cultural Português/Instituto Camões, Associação de Escritos Cabo-verdianos, (s.d.), 87.

<sup>7</sup> Cf. L. ROMANO, “Perfil de Eugénio Tavares”, *Ponto & Virgula*, 16, (1986), 4.

<sup>8</sup> Cf. *Ibidem*, 5.

<sup>9</sup> Cf. C. F. GONÇALVES, *Kab Verd Band*, Instituto do Arquivo Histórico Nacional, Praia, 2006, 95.

sentimento coletivo e a alma do seu povo, Nhô Eugénio<sup>10</sup> deixou as mais belas páginas da música cabo-verdiana»<sup>11</sup>. Este reconhecimento justifica termos escolhido trabalhar o afeto na literatura cabo-verdiana em Eugénio Tavares, pois mais do que qualquer autor cabo-verdiano, foi ele quem melhor o expressou, estando na origem de uma tradição literária, sendo um «dos primeiros mornistas a tratar o amor de forma quase sistematizada»<sup>12</sup>.

## 1.1. Perfil biográfico de Eugénio Tavares

Se a poesia é reflexo da relação que o poeta estabelece com o espaço e o tempo em que vive, torna-se de extrema importância conhecer a história do poeta Eugénio Tavares para melhor compreendermos a sua obra. Só intercetando a sua história, as suas relações (encontros e desencontros) é que nos podemos avizinhar da natureza da sua obra literária e identificar as suas chaves hermenêuticas. A sua obra literária, em especial a poesia, muito atravessada pela matriz da afetividade é indissociável da biografia desse homem, «sintonizado com o sentimento coletivo e a alma do seu povo»<sup>13</sup>. É unânime entre os seus, que Eugénio Tavares era um carácter cordial e pessoa de muita amizade. Todos esses atributos que lhe eram reconhecidos, segundo Luís Romano<sup>14</sup>, mostram uma natureza sensível e bondosa, que valorizaria a linguagem do afeto. Os grandes temas abordados nas suas poesias - o amor, o mar, a partida e a saudade - são temas que marcaram, antes de tudo, a sua vida.

A vida de Eugénio de Paula Tavares, mais conhecido por Eugénio Tavares, teve origem numa pequena ilha chamada Brava, nome pela qual foi batizada devido ao seu aspeto florido e acidentado. Pertence ao arquipélago de Cabo Verde e é, das ilhas habitadas, a mais

---

<sup>10</sup> Tradução literal de Português para o crioulo de “Senhor Eugénio”.

<sup>11</sup> Cf. C. F. GONÇALVES, *Kab Verd Band*, 93.

<sup>12</sup> Cf. M. J. TAVARES, *Aspetos evolutivos da Música Cabo Verdiana*, 87.

<sup>13</sup> Cf. C. F. GONÇALVES, *Kab Verd Band*, 93.

<sup>14</sup> Foi um poeta, romancista e folclorista cabo-verdiano, com trabalhos em português e em crioulo cabo-verdiano da ilha de Santo Antão, idioma que preferia designar por “língua cabo-verdiana”.

pequena. Dado o seu clima excelente, muito ameno e sempre fresco, e o seu aspeto pacato «serviu de estância de cura e de repouso para toda a costa da Guiné e Gâmbia»<sup>15</sup>, tornando-se um autêntico refúgio de europeus, residentes no arquipélago e na vizinha costa de África. Foi esta pequena ilha que serviu de berço a Eugénio Tavares, onde, no dia 18 de Outubro de 1867, Dona Eugénia Nozolini Roiz Tavares o dera à luz. É notável, na sua obra literária, o amor que o poeta tinha para com a sua amada ilha. O exemplo disto é a poesia que lhe dedica:

O' Brava amada, meu ninho em flor,  
O' pequenina e humilde Brava!  
Coroadá outrora de fogo e lava,  
Hoje teu nimbo é o nosso amor!

Terra crioula, terra natal,  
- Tamanho e forma de um coração! -  
Que Deus te guarde de todo mal,  
Que em torno a ti o Mal ruja em vão.

Filha da lava e filha do mar,  
Que a lava aquece e o mar rebeija,  
Tua alma, ó Brava, como que adeja,  
Asa de sonho solto no ar.

Nunca amainaste na tempestade  
As velas cândidas da clara esperança,  
Nunca deixaste de, na bonança,  
Ser forte e doce como a saudade!<sup>16</sup>

Um amor incondicional pela terra que lhe serviu de “ninho” e que, durante a sua vida terá um impacto na configuração do seu espírito sensível e patriótico. Pela triste infelicidade, D. Eugénia Nozolini Roiz Tavares, mãe de Eugénio Tavares, que se encontrava doente na altura do parto, não resistiu às complicações do momento, vindo a morrer de febre pública. Esta situação levou Eugénio Tavares a experimentar, desde cedo, a dor da orfandade, algo

---

<sup>15</sup> Cf. Citado a partir de <https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/nascimento.html>, [acedido a 29/04/19].

<sup>16</sup> Cf. E. Tavares, “Hino bravense” citado a partir de <https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/berco.html>, [acedido a 16/04/19]

que marcará profundamente a sua vida e a sua alma. De Francisco de Paula Tavares (pai do poeta) sabe-se também ter morrido pouco tempo depois, na Guiné, ao serviço do Estado português. Órfão de pai e mãe, o jovem Eugénio é adotado pelo médico José Martins de Vera Cruz e sua irmã Eugénia Martins da Vera Cruz Medina e Vasconcelos, madrinha de Eugénio Tavares, a quem desenvolverá um afeto filial, dedicando-lhe poesias e dedicatórias, expressando o amor que lhe tinha.

"És a maravilha da Mulher duplamente Mãe; não mais santa mãe do fruto do seu ventre, que no sentimento da sua alma; não mais amorosa mãe dos próprios filhos que mãe sublime dos filhos alheios. Amo-te ó minha mãe e bendita seja a fonte inexaurida de bondade maternal que emana do teu espírito. Tudo com origem no amor, nada com origem no sangue".<sup>17</sup>

*Badinha*, como era carinhosamente tratada por Eugénio Tavares, recebeu deste seu filho adotivo um poema como «reconhecimento pela dedicação, pela educação e por todo carinho emprenhados na sua criação»<sup>18</sup>.

Um dia caíra em teu níveo seio  
Desmaiado botão,  
Que d'uma linda roseira arrancara  
Violento tufão.  
As tuas carícias deram-lhe a vida,  
E o anelito teu  
Foi o bálsamo que deu força, alento  
Ao débil peito seu!  
E a carmínia bonina transformou-se  
Rapidamente em flor,  
Que se esforça por derramar a jorros

---

<sup>17</sup> Cf. Citado a partir de [https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/familia\\_adoptiva.html](https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/familia_adoptiva.html), [acedido a 16/04/19].

<sup>18</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo Verde em prosa e pessoa*, Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, 66.

Reconhecido odor!

O imaculado anjo da caridade,

Que do Olimpo desceu,

És tu! E a flor, que, meiga e carinhosa, embalaste, sou eu!<sup>19</sup>

Devemos ter aqui em conta que a mãe cabo-verdiana é a figura mediadora da família. É o elo principal da educação infantil, possuindo um carisma autêntico de protetora. «A mãe é a continuação para o “mornista” e o cabo-verdiano da simplicidade e do amor e dos ambientes psicológicos da infância e adolescência que acompanha a alma cabo-verdiana toda a vida»<sup>20</sup>

Por ter sido adotado por uma família abastada e conceituada da época, Eugénio Tavares viria a usufruir de uma boa formação académica nesta ilha, que dispunha um meio intelectual interessante e que contribuiu para a formação do poeta. Cabe salientar, que a educação cultural do poeta foi influenciada por grandes vultos da cultura cabo-verdiana da altura, nomeadamente, Guilherme Dantas, Augusto Barreto e Maria Luísa de Sena Barcelos. Da sua formação intelectual, sabe-se que estudou filosofia, ampliando o seu estudo sobre o pensamento humano e os seus dramas, tendo como orientador o professor José Rodrigues Aleixo. Estudou teologia com o padre António de Cena Barcelos, aprofundando o seu conhecimento sobre Deus (que para o poeta era visto como fonte de Amor, autor de todas as maravilhas criadas) e das Sagradas Escrituras onde se foi munir de conceitos que viria a utilizar nas suas obras.

Desde muito cedo, com apenas doze anos, iniciou-se na arte da poesia, criando na então colónia uma grande expectativa a seu respeito. «Fez o seu *debut* literário em 1882, publicando, aos quinze anos de idade, seu primeiro poema no *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*»<sup>21</sup>. A estreia foi aclamada com muito entusiasmo pelos grandes poetas e

---

<sup>19</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo Verde em prosa e pessoa*, 66.

<sup>20</sup> G. MARIANO, “Amor e partida na poesia crioula de Eugénio Tavares ou inquietação amorosa” in *Cultura caboverdeano – ensaios*, Vega, Lisboa, 90.

<sup>21</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo Verde em prosa e pessoa*, 66.

intelectuais da época, recebendo críticas que reconheciam as suas qualidades como um potencial poeta, que prometia muito ao panorama da literatura cabo-verdiana. Os seus poemas iam-se divulgando de casa em casa pela ilha da Brava, num meio onde a poesia era muito cultivada. Salientamos que os primeiros poemas de Eugénio Tavares, assim como de outros poetas do arquipélago, produzidas entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX, estavam profundamente marcados por uma forte presença cultural portuguesa em Cabo Verde. Na verdade, «a produção lusitana foi, neste momento, a principal referência literária dos escritores do arquipélago, uma vez que foram as estruturas coloniais que deram forma às suas instituições de ensino, à imprensa, às bibliotecas...»<sup>22</sup>. Isto justifica um forte apelo sentimental e ultrarromântico na obra literária de Eugénio Tavares.

Rapidamente, à sua poesia foram-se juntando as primeiras composições musicais, quando este aprendeu a tocar guitarra portuguesa, enaltecendo as palavras com a melodia da música. Com o seu imenso potencial, Eugénio Tavares viu-se incentivado a abandonar a sua pequena ilha, procurando novos horizontes. Com o êxito da publicação do seu primeiro poema, Eugénio Tavares quis aprofundar e desenvolver os seus conhecimentos. Estas viagens que virá a realizar terão um papel fundamental para a formação do poeta e, conseqüentemente, para o enriquecimento da qualidade das suas obras literárias. Contribuirão para um maior conhecimento da cultura e tradição do seu povo, vindo a desenvolver um certo patriotismo; maturarão a sua visão dos dramas e crises pelos quais o seu povo passava, vindo a encontrar a sua mais radical vocação: ser a voz que defende o povo.

A sua primeira viagem foi à ilha de São Vicente. São Vicente, neste período, é um espaço onde se celebra a cultura e a universalidade, visto possuir um porto que servia de trânsito para o Brasil, Argentina, África do Sul, Ásia e Europa. Toda essa encruzilhada de costumes e calor humano despertará este jovem para grandes rumos. Em São Vicente, o poeta aprende o Inglês e o Francês e começa a colaborar na Imprensa local, onde deu a conhecer

---

<sup>22</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo Verde em prosa e pessoa*, 67.

esta ilha que ele tanto amou como sua segunda casa. Passados dois anos, quis o poeta mudar para a ilha de Santiago, passando a ser a terceira componente cultural, depois da ilha da Brava e de São Vicente. Mudando para Santiago, Eugénio Tavares atingia um conhecimento amplo de Cabo Verde, um olhar mais profundo e vernáculo, visto que Santiago era considerado, e ainda hoje o é, «um caldeirão de cultura e tradições, e que se manteve até hoje a Ilha mais Africana»<sup>23</sup>. Esta originalidade própria de Santiago introduzirá o poeta na «africanidade, que lhe faltava e viria influenciar toda a sua obra»<sup>24</sup>. Enriquecendo a formação cultural de Eugénio Tavares, forma-o para um maior conhecimento do seu povo e conseqüentemente o interesse em defendê-lo. Em Santiago tornou-se recebedor da Fazenda Pública no Concelho de Tarrafal, por influência do seu pai adotivo. Este ofício permitir-lhe-á um maior envolvimento «nos costumes e tradição, na alma do povo que se radicara atrás desses montes em defesa e preservação dos seus hábitos mais sagrados»<sup>25</sup>. Todo este entranhar de Eugénio no seu povo deve-se ao seu interesse, desde muito novo, em conviver de forma próxima com a sua gente, conhecendo e registando os seus sonhos e inquietações. O que se traduzirá nas suas obras, quer na poesia, quer nos contos ou teatro.

Passado algum tempo, o poeta inquieto e saudoso da sua amada ilha, regressa para a Brava, onde viria a ser nomeado Recebedor da Fazenda Pública. Ligado agora afetivamente às ilhas de São Vicente e de Santiago, onde contactou com as condições históricas de existência do seu povo, Eugénio Tavares desenvolve um grande sonho que é lutar pela felicidade e engrandecimento do povo cabo-verdiano. Deste modo, não poupou esforços na defesa dos interesses e ambições da sua gente.

«(...) em plena pujança da vida, estudante de entusiasmo, Eugénio vive um sonho febril que inflama a sua alma moça e absorve todas as faculdades do seu ser moral - A

---

<sup>23</sup> Cf. Citado a partir de <https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/santiago.html>, [acedido a 16/0419].

<sup>24</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>25</sup> Cf. *Ibidem*.

felicidade e o engrandecimento do povo Cabo-verdiano, cuja desgraça atroz ele atribui ao desumano abandono a que fora votado»<sup>26</sup>

Homem vocacionado a ser voz de um povo, a quem tinha uma grande ligação afetiva, procurou através da escrita, não só denunciar os males que ameaçavam o território, mas, sobretudo, dar a conhecer as suas virtudes e grandezas. Salienta-se que Eugénio Tavares encontrava nesta nobre arte da poesia uma forma de humanização, afirmando que «a falta de poesia significa, simplesmente, demasia de animalidade»<sup>27</sup>. É neste contexto que surgem as suas grandes obras literárias, sobretudo os seus poemas.

Eugénio Tavares vai-se tornando para a elite cultural cabo-verdiana o “Delfim”, introduzindo uma nova cultura no espaço português: «era a Primeira Alvorada da *Caboverdeanidade*»<sup>28</sup>. Entre 1850 e 1900 forma-se em Cabo Verde uma Elite cultural na ilha do poeta, com aderentes em todas as ilhas. Esta elite aponta a aurora nativista em Cabo Verde, que mais tarde culminaria no movimento independentista conducente à nação Cabo-verdiana. Esta elite, que será encabeçada pelo poeta Eugénio Tavares juntamente com o seu colega Loff de Vasconcelos, tentou dar a conhecer «o novo homem Cabo-verdiano, sua cultura, escolaridade e alfabetização, procurando combater as injustiças»<sup>29</sup>.

Os dias de fama e glória que Eugénio Tavares foi conquistando entre o seu povo, tinham as horas dias contadas, quando um grupo de pessoas que se sentiam ameaçadas pelas suas palavras começou uma guerra aberta contra o poeta, acusando-o de desfalque e blasfêmia; uma guerra que viria a determinar o exílio de vinte anos bem penosos de Tavares. A experiência do exílio revela-se dura para o poeta, que escreverá um poema aludindo ao seu estado de espírito:

---

<sup>26</sup> Cf. Citado a partir de <https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/santiago.html>, [acedido a 16/0419].

<sup>27</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo Verde em prosa e pessoa*, 66.

<sup>28</sup> Cf. Citado a partir de <https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/santiago.html>, [acedido a 30/0419].

<sup>29</sup> Cf. *Ibidem*.

Dirás à minha pobre mãe, coitada!  
Que me perdoe não ir, na despedida,  
Beijar-lhe a grave fronte tão querida,  
Beber-lhe o santo olhar, bênção sagrada;

Porque me traz esta alma tão quebrada  
A dor inconsolável da partida,  
Que, triste como os que se vão da vida,  
Nem quero ver-lhe a fronte magoada.

Dirás que levo uma saudade funda  
Dentro do coração angustiado!  
Que a dor é tanta, em suma, e tão profunda,

Que me parece, até, ter começado  
A morrer, neste lúgubre momento  
Em que o navio esfalda asas ao vento.<sup>30</sup>

Exilado da sua terra natal, o poeta vai para o país da liberdade, ou terra das oportunidades como era visto pelos cabo-verdianos: os Estados Unidos da América, onde viria a realizar grandes voos no campo do jornalismo. Funda o Jornal *Alvorada*, que tinha como principal objetivo ser a voz dos emigrantes desprotegidos, dando assim continuidade ao seu grande sonho, que era a felicidade do povo cabo-verdiano, agora no contexto da diáspora. Torna-se, assim, a voz dos muitos cabo-verdianos marinheiros emigrados para os EUA, que eram recrutados para a caça da baleia, cujo óleo tinha elevado valor comercial na altura, mas que, no entanto, oferecia condições de trabalho precárias e salários baixos. Além de ter fundado este jornal, Eugénio Tavares colaborava com jornais em outros países, nomeadamente no Brasil. A experiência do exílio revela-se uma espada de dois gumes. Por um lado, a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos e contribuir para a melhoria

---

<sup>30</sup> Cf. E. Tavares, Poema “Despedida”, citado a partir de [https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/fuga\\_exilio.html](https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/fuga_exilio.html) [acedido a 26/05/20]

das condições dos cabo-verdianos na diáspora. Por outro lado, um tempo de muita dor e tristeza pela saudade daqueles que ficaram. Sobre essa experiência de saudade escreve o poeta no seu poema intitulado *Exilado*:

Pensa no que há de mais sombrio e triste;  
Terás, destes meus dias vaga imagem;  
Soturnos céus – como tu nunca viste –  
Nunca os doirou o halo de uma miragem.

O sol – um sol que só de nome existe  
Envolto na algidez e na brumagem  
Dum frio como tu nunca sentiste,  
Do nosso sol parece a morta imagem

Imerge o retransido pensamento  
Nas noites mais escuras, mais glaciais,  
Prenhes de raios e vendavais;

Verás que anos de dor, esse momento  
Passado, na saudade e no penar,  
Longe do sol vital do teu olhar<sup>31</sup>

Em 1910 dá-se finalmente o término do seu exílio, com a implantação da República em Portugal, a 5 de Outubro de 1910. Eugénio Tavares regressa definitivamente para Cabo Verde, depois de alguns regressos clandestinos para visitar a sua família, apelidados pelo próprio de “tristes regressos”. Este grande regresso acontece, «caucionado pela fiança dos bens de seu pai, Dr. José da Vera Cruz, e de alguns comerciantes locais»<sup>32</sup>. Regressando a Cabo Verde, Eugénio Tavares está na ilha de Santiago, onde fará parte de uma equipa de redatores do novo jornal que surge na cidade da Praia, chamado “A voz de Cabo Verde”. Só em 1922, o poeta romântico poderá desembarcar na sua ilha materna, depois de ser julgado e

---

<sup>31</sup> Cf. E. Tavares, poema “Exilado” citado a partir de <https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/eua.html>, [acedido a 02/05/19]

<sup>32</sup> Cf. *Ibidem*.

absolvido. Na ilha da Brava, Eugénio está onde sempre desejou estar, no meio do seu povo e familiares. Dedicar-se a escrever para ganhar a vida, exerce o ministério de professor, contribuindo para a alfabetização dos jovens da ilha. Contudo, é à composição da Morna que o poeta dedica mais tempo. Funda a Troupe Musical Bravense, uma escola dedicada ao ensino da música, que garantirá a difusão das mornas através dos tempos. Um pormenor interessante nesta escola é o facto de que cada instrumento musical ser considerado sagrado, batizado com o nome de um santo e benzido em dia de grande festa e ser atribuída uma madrinha a cada um.

Só em 1927 é apresentada, através da figura do Governador Guedes Vaz, uma desculpa oficial a Eugénio Tavares pelos sofrimentos causados em períodos de governação anteriores, que levaram ao seu exílio. A esse pedido de desculpa juntou-se um convite para que participasse num encontro de poetas na ilha de Santiago, onde se viria a homenagear Eugénio Tavares e outros poetas de renome daquela época. A sua chegada a São Vicente foi muito calorosa e emotiva: «À sua chegada a São Vicente, um grande número de admiradores e muito público aguardaram Eugénio Tavares no cais, e foi tanta a emoção que uma multidão entusiástica levou o poeta em ombros do cais até à Câmara Municipal»<sup>33</sup>. Esta calorosa receção do povo é reflexo da estima que o povo cabo-verdiano tinha por este poeta que tanto amou o seu povo.

A última etapa da sua vida resume-se à solidão. Com a morte do seu pai adotivo, Eugénio Tavares herdará a propriedade de Aguada, sítio onde passará o resto da sua vida. Acerca desse período de Eugénio Tavares, escreve Luís Romana, um escritor sobejamente conhecido nas terras crioulas:

«Dolorosamente ferido, isola-se como um eremita num dos locais mais sombrios da ilha da Brava: Aguada. (...) Aí viveu escrevendo e falando com o mar nos seus solilóquios de desamparo. (...) Poeta condenado ao isolamento, talvez pela incompreensão humana, talvez

---

<sup>33</sup> Cf. Citado a partir de [https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/visita\\_desagravo.html](https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/visita_desagravo.html), [acedido a 02/0519].

por uma determinação sobre natural, o que nos tortura e prende a atenção é a escolha desse refúgio desterro onde veio consumir os últimos tempos da sua existência, longe de tudo e de todos, mas perto da grande fonte que lhe insuflou energias para evocar e lutar: o mar!»<sup>34</sup>

Em Aguada, dedica a sua solidão à prática da escrita e composição de mornas. A idade já era avançada, mas o seu espírito continuava sempre jovem e apaixonado. A mostra disso foi a paixão que desenvolveu por uma rapariga nova, que não correspondendo com o mesmo sentimento, emigra com os pais para EUA deixando o poeta em desolação profunda. Anos depois da sua viagem para EUA viria a comunicar ao poeta a sua intenção de regressar. Eugénio Tavares, ainda ferido mas resignado, pegando na sua guitarra, compõe a morna *Nha Santa Ana* e recusa-se a recebê-la de volta:

<b>Língua original: Crioulo</b>	<b>Proposta de Tradução em Português</b>
<p><i>Já'n q'ré ojâ quem que cá tem</i>  <i>Quem que cá tem crecheu na es bida!</i>  <i>Pa más tanguido que corpo é,</i>  <i>Nos alma é libre, no tem que q'ré.</i></p> <p><i>Ami, de meu, pa nha pesar,</i>  <i>Pa mal de todo nha pecado,</i>  <i>El prometem nabiu na mar,</i>  <i>El manda dam lancha encajado.</i></p> <p><i>El tiran luz que Nhor Dês dam,</i>  <i>El dixam sombra de traiçam,</i>  <i>El lebam sol dê's mocidade,</i>  <i>El xam co dor de nha sodade.</i></p> <p><i>Se bo senti ta bem pa traz,</i>  <i>Ó mar, bizam; bizam ó mar,</i>  <i>Pa'n ca sintal na nha ragaz;</i></p>	<p>Eu quero saber quem não tem          Quem não tem “amada” nesta vida          Por mais tanguido que o corpo seja          Nossa alma é livre, temos que querer.</p> <p>Eu, a minha, para o meu pesar,          Por mal de todo o meu pecado,          Ela prometeu navio no mar,          Ela mandou dar-me um barco encalhado.</p> <p>Ela tirou-me a luz que o Senhor Deus me deu          Ela deixou-me a sombra da traição,          Ela levou o sol da minha mocidade,          Ela deixou-me com a dor da minha saudade.          Se sentires que ela vai regressar,          Ó mar, avisa-me; avisa-me ó mar,          Para eu não a acolher no meu regaço</p>

<sup>34</sup> Cf. Citado a partir de [https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/visita\\_desagravo.html](https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/visita_desagravo.html), [acedido a 02/0519].

<i>Pa'n po alguém na sê lugar.</i>	Para eu pôr outra no seu lugar.
------------------------------------	---------------------------------

É com esta dor da solidão, de alguém que amou e se dedicou aos seus, que o «gigante assim certamente teria de vergar um dia, sob o peso de tantas emoções»<sup>35</sup> como afirmavam os amigos. Um dia, certamente lembrado por todos os cabo-verdianos com muito pesar: 1 de Junho de 1930. Eugénio Tavares sentado numa cadeira de baloiço na sua casa de Vila Nova Sintra, conversando com os amigos que o foram visitar, levando os factos insólitos e ridículos que aconteciam no governo, deixou-se inclinar, fulminado por uma angina de peito. Assim tinha chegado “aquela”, de quem durante a sua vida muitas vezes fugiu com medo da sua visita, mas que na idade adulta se preparou para recebê-la, consciente de que a sua visita não teria a última palavra. Assim viria a escrever na sua obra literária sobre a sua partida, no seu poema *Morna de despedida*.

<b>Língua original: Crioulo</b>	<b>Proposta de tradução: Português</b>
<i>Hora de Bai,</i>	Hora de partir
<i>Hora de dor,</i>	Hora de dor
<i>Já'n q'ré</i>	Prefiro
<i>Pa el ca manche!</i>	Que ela nunca chegue
<i>De cada bêz</i>	De cada vez
<i>Ma'n q'ré</i>	Prefiro
<i>Ficâ 'n morré!</i>	Morrer

<sup>35</sup> Cf. Citado a partir de <https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/morte.html>, acedido a 28/05/20.

## 1.2. Um olhar à produção literária de Eugénio Tavares

O poeta Eugénio Tavares é considerado por importantes letrados da língua crioula como o auge da vida cultural, política e social de Cabo Verde, entre 1890 e 1930. Durante esse período procurou capacitar-se em todas as áreas a cultura do seu povo tendo sido o seu maior intérprete até hoje.

«Os seus textos ao percorrerem um leque vasto de géneros, numa linguagem muito característica da época, donde se não excluem influências várias como o romantismo e o classicismo renascentista, permitem hoje a compreensão mais consentânea de certos fenómenos sociais, cívicos e literários próprios dos finais do século XIX e início do XX caboverdiano»<sup>36</sup>.

Considerado por muitos como o "Camões de Cabo Verde", a sua vastíssima obra literária vai da poesia à música, da retórica à ficção, passando pelo teatro. Para melhor expormos a sua produção literária dividimos a sua obra literária em três partes: poesia, contos, teatro; crónicas de viagens, tormentas, cartas e postais; artigos nos jornais. Para tal, seguiremos o esquema feito a partir dos estudos e recolhas levados a cabo por Félix Monteiro, que contou com a organização e prefácios de Isabel Lobo e Manuela Monteiro; Um excelente trabalho que contribuiu para recolher e organizar a vasta obra literária de Eugénio Tavares, que em grande parte esteve dispersa ou esquecida. Graças a esses estudiosos e amantes da obra Eugéniana podemos ter hoje acesso ao espólio de Eugénio Tavares em três grandes volumes.

---

<sup>36</sup> Cf. F. MONTEIRO, Eugénio Tavares – Poesia Contos Teatro, Biblioteca Nacional de Cabo Verde e Ministério da cultura e das Indústrias criativas, Praia, 2017, 7 [recolha de Félix Monteiro. Organização e introdução de Isabel Lobo].

### 1.2.1. Poesia

O primeiro género literário que apresentamos é a poesia. Segundo os estudiosos, este é o género predileto de Eugénio Tavares, que deixou uma obra imensa, transcrevendo a *psyché* do homem crioulo. «Eugénio Tavares foi, justificadamente, considerado o príncipe da poesia cabo-verdiana»<sup>37</sup>. Género literário que, na mestria de Eugénio Tavares, foi um veículo para falar do Amor: «o amor intenso e devotado à terra-mãe, muito particularmente à ilha de nascimento, e ao cabo-verdiano humilde, que procurou defender com a única arma de que dispunha: a sua pena de homem letrado»<sup>38</sup>. Às suas composições poéticas acrescentava uma simples «melodia, cadência e ritmo que reempregam o coração do emigrado, do sofredor, do amante (...)»<sup>39</sup>. Assim surge a morna como hoje a conhecemos. Por ser um poeta bilingue, que escrevia poemas em português e crioulo, iremos dividir a Poesia de Eugénio Tavares em duas partes. Os poemas escritos em Português e os poemas na língua materna, e que fazem parte de uma obra editada pelo próprio Eugénio Tavares, cujo título é *Mornas cantigas crioulas*. Procuramos, sempre que possível, apresentar juntamente com os títulos dos poemas as fontes donde provieram e as datas em que foram publicados.

Os poemas escritos em língua portuguesa são os seguintes:

*Despedida* (A voz de Cabo Verde, 3.1913); *Partindo* (Jornal da Europa, 22 de Abril de 1928); *Exilado* (A voz de Cabo Verde, 8.12.1913); *Minha casa* (A voz de Cabo Verde, 21.07.1913); *O sonho* (A voz de Cabo Verde, n.º 122); *Daria a vida* (Orvalho, Fev. 1937); *Saudade* (A voz de Cabo Verde, 19.4.1915); *Dia de chuva* (A voz de Cabo Verde, 11.19.1914); *Trazem meus olhos desconsolados* (Almanaque. Luso-brasileiro, fls. 365, 1890?); *Vento de morte* (A voz de Cabo Verde, 1913); *Não sei...* (A voz de Cabo Verde, n.º 179); *A morte* (A voz de Cabo Verde, 31.03.1913); *Deus* (A voz de Cabo Verde, 31.03.1913);

---

<sup>37</sup> Cf. F. MONTEIRO, Eugénio Tavares – Poesia Contos Teatro, 7.

<sup>38</sup> Cf. *Ibidem*, 7.

<sup>39</sup> Cf. *Ibidem*, 8.

*Chico e Berta* (copiados de um quadro existente em casa da Sra. D. Berta M. Oliveira); *Conselho* (Brava, 1905); *A minha estrela* (A voz de Cabo Verde, n.º.117); *Sempre adorada* (A voz de Cabo Verde, 1.06.1914); *A valsa* (A voz de Cabo Verde, 17.11.1913); *Realidade, sonho horrível!* (A voz de Cabo Verde, n.º 91); *A dor* (Esperança, Junho de 1901); *Noite infinda* (A voz de Cabo Verde, Janeiro de 1900); *Os tristes* (A voz de Cabo Verde, 10.03.1913); *Noite consoladora* (A voz de Cabo Verde, 1.03.1914); *Quando, depois da viagem tormentosa* (A voz de Cabo Verde, 11.01.1915); *Regresso* (A voz de Cabo Verde, 191?), *Réstea de luz* (Segundo bilhete postal, 1 de Maio de 1922); *Em mim já é, toda a felicidade* (A voz de Cabo Verde, 4.01.1915); *Sonhando* (A voz de Cabo Verde, 23.06.1913); *No mar* (A voz de Cabo Verde, 9.06.1913); *A tarde* (A voz de Cabo Verde); *Almas de neve, ouvi: auras celestes* (A Alvorada, 16.08.1900); *Eu já não me pertença. Sou um abraço* (A voz de Cabo Verde, 1913); *Ergueu-se um mal sombrio contra mim* (Praia, Dezembro de 1914); *Alevantou-se a sombra contra mim; Pai; Oração; A verdade* (Brava, 20 de Setembro de 1919); *A mentira* (O Caboverdeano, n.º 27 de 1919); *Esperança* (Revista de Cabo Verde, Abril de 1899); *Não me pertence* (A voz de Cabo Verde, 05.05.1913); *Hinos* (A voz de Cabo Verde, Dezembro de 1913); *Sangue pela República* (A voz de Cabo Verde, 1914); *Os dementes* (A voz de Cabo Verde, 29.12.1913); *O meu perdão* (A voz de Cabo Verde, 1913); *Avatar* (A voz de Cabo Verde, 1914); *Quem é?* (A voz de Cabo Verde, 1913); *Os miseráveis* (Raízes,); *Ânimo rijo* (A voz de Cabo Verde, 8.11.1915); *O Boi* (A voz de Cabo Verde, 11.1913); *Osório! Tu tens pêlo na forçura* (A voz de Cabo Verde, 1913); *A hacaneia do amigo Osório* (A voz de Cabo Verde, 1913); *Não te fieis em mim. Antigamente* (A voz de Cabo Verde); *A greve* (A voz de Cabo Verde, 27.01.1913); *A emigração* (A voz de Cabo Verde, 15.04.1912); *O relógio oficial* (A voz de Cabo Verde, 1912); *Luz e flores* (A voz de Cabo Verde, 1912); *O riso* (A voz de Cabo Verde, 1912); *Pelo carnaval* (A voz de Cabo Verde, 1912); *O mistifório ou, por outra, a mistura* (A voz de Cabo Verde, 1912); *Já não temos mais para onde apelar* (A voz de Cabo Verde, 1912); *Com vista à comissão municipal*

(A voz de Cabo Verde, 1912); *Há templos onde se venera a luz* (A voz de Cabo Verde, 1912); *À mesa, um dia estavam dois doutores; Há nove mil robustos habitantes* (O Manduco, 30.01.1924). O volume de poemas com título *O MAL DO AMOR, Coroa de espinhos* (Imprensa Nacional – Cabo Verde, 1916), contempla os seguintes poemas: *Prelúdio; Madresilva; O pescador; Perdida!; Noite de S. João; Epílogo*; O volume de poemas com título *AMOR QUE SALAVA, santificação do beijo* (Imprensa Nacional – Cabo Verde, 1916), contempla os seguintes poemas: *Prelúdio; Ressurreição; Saudade imortal; Para a vida e para a morte!; O calvário; Epílogo. Cantigas* (A Defesa, 1914); *Mães* (A voz de Cabo Verde); *Sofrer sorrindo* (Brava, 1908); *A Badinha* (Almanaque. Luso-brasileiro. 1882); *Fala o coração do compadre Chico* (Outubro de 1900, copiados de um quadro); *Bucólica* (A voz de Cabo Verde, 18/08/13); *As pombas* (A voz de Cabo Verde, 3.1.16); *Tarde na Aguada; A onda* (A voz de Cabo Verde, 12.01.1914), *Noite* (A Defesa, 1914); *Triste Regresso; Anos da Luísa* (A voz de Cabo Verde, n.º.205); *Inveja!* (A voz de Cabo Verde, 24.11.1913); *Aritmograma* (Esperança, 1.1901); *Nossa Senhora d’Outubro* (Esperança, 01.1901); *Irmãos* (A Mocidade africana); *Salvé Lusitânia* (Praia, 5 de Outubro de 1910); *A Cruz Vermelha* (Brava, 1927?), *Ruínas* (A voz de Cabo Verde, 25.19.1915); *Canto de escravos* (A voz de Cabo Verde); *A dúvida* (A voz de Cabo Verde, 27.12.1915); *Elegia* (A voz de Cabo Verde); *Prelúdio* (A voz de Cabo Verde, 12.06.1915); *Sonho de uma noite de ciúmes* (A voz de Cabo Verde, 30.06.1913); *Carta azuis* (A Alvorada, Agosto de 1900); *A guitarra* (A voz de Cabo Verde); *Nostalgias* (Almanaque Luso-brasileiro, 1899); *Na mão de Arrobás, nessa mão direita* (A voz de Cabo Verde, 03.1913); *Zebedeu das Malaguetas* (A voz de Cabo Verde, 08.12.1913); *Ó meu Zebedeu nas tretas* (A voz de Cabo Verde, 12.01.1914); *Cartas para a América* (A voz de Cabo Verde, 15.12.1913).

Os poemas escritos em crioulo, que também são mornas e que foram recolhidas da obra *Mornas cantigas crioulas*, donde havemos de constituir o nosso *corpus* poético, são as seguintes:

*Engetadinha* (de João de Deus) Mornas; *Morna de Aguada*; *Força de Crecheu*; *Ná, ó menino ná*; *Que importa'n lá?*; *Amor é carga? Amor é culpa?*; *Morna de bejiça*; *Contam, nha crecheu*; *Morna de despedida*; *Na canteiro de nha peto*; *Quel alma já bem papiá*; *Cusas des mundo*; *Sodade de quem qu'n q'rê!*; *Despedida*; *Flor de rosera*; *É assim que el ta fazedo*; *Morna de nha Santa Ana*; *Andorinhas de bolta*; *Enganosa*; *Mal de amor*; *Lua noba*; *Vida sem bo luz*; *Quel pessoa*; *Cantiga que Deus ensinam*; *Mujer bonita*; *Carta que'n escrebê nha Lima*; *Corda de sacramento*; *Nha cantar*; *Manijas*; *Bárbara, bonita srába* (de Luis de Camões).

Para completar este leque de poemas que também são mornas, estão mais quatro poemas que embora fossem escritos em português também fazem parte da obra *Mornas cantigas crioulas*. São elas: *Brada Maria* (que segundo Eugénio Tavares é a mais velha morna da Brava, cantada há quase cem anos; o que exclui a hipótese de ser de sua autoria; no entanto, é voz corrente que a letra teria tido a “mão” de Eugénio Tavares, o que poderá ser visível a nível da linguagem ultrarromântica); *Canções* (são versos usados na morna “Maria Adelaide”); *Regresso ao Lar* (oferecida por Eugénio Tavares às lindas filhas de João Lacerda Alfama, preito de respeitosa e sincera amizade); e por fim a morna *Oh! Que doçura mais doce*.

### **1.2.2. Contos**

Outro género literário que Eugénio Tavares também praticou são os contos. Não ocupam muitas páginas na sua vastíssima obra literária mas, sem dúvida, são de imensa importância para percebermos as preocupações e os sentimentos deste autor. São estes os contos que ele escreveu:

*There she blows* (Esperança, Sup. Alm. Lus. Af., 4/10); *Por causa de um casamento* (A voz de Cabo Verde, 1914); *O Amarelo* (A voz de Cabo Verde, n.º 121, de 08.12.1913);

*Guida; Maldito telegrama* (A voz de Cabo Verde, Ano II, 126, 12.01.1914); *A virgem e o Menino mortos de fome* (A voz de Cabo Verde, Ano II, n.º 76, de 27.01.1913); *I Wolf; II Sarda; III Noèmi; Samar* (Jornal da Europa, 3.º N.º Especial, da 2.a série, 22 de Abril de 1928); *Entre as pânrias* (A voz de Cabo Verde, n.º 219, 15.11.1915 e seguintes); *Ementário de Antão Lopes*.

### **1.2.3. Teatro**

Eugénio Tavares foi, sem dúvida, um artista muito completo. Nenhuma das grandes áreas literárias ficou inibida da sua participação. Até no teatro quis deixar a sua marca. Escreveu peças como *A Peçonha*, um drama em dois atos, que versa a «denúncia da injustiça social, o desejo da irrupção da República em Cabo Verde, remetendo para as questões de um contexto político português vivido por alguns cabo-verdianos de então, gerando-se polémicas, guerrinhas, confrontos, segundo notícias do conflito entre *solpontenses* (moradores de uma localidade chamada “Ponta de sol” e *paulenses* (moradores do Paúl), em Santo Antão»<sup>40</sup>. Também escreveu o texto dramático *A ceia da parelha* publicado na revista *A voz de Cabo Verde*, em Setembro de 1913; e por fim *Filhos que traem, e filhos que salvam*, também publicado na revista *A voz de Cabo Verde* em 29 de Junho de 1914.

### **1.2.4. Crónica: Viagens**

As crónicas serão um prolongamento dos temas eugenianos, onde a presença do mar, a tristeza da ausência e a alegria comovida do regresso são uma constante. Nas crónicas sobre viagens, Eugénio Tavares aborda as saudades do lar, dos entes queridos, da ilha da Brava e as críticas à situação de abandono do povo cabo-verdiano por parte das autoridades. Nestes textos estão presentes os relatos sobre a triste e revoltante viagem que o poeta foi obrigado a

---

<sup>40</sup> Cf. F. MONTEIRO, *Eugénio Tavares – Poesia, Contos, Teatro*, 9.

fazer rumo aos EUA, devido às acusações que sobre ele pesavam. Mas também estão presentes os itinerários que ele fez pelas ilhas de Cabo Verde, em especial a ilha de São Vicente. Trata-se de crônicas muito marcadas pelo tom sarcástico, onde se critica os governantes pelo estado de abandono do seu povo. Traço típico de Eugénio Tavares, que sempre foi «muito sensível ao sofrimento dos outros, [onde] o seu olhar envolve os que sofrem e os que propõem lutar pela sobrevivência sob o signo da vulnerabilidade e da incerteza»<sup>41</sup>. Nas duas últimas crônicas, que temos de apresentar, Eugénio Tavares escreve sobre o seu regresso ao lar, algo que é descrito como um momento intenso e feliz, onde ele ressalta, como é habitual, as belezas da sua ilha-mãe: Brava. Como descreverá numa das suas cartas, «Brava é, sobretudo, a pequena terra (...) onde guardamos, (...) todas as nossas afeições, todas as nossas recordações, toda a inteira razão da nossa existência, das nossas lutas, dos nossos sofrimentos (...)»<sup>42</sup>.

As crônicas sobre as viagens que ele escreveu são: *Rumo ao exílio* (A voz de Cabo Verde, n.º 126/1914); *Em viagem*; *Regresso ao lar 1* (A voz de Cabo Verde, n.º 165, de 12.10.1914); *Regresso ao lar 2* (A voz de Cabo Verde, n.º 206); *Palavras amargas* (A voz de Cabo Verde, 1914).

#### **1.2.4.1. Crónica: Tormentas**

Nas crônicas sobre as tormentas, Eugénio Tavares expressa os seus sentimentos de desilusão, indignação, revolta, mágoa da partida e uma saudade pungente. Nelas, estão presentes relatos de tormentas pelas quais Eugénio Tavares passou, em que o poeta com muita frequência faz «referências a um passado longínquo de felicidade, que contrapõe ao presente de infelicidade»<sup>43</sup>. Em especial, faz referência à mãe, figura afetiva por excelência, que desempenha nesses momentos de maior tormenta, a força que o motiva a lutar e a acreditar

---

<sup>41</sup> Cf. F. MONTEIRO, *Eugénio Tavares – Poesia, Contos, Teatro*, 10.

<sup>42</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>43</sup> Cf. *Ibidem*.

num futuro próximo àqueles que ele ama. Assim o descreve numa das suas cartas: «E no meio do meu sofrimento ainda te amo mais ó velha que me deste a têmpera de sofrer de frente erguida, sem nunca estender a mão, sem nunca implorar tréguas ao mal!».<sup>44</sup> Nestas crónicas, Eugénio Tavares também faz referência às pessoas que lhe provocaram tamanho sofrimento, pelas calúnias que conspiraram contra ele.

As crónicas sobre as tormentas que Eugénio Tavares escreveu, são: *Tormentas* (Manduco, de 30.01.1924); *Crónicas tristes 1* (A voz de Cabo Verde); *Crónicas tristes 2*; *Armas* (A voz de Cabo Verde, transc. De O Correio Português de New Bedford); *Drama da pesca da baleia: 1 – A barca “Katleen”* (A voz de Cabo Verde, n.º.101/10913); *2 – Conclusão* (A voz de Cabo Verde, n.º 104/1913); *Um fabuloso alcance*.

### **1.2.5. Cartas e Postais**

Eugénio Tavares, enquanto “prosador rigoroso e brilhante”, como era tratado por Pedro Cardoso, também tinha o fabuloso hábito de escrever cartas e postais para amigos, familiares ou personalidades ilustres, para abordar temas de ordem pessoal, moral e política. Enquanto grande lutador pelos interesses do povo, estava consciente do seu dom na escrita, do qual soube bem tirar proveito em benefício do bem-comum. Nunca deixou de usar a sua pena para fazer chegar às autoridades as inquietações e reclamações do povo. Assim afirma numa das suas cartas: «escolhei a vossa pena como os heróis escolhem as suas lanças. Há penas nobres como espadas; mas há penas reles como escovas de sapatos»<sup>45</sup>. Nas cartas e postais que escrevia estão presentes importantes conteúdos valiosos não só sobre o estado político/cultural da altura, mas também as características da personalidade de Eugénio Tavares, as suas preferências, a sua vasta cultura geral e as situações por ele vividas. As suas

---

<sup>44</sup> Cf. F. MONTEIRO, *Eugénio Tavares – Poesia, Contos, Teatro*, 180.

<sup>45</sup> Cf. *Ibidem*, 169.

reflexões e posições revelam um «homem profundamente preocupado com a sua terra e com os seus concidadãos (...) e com a insensibilidade do poder político»<sup>46</sup>.

Deixamos, neste ponto, algumas das cartas e postais que Eugénio Tavares escreveu: *De longe* (cartas a duas crianças): I (A voz de Cabo Verde, de 24.11.1913); II (A voz de Cabo Verde, n.º.121, de 8.12.1913). *De família*: I (A voz de Cabo Verde); II – *De 9 de Novembro* (A voz de Cabo Verde, n.º.190, de 5.4.1915); *De 10 de Novembro* (A voz de Cabo Verde, n.º.191, de 12.4.1915); *Para a América* (A voz de Cabo Verde, 1913 - 1914); *Para Lisboa* (Do livro, *Outros Escritos*, de Henrique de Vilhena); *Ao povo cabo-verdiano* (Tip. E. da Cunha e Sá – Lisboa); *A Gaspar de Matos*; *A D. Alexandre d’Almeida* (Imprensa Nacional de Cabo Verde, Praia, 1918); *Cartas cabo-verdianas*: I – *Sobre a entrada de Portugal no conflito europeu*; II – *Saudação aos soldados que reocuparam Kionga*; III – *Sobre a necessidade de intensar a cultura do orgulho nacional*; *Sobre duas normas de administração*; IV – *Ao Exmo. Sr. José Barbosa, deputado por Cabo Verde*; V – *Sobre a questão da regulamentação das horas de trabalho*; VI – *A vários cavalheiros respeitáveis que não lêem estas “cartas”*; *Primeiro bilhete-postal: ao coração cabo-verdiano*; *Segundo bilhete-postal: a Wilson*.

### **1.2.6. Artigos dos Jornais**

Ainda na vasta obra literária de Eugénio Tavares estão os artigos que ele escreveu para a imprensa, nomeadamente, para os jornais portugueses *A voz pública*, *Marselhesa*, *Norte*, *Batalha* e *Correio Português*, este de New Bedford. Dos jornais publicados em Cabo Verde, com a colaboração do poeta, segundo os estudiosos, poucos são os que sobraram. Deste modo, os artigos que havemos de apresentar são apenas recolhidas do que foi possível encontrar. Segundo o parecer de letrados conceituados em Cabo Verde, Eugénio Tavares foi

---

<sup>46</sup> Cf. F. MONTEIRO, *Eugénio Tavares – Poesia, Contos, Teatro*, 15.

considerado «o melhor jornalista cabo-verdiano de todos os tempos»<sup>47</sup>. Desde muito cedo revelou-se vocacionado para as Letras, dom que sempre utilizou para o benefício do seu povo. Dos artigos escritos nos Jornais, a maioria são de teor político que não temos pretensão de desenvolver neste trabalho. No entanto, não é demais salientar a preocupação de Eugénio Tavares para com o seu povo, algo que, em determinada altura, lhe custou a sua própria liberdade e dignidade ferida. Os textos, que apresentamos neste ponto são, na sua grande maioria, transcritos da *revista de Cabo Verde* e do jornal *A voz de Cabo Verde*.

Os artigos publicados nos jornais são: *Das ilhas* (A Marselhesa, Fev.1897/Ago.1897); *A Revista* (Revista de Cabo Verde, Março de 1899); *Pregar em Deserto* (Revista de Cabo Verde, 1899); *Prudências* (Revista de Cabo Verde, 1899); *Pedir ou Exigir* (Revista de Cabo Verde); *Músicos* (Revista de Cabo Verde, Março de 1899); *A Venda das colonias* (Revista de Cabo Verde, Abril de 1899); *Remédios* (Revista de Cabo Verde, Maio de 1899); *Ad Petendem Sensum* (Revista de Cabo Verde, Maio de 1899); *Começa o Saque* (Revista de Cabo Verde, Maio de 1899); *Festas* (Revista de Cabo Verde, Maio de 1899); *Irresponsáveis* (Revista de Cabo Verde, Junho de 1899); *A Esquadra de Cervera em São Vicente* (Revista de Cabo Verde, Junho de 1899); *A Mudança da Capital* (Revista de Cabo Verde, Abril/Julho/Agosto de 1899); *Pobres* (Revista de Cabo Verde, Julho de 1899); *Luís Medina* (Revista de Cabo Verde, Agosto de 1899); *Justificação* (Revista de Cabo Verde, Agosto de 1899); *Mentiras* (Revista de Cabo Verde, Setembro de 1899); *Verdade* (Revista de Cabo Verde, Setembro de 1899); *Duas Palavras* (Revista de Cabo Verde, Outubro de 1899); *A Revista* (Revista de Cabo Verde, Novembro de 1899); *Não Morreu* (Revista de Cabo Verde, Dezembro de 1899); *Autonomia* (A Alvorada, 16.08.1900 – New Bedford); *Politicando* (A Alvorada, Agosto de 1900); *Notas...Tonificantes* (A liberdade 1902/1903); *1640/1910* (A voz de Cabo Verde, 8.3.1911); *A Imprensa* (A voz de Cabo Verde, Março de 1911); *A Greve* (A voz de Cabo

---

<sup>47</sup> Cf. F. MONTEIRO, *Eugénio Tavares – Pelos jornais...*, Biblioteca Nacional de Cabo Verde e Ministério da cultura e das Indústrias criativas, Praia, 2017, 7 [recolha de Félix Monteiro. Organização e introdução de Isabel Lobo].

Verde, 28.10.1911); *Águas Passadas* (A voz de Cabo Verde, 18.12.1911); *Pela Imprensa do País* (A voz de Cabo Verde, 3.2.1912); *Cidadão Teófilo Braga* (A voz de Cabo Verde, 12.2.1912); *Política colonial* (A voz de Cabo Verde, 19.2.1912); *Os Girondinos* (A voz de Cabo Verde, 18.03.1912); *Há-de ser o Diabo, se Deus quiser* (A voz de Cabo Verde, 1.4.1912); *A sociedade de Clichy* (A voz de Cabo Verde de 1912); *Os Indígenas de Cabo Verde são desleixados, indolentes e bêbados?* (A voz de Cabo Verde 22.4.1912); *Max de Portua* (A voz de Cabo Verde, 12.8.1912); *Criminosos Políticos* (A voz de Cabo Verde, 16.09.1912); *Sossego ou Moralidade?* (A voz de Cabo Verde, 14.1.1913); *A Concessão Blandy* (A voz de Cabo Verde, 14.1.1913); *Ao Sr. Ministro das Colónias Marinha de Campos e Júdice Biker* (A voz de Cabo Verde, 20.1.1913); *Asilos* (A voz de Cabo Verde, 27.1.1913); *O Novo Ministério* (A voz de Cabo Verde, 12/1913); *Interesses Cabo-verdianos* (A voz de Cabo Verde, 1913); *A Velha Norma em Acção* (A voz de Cabo Verde, 30.06.1913); *Questões Económicas* (A voz de Cabo Verde, 21.7.1913); *O Mundo* (A voz de Cabo Verde, 4.12.1913); *De Baquete* (A voz de Cabo Verde, Junho/Julho/Agosto e Dezembro de 1913); *Nocivo Classicismo na Administração Cabo-verdiana* (A voz de Cabo Verde de 1914); *Palavras Amargas* (A voz de Cabo Verde, 29.6.1914); *A Imprensa Cabo-verdiana* (A voz de Cabo Verde, 1914); *A Lei, Não o Arbitrio* (A voz de Cabo Verde, 1914); *Afirmção Insuspeita* (A voz de Cabo Verde, 1914); *O 4.º Aniversário da República* (A voz de Cabo Verde, 5/1914); *O Nativismo Através da Alma de Mistral* (A voz de Cabo Verde, 1915); *O Grande Exemplo da Inglaterra* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Ecos&Notícias* (A voz de Cabo Verde, 1915); *A Emigração Para a América*; *Regimes de Administração* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Província de Cabo Verde, O Projecto da Carta Orgânica* (A voz de Cabo Verde, 1915); *A Segunda República Portuguesa* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Aos Eleitos Cabo-verdianos* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Usurpação da Função Popular* (A voz de Cabo Verde, 1915); *O melhor Caminho* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Em 40 Dias de Administração* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Senador Vera Cruz* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Horizontes Sombrios*

(A voz de Cabo Verde, 1915); *França Borges* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Dr. João Augusto Martins* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Venizelos Desportado?* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Duas Normas de Administração* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Considerações Abstractas* (A voz de Cabo Verde, 1915); *Olhando do Alto...* (A voz de Cabo Verde, 1916); *José Rodrigues Aleixo* (O Manduco, Maio de 1924); *Sendas Impérvias* (O Manduco, Maio de 1924); *Águias das Cumiadas da História* (Brava, 12.12.1924, Vasco da Gama, número único comemorativo do 4.º centenário do seu falecimento); *Brava – Trechos de uma Monografia* (Boletim da Agência Geral das Colónias, Março de 1929).

### **1.3. Principais traços de uma leitura crítica de Eugénio Tavares**

Enquanto ícone da identidade cabo-verdiana, despertou o interesse de muitos intelectuais e estudiosos que desenvolveram e refletiram sobre a sua obra, reconhecida como um dos mais importantes marcos da cultura crioula. A sua obra é conhecida e estudada em várias universidades lusófonas, alargando o leque crítico na compreensão da obra eugeniana. Para enriquecer a nossa compreensão sobre a sua obra literária iremos abordar, a partir de alguns estudos críticos desta obra ou da sua obra, realizados nas universidades lusófonas (nomeadamente Cabo Verde e Brasil), os principais traços de uma leitura crítica de Eugénio Tavares.

#### **1.3.1. Amor**

O primeiro traço literário que sobressai na obra eugeniana é o amor. Este é o traço marcante na obra de Eugénio Tavares, em especial na sua obra poética e nas letras das mornas. Poeta romântico, como era sobejamente conhecido, traz à sua obra literária a maior

força da sua existência: o afeto. Realiza nela uma espécie de diário pessoal, onde relata a sua experiência “amorosa”: com a sua mãe; com o seu povo; com o seu mar, etc. A forte experiência que viveu na infância, da perda dos pais biológicos e de acolhimento por uma outra família, determinou a centralidade existencial da dimensão afetiva. Disso nos adverte o filósofo Elter Manuel Carlos nos seus escritos acerca do poeta:

«Terá sido, talvez, este amor originário que germinou, mesmo sem a presença dos pais biológicos, que estimulou Eugénio Tavares a fazer do amor o tema central da sua excelsa obra poética, uma ideia que está bem traduzida nas palavras do poeta: “... entre as minhas infelicidades não faltou essa suprema de eu ter aberto os olhos na vida ao mesmo tempo que ela (a minha mãe) fechava os seus no sono eterno”. Apesar desta infelicidade inicial, continua Eugénio: veio a ter “por milagre da bondade humana, parente, pais, Amor, tudo! Tudo, com origem no Amor; nada, com origem no sangue!”»<sup>48</sup>

Se este foi o momento, marcante ou não, que terá despertado a sua alma para o amor não temos a certeza, mas sabemos que a sua vida foi toda marcada pela sabedoria do amor, que o auxiliou na procura da experiência humana do sentido. Este amor que se tornou a medida do poeta traduziu-se na relação afetiva que tinha para com o seu povo e a sua terra. Algo que está bem expresso na sua obra literária, carregada de um lirismo romântico, onde a saudade e o afeto pelo outro (pessoa ou coisa) são as suas marcas próprias. Tendo o Amor como grande traço essencial, Eugénio Tavares marca uma nova etapa na cultura literária e musical em Cabo Verde, enriquecendo-a de palavras e temas relacionados com este sentimento. Exemplo disto é a instituição da morna, como hoje a conhecemos: «carregada de lirismo e tendo o mar, a partida e a saudade como referências incontornáveis»<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> Cf. E. M. CARLOS, “Filosofia, Arte e Literatura: uma abordagem sobre a formação poética, literária e estética do povo cabo-verdiano”, Movimento internacional Lusófono, Lisboa, 2015, 103-104.

<sup>49</sup> G. NOGUEIRA, “Eugénio Tavares”, in *Cabo Verde & A Música, Dicionário de Personagens*, Campo da comunicação, 2016.

A noção de amor em Eugénio Tavares, como havemos de desenvolver mais adiante, plasma-se numa estrutura poética condizente com os estados espirituais do próprio poeta. O tema do amor na obra eugeniana, como traço marcante da sua obra, não se reduz ao amor *tropical* (do homem pela mulher) como alguns estudiosos da obra eugeniana apontam. Eugénio faz uma abordagem mais alargada do amor, chegando ao ponto de mencionar o amor como algo divino, ou ainda superior ao divino. Algo que pode aparentemente ser considerado uma heresia na religião que professava (cristã), mas que para muitos estudiosos do poeta não é um ponto final, mas um ponto de interrogação, sinal de que o poeta deixa espaço para contradições.

Elter Manuel Carlos, filósofo e estudioso da poesia cabo-verdiana, no seu artigo *Uma filosofia do amor na poesia de Eugénio Tavares* propõe uma reflexão sobre a filosofia amorosa presente na poesia de Eugénio Tavares. Convida a refletir sobre este tema marcante na obra eugeniana. O amor que é descrito por este autor como a sabedoria de vida, como havemos de ver mais à frente, conduziu o poeta na busca do sentido. Para este filósofo, o nosso autor destaca-se como personagem exemplar da cultura cabo-verdiana, por fazer verter uma epopeia sentimental própria do povo cabo-verdiano. Este amor, que é «indissociável de Deus, mas também do mar e da ilha, da viagem e da emigração»<sup>50</sup> e que é o tema primordial da sua criação poética, é para este poeta o «ápice norteador do existir que se manifesta a marca filosófica da sua poesia, sem esquecer a prosa poética, os contos e as composições musicais que marcam indelevelmente o povo cabo-verdiano como povo de mornas e saudade»<sup>51</sup>. A partir do amor, que é a grande filosofia de vida do poeta, ele viria a construir o seu mundo e o seu universo literário e musical. Este amor «desmedido e transbordante, muitas vezes pautado por um certo sofrimento (que em Eugénio Tavares se explica pela ausência da

---

<sup>50</sup> Cf. E. M. CARLOS, “Filosofia, Arte e Literatura: uma abordagem sobre a formação poética, literária e estética do povo cabo-verdiano”, Movimento internacional Lusófono, Lisboa, 2015, 105.

<sup>51</sup> Cf. *Ibidem*.

pessoa amada) é presença real na sua poesia»<sup>52</sup> e serve como interrogação ao leitor da sua arte literária, em especial nos tempos atuais onde o amor vem ganhando a configuração daquilo a que Zygmunt Bauman denomina de amor líquido (a incapacidade que se vive hoje de criar laços, submetendo-se à lógica do descartável e da rapidez do tempo). Deste modo, este autor vê no mundo poético de Eugénio Tavares, «um impulso cativante e enobrecedor para a regeneração do amor enquanto presença real no espírito do homem e da mulher do século XXI, bem como cativá-los a aproximarem-se de Deus mediante uma mística fundamental».<sup>53</sup> Somos convocados a olhar a poesia de Eugénio Tavares pelos olhos deste autor, como forma de fazer clamar ao amor num mundo onde o «humano é cada vez mais subjugado à lógica de linguagens unidirecionais e instrumentais, linguagens que resvalam o humano numa conseqüente fragilidade ontológica»<sup>54</sup>. O amor foi para o poeta o desígnio que, mesmo confrontado com a experiência do limite humano e da dor, lhe permitiu a experiência de um “mundo místico desejoso de plenitude”<sup>55</sup>. O amor na obra eugeniana aparece como «desejo, motivação e sentimento impulsionador de uma vida que, condignamente procure um sentido que a explique na sua plenitude: e é aí que entra Deus, sempre indissociável desse amor regenerador de vida».<sup>56</sup> Este amor que segundo o poeta tem origem em Deus é algo sublime e especial, pois como afirma Elter Manuel Carlos

«transcende a mera relação entre os amantes, uma relação onde o amor conduz à benevolência e ao desejo de querer o bem da pessoa amada, para se inscrever no horizonte mais amplo da ilha natal e da Terra-mãe, do seu povo e da sua cultura, tendo sempre presente Deus como elevação espiritual, fonte e origem do amor»<sup>57</sup>.

---

<sup>52</sup> Cf. E. M. CARLOS, “Filosofia, Arte e Literatura: uma abordagem sobre a formação poética, literária e estética do povo cabo-verdiano”, 106.

<sup>53</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>54</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>55</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>56</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>57</sup> Cf. *Ibidem*, 106-107.

Este filósofo deixa claro no seu estudo, que o amor descrito por Eugénio não se reduz ao amor tropical/erótico também presentes na sua obra literária, mas transcende-o dando assim um grande contributo para a experiência humana e afetiva do povo.

«Eugénio Tavares, ao conceber o amor como algo criado por Deus e, simultaneamente, condição para alcançar o reino de Deus, parece mais próximo do *Ágape* do que *Eros*, embora dando-lhe, naturalmente, a tonalidade cabo-verdiana de um amor tropical, bem representada na palavra “Crecheu”. Trata-se de um sentimento que transcende os desejos da carne, mas que encontra no corpo a sua forma de se manifestar/afetar. Pois para este poeta, “o amor é algo de compartilhado. Trata-se de um amor onde o Eu (a identidade) se comunga com o Outro (a alteridade) mediante uma experiência mística fundamental”»<sup>58</sup>.

Este amor que se traduz no desejo de querer o bem da pessoa amada tem medo da distância e da separação da pessoa/coisa amada. Por isso, nos seus vários poemas e letras de morna, Eugénio Tavares dá a perceber que a partida, para ele, tem o sentido de morte e sofrimento, enquanto o regresso tem o sentido de ressurreição. «Simbolicamente trata-se de morrer para salvar a vida»<sup>59</sup>. O exemplo disto é o seu poema *Força de Crecheu*:

<b>Língua original: Crioulo</b>	<b>Proposta de tradução: Português</b>
<i>Crecheu mas sabe</i>	Amada mais doce
<i>É quel</i>	É aquela
<i>Que q'rem...</i>	Que me quer...
<i>Se já'n perdel,</i>	Se eu a perder
<i>Morte já bem...</i>	A morte chegou...

Fica-nos deste artigo a complexidade na abordagem do tema amor por parte do poeta, que não o reduz ao amor erótico, mas o eleva a outros horizontes, nomeadamente, ao

<sup>58</sup> Cf. E. M. CARLOS, “Filosofia, Arte e Literatura: uma abordagem sobre a formação poética, literária e estética do povo cabo-verdiano”, 111.

<sup>59</sup> Cf. E. M. Carlos, *Uma filosofia do amor na poesia de Eugénio Tavares*, 108.

horizonte religioso, onde Eugénio identifica a fonte do amor. Esta complexidade na abordagem do amor, entre um amor tropical/erótico e o amor agápico, deve-se a essa cultura híbrida cabo-verdiana, que junta em si valores cristãos e tradições oriundas de povos culturalmente diferentes. E, neste caso, o facto de a cultura cabo-verdiana ter transportado os efeitos da matriz tropical, como das matrizes judaico-cristã e greco-latina, na abordagem do amor. Fica, também, a grande contribuição que o pensamento do poeta pode dar ao nosso mundo hodierno carente deste amor, enquanto o desejo de querer o bem do outro. Somos convocados a encontrar no amor o sentido para a nossa vida.

### **1.3.2. Deus**

Outro traço literário do poeta cabo-verdiano que marca profundamente a sua obra literária e musical é a religião. Mais concretamente a religião católica onde lhe foram administrados os sacramentos. Pela sua relação próxima com a Igreja Católica e pela forte marca da religiosidade na sua obra, concluímos que Eugénio Tavares era um homem de fé e que do berço até à morte professou a Fé Católica. No entanto, «nunca se deixou ficar prisioneiro da Igreja Católica, nem manietado pelos padres, exibindo sempre a sua liberdade de espírito e de opinião em matéria de fé e religião»<sup>60</sup>. Vindo até com os nazarenos, com a Instalação da República em 1910, defender a liberdade religiosa, lutando para que as duas religiões (católica e Nazarena) coexistissem na sua ilha. No entanto, é notável na sua obra literária e musical, a existência de referências bíblicas e teológicas, onde o poeta se inspira para ler e exprimir o que vê e sente. A Bíblia é para Eugénio Tavares o léxico onde ele empresta palavras para dar significado àquilo que vive e observa.

Genivaldo Rodrigues Sobrinho na sua obra *Eugénio Tavares: Retratos de Cabo Verde em prosa e poesia* dedica um ponto do seu livro a falar sobre a reflexão religiosa

---

<sup>60</sup> Cf. Citada a partir de <https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/obra/hinos.html>, [acedido a 10/07/19]

presente na obra eugeniana. Neste ponto, ele faz uma análise religiosa dos poemas de Eugénio Tavares, demonstrando a presença da religião/Deus no pensamento do poeta; Deus este que é visto e pensado a partir de várias perspetivas. Fala-nos de um Deus neotestamentário, que permite o “desconcerto do mundo”<sup>61</sup> pois Ele próprio se identifica com os que sofrem e padecem do sofrimento.

«O eu poético conclui o soneto afirmando que o “certo é que Deus prefere uma coroa de espinhos e de fé na fronte melancólica dos justos, ao invés de uma coroa de glórias, sugerindo, desta forma, que os justos, de acordo com a tradição cristã, precisam abandonar tudo o que é material, transitório, mundano, e passar por provações para, enfim, merecer o manjar de lutadores, galardão de vencedores esforçados».<sup>62</sup>

O “desconcerto do mundo”, que dá tema a um dos poemas de Eugénio Tavares, surge do coração do lírico que chora ao ver o sofrimento do seu povo, as injustiças e corrupção da sociedade em que vivia. Esta revolta no coração, que é causa da «má distribuição do Bem, da Verdade e do Amor leva o eu lírico a, finalmente, recusar a existência de um Deus cristão que demonstre indiferença ao sofrimento dos justos e inocentes»<sup>63</sup>:

### ***Deus***

Dormes, Sombra enigmática? Repousas,  
Anojado de ver o fero Mal  
Cravar, impunemente, o seu punhal  
No coração do homem? E não ousas

Desviar os teus olhos para as cousas  
Que fermentam no fundo desse urzal

---

<sup>61</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 123.

<sup>62</sup> Cf. *Ibidem*, 124.

<sup>63</sup> Cf. *Ibidem*, 126.

Da alma humana? Será, Deus eternal,  
Esse teu sono o último, de lousas?

Sentes jorrar o sangue da inocência  
E vês correr as lágrimas dos tristes?  
Não ouves o estertor da consciência

Estrangulada? Indiferente assistes  
À ação feroz do crime? Onnipotência!  
E teu sono é morte! Não existes!<sup>64</sup>

Nota-se expressa neste poema, na confissão de Eugénio Tavares, uma grande semelhança com a personagem bíblica de Job. Por um lado, vemos o desabafo do poeta que presencia o sofrimento do povo, causado pela maldade dos que deviam dele cuidar, e que o poeta de forma empática também sente. A sua revolta é contra o Deus que se silencia perante todo este sofrimento. Mas, por outro lado, vemos também o poeta que reconhece a empatia de Deus, que se identifica com os frágeis que sofrem pelos abusos dos mais poderosos. Portanto, não existe na relação do poeta com Deus uma separação, assim como não havia em Job. Mas sim uma paradoxal confiança, até ao ponto do poeta considerar que Deus é a origem do amor, que salva e resgata todos. É este amor salvífico que Deus colocou no coração do homem, como uma semente, para que esse vivesse a sua vida como dom. Assim diz na sua morna *Força de Crecheu*: «Ó força do amor/Abre as minhas asas em flor/E deixa-me alcançar o céu/Para ir ver o Nosso Senhor,/Para que eu lhe peça semente/De Amor como o meu,/Para que possa dar a todos,/Para que todos possam conhecer o céu!»<sup>65</sup>.

---

<sup>64</sup> Cf. F. MONTEIRO, *Eugénio Tavares – Poesia Contos Teatro*, 19.

<sup>65</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 159.

## 1.4. A discutida origem da morna cabo-verdiana

Julgamos de extrema importância para o nosso estudo do afeto neste estilo musical, que exprime o expoente máximo da sensibilidade do povo cabo-verdiano, aprofundar a reflexão que se tem feito sobre a origem da morna. Contudo, temos consciência que não é fácil precisar a origem da morna, e quando o tentamos fazer deparamo-nos com algumas dificuldades, visto tratar-se de um tema muito divisivo entre os seus investigadores. Este facto deve-se a uma grande ausência de informações e documentos comprobatórios. Talvez a transmissão oral tenha sido uma das fontes de informação mais eficaz, como nos afirma Vasco Martins: «[...] as fontes de informação são essencialmente orais, muita coisa se perdeu, a memória humana é imprevisível, e separar o trigo do joio é uma tarefa insegura e flutuante»<sup>66</sup>. Dada a insuficiência de fontes históricas, várias são as teses para explicar a sua origem, e havemos de apresentar algumas delas. Mas por agora pretendemos expor a sua definição que, a nosso ver, parece ser mais consensual entre os seus estudiosos. Dos vários estudiosos da morna que tivemos oportunidade de ler, podemos afirmar que entendem, por unanimidade, a morna como sendo uma prática musical que se estrutura em três dimensões: melodia, poesia e dança, caracterizando-se pelo compasso quaternário, ritmo lento, e predominância dos esquemas tonais menores clássicos perfeitos de influência europeia. Versando sobre temas lírico-passionais, produz-se uma canção melancólica, muito vinculada ao sentimento do amor, ao sofrimento, à saudade, à ternura, à tristeza, à ironia, e à boa ou má sorte do destino individual. É interpretada por uma voz solista, homem ou mulher, havendo também mornas apenas instrumentais. Ela é geralmente acompanhada por instrumentos acústicos como a viola, o cavaquinho, o violino, e recentemente pelo piano, a percussão e o baixo. Contudo, o violão não deixa de ser o instrumento de excelência da morna, permitindo a realização dos baixos corridos (designados bordões), a ampla utilização de acordes de

---

<sup>66</sup> Cf. V. Martins, *A música tradicional cabo-verdiana – I (A morna)*, Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco, Praia, 1989, 9.

transição (meios-tons) e o favorecimento das condóidas *Txoradinhas* (sons agudos e arpejados). No entanto, mais do que um estilo musical, ela é para o povo cabo-verdiano a memória coletiva do viver da sua gente, pois documenta experiências de um quotidiano. Nela encontramos de forma explícita a alma do povo cabo-verdiano, como afirma Osório de Oliveira: «[...] nunca, com efeito, a alma dum povo encontrou, tão perfeitamente, a sua expressão, numa única manifestação de arte».<sup>67</sup> Para conhecer os sentimentos e os anseios do povo cabo-verdiano nada como ouvir as belas poesias acompanhadas de uma melodia nostálgica, dando origem assim a uma harmonia nunca vista: a morna.

Como referimos no início deste ponto, tendo em conta a insuficiência de dados históricos palpáveis, a origem da morna permanece envolta numa penumbra. No entanto, quanto ao lugar do seu nascimento e amadurecimento, os autores não divergem muito entre si. Deste modo, encontramos duas grandes teses relativamente à ilha onde nasceu. A primeira tese e a mais consensual «remete-nos para os meios sociais oitocentistas da ilha da Boavista, onde, a partir do *Landú*<sup>68</sup>, caracterizado por compassos mais alegres e acelerados e por ritmos mais vivos, se fez a transição para a morna básica, ainda no compasso binário, cuja dança se sobrepunha ao canto. Esta tese é sustentada por Eugénio Tavares, que na sua obra *Mornas Cantigas Crioulas* afirma que a morna é originária da Boa Vista. «Passou, depois, às outras ilhas, adaptando-se, e tomando a feição psíquica de cada povo, como que num gráfico de ascensão ou descensão em sua expressão artística»<sup>69</sup> A segunda tese, que pretende determinar a ilha onde nasce e amadurece a morna, «encontra argumento na mais antiga morna conhecida em Cabo Verde, *Brada Maria*<sup>70</sup>, surgida na ilha Brava ainda no século XIX»<sup>71</sup>. Cabe salientar

---

<sup>67</sup> Cf. Citado a partir de <https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/obra/mornas.html>, [acedido a 12/07/20].

<sup>68</sup> *Landú* – Dança e canto de origem africana, trazida pelos escravos, especialmente de Angola, para o Brasil.

<sup>69</sup> Cf. F. MONTEIRO, *Eugénio Tavares – Poesia, Contos, Teatro*, 113.

<sup>70</sup> *Brada Maria* – Morna de Eugénio Tavares tida como referência da morna mais antiga da ilha da Brava.

<sup>71</sup> Cf. Texto do Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial produzido pelo Instituto do Património Cultural entregue na UNESCO para a nomeação da Morna a Património Mundial Imaterial, citado a partir de <http://www.ipc.cv/index.php/morna>, [acedido a 26/05/20].

neste ponto que é precisamente na Ilha da Brava, onde nasce o poeta, autor em estudo, que a morna ganha maior protagonismo a nível nacional:

«Devendo-se a Eugénio Tavares, pelos seus poemas repletos de lirismo amoroso, em conjugação com utilização de harmonias propícias para o canto, o surgimento de uma “nova morna” mais dramatizada, e já com o compasso quaternário»<sup>72</sup>.

Acerca dessa discutida origem da morna, parece-nos importante esmiuçar um pouco mais sobre as várias teses que pretendem explicar como surgiu este estilo musical que visa ser expressão dos afetos do povo cabo-verdiano. Das várias teses apresentadas, iremos focar-nos nas explicações mitológico-especulativas em Daniel Filipe; explicações lendárias entre os populares boavistenses em Manuel Lopes; explicações reflexivas em Eugénio Tavares e Francisco Xavier da Cruz (B. Léza); e por fim as teses etno-musicológicas em José Alves dos Reis e em Vasco Martins.

Estas várias tentativas de atribuírem à morna uma génese partem do princípio de que a morna, enquanto produção humana, por um lado, «procede do meio autóctone de acordo com os condicionalismos humanos, materiais e espirituais locais; e, por outro, de que ela é passível de mutações em contacto com outras realidade humanas, materiais e espirituais».<sup>73</sup> O esclarecimento da génese da morna poderá ajudar, por seu turno, a compreender melhor a própria génese da identidade cultural do povo cabo-verdiano.

---

<sup>72</sup> Cf. Texto do Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial produzido pelo Instituto do Património Cultural entregue na UNESCO para a nomeação da Morna a Património Mundial Imaterial, citado a partir de <http://www.ipc.cv/index.php/morna>, [acedido a 26/05/20].

<sup>73</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, Instituto Superior de Educação, Praia, 2002, 193.

### **1.4.1. Explicações mitológico-especulativas**

Esta tentativa de explicação da origem mitológica-especulativa defendida por Daniel Filipe parte do pressuposto de que o canto e a dança estão intimamente ligados à vivência religiosa dos povos ditos primitivos. Algo que, embora o tempo possa ter eliminado as origens, ainda hoje continuam vivas na alma do povo seu titular. Daniel Filipe questiona quem terá trazido do seu passado a solitária canção. O próprio poeta tenta responder, dando fim às suas inquietações, atribuindo a Deus a autoria deste *lúcido canto*. Se o poeta terá encontrado «alguma similitude do termo morna e o seu significado com alguma divindade da mitologia antiga. Ou [terá querido passar uma mensagem] quanto ao sentido profundo da morna, em relação à humilhação seguida da destruição da alma africana pela escravatura?»<sup>74</sup> não tivera oportunidade de obter resposta a esta interrogação especulativa, devido à sua morte precoce. No entanto, não é descabido pensar numa origem mitológica da morna como inspiração divina da parte de Deus ao homem, visto haver grandes semelhanças das mornas com os salmos bíblicos, enquanto grandes composições poéticas que revelam a alma humana na sua grandeza e limite.

### **1.4.2. Explicações Lendárias**

Uma outra tentativa de explicação da origem da morna que trazemos à discussão parte das lendas contadas pelos moradores mais idosos da ilha da Boavista, que também atribuem a origem da morna à ilha. Esta lenda, sobejamente conhecida na ilha da Boavista, viria a ser retomada pelo escritor cabo-verdiano Manuel Lopes, que a retrata da seguinte forma:

«[...] Foi na ilha da Boavista, entre os pescadores, que nasceram as primeiras toadas rítmicas e queixosas da morna – razão [...], porque a morna tinha cadência de remo na

---

<sup>74</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, Instituto Superior de Educação, Praia, 2002, 194.

forqueta, e embalava os pares, na sala, como o bote embalava os pescadores no mar da costa. Foi para esquecerem as horas que os pescadores arranjaram uma cantilena ao ritmo do balançar do bote.»<sup>75</sup>

Atribuindo a origem da morna à ilha boavistense neste contexto piscatório, podemos olhar para a criação da morna como um canto de queixumes, que servia como “compensação” psicológica à tortura, fadiga física e mental provocada por esta atividade piscatória.

«Para evitar estados de espíritos torturantes e incómodos, cria automaticamente compensações psicológicas, muitas vezes partindo da sua própria estrutura bio-cultural, face às imposições adversas provenientes de outrem ou do seu próprio ambiente natural»<sup>76</sup>.

É claro que esta explicação lendária tem uma forte plausibilidade, em comparação com outros estilos musicais que tiveram origem nas outras ilhas nos mesmos contextos laborais. Deste modo, a morna seria uma cantiga de trabalho. Ainda na ilha de Boavista, aparecem outras lendas sobre a origem da morna. Exemplo disto é a que relata a origem da morna nos sons produzidos pelo arrastar das correntes dos escravos-galegos dos primórdios do povoamento da ilha;<sup>77</sup> outra lenda, vinda da ilha de São Vicente por volta de 1986, narra que a morna veio de uma «raça que tinha saudades da terra e que lamentava, como que cantasse, e as lamentações eram como cantos africanos.»<sup>78</sup>

Embora todas estas tentativas sejam apenas lendárias, sem base científica, não se podem ignorar essas lendas. Na verdade, enquanto expressões da tradição oral, poderão fornecer dados empíricos que possam ajudar a explicar a origem e evolução da morna.

---

<sup>75</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, 195.

<sup>76</sup> Cf. *Ibidem*, 195.

<sup>77</sup> É lenda entre os populares da Boavista que a povoação de João Galego, na Zona Norte, foi fundada por escravos-galegos (escravos brancos provavelmente provenientes da Europa).

<sup>78</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, 196.

Principalmente em Cabo Verde, onde há muita escassez de fontes escritas, mas abundantes memórias coletivas que vão passando de geração em geração.

## **1.5. O contexto e a terminologia: pistas para uma discussão das origens**

### **1.5.1. Contexto**

Embora a insuficiência das fontes históricas não permita descrever com precisão a origem da morna, é importante referir o contexto onde esta aparece para melhor percebermos a sua finalidade e composição. Como produto que surge enquanto expressão afetiva e sentimental do povo, torna-se essencial perceber o contexto antropológico, geomorfológico e socioeconómico onde este se insere, para melhor percebermos a sentimentalidade que caracteriza a morna:

«(...) para compreender bem a sua sentimentalidade (...) é preciso lembrarmo-nos de que os cabo-verdianos são uma raça mestiça, que a sua terra é um arquipélago, que o seu clima é dos trópicos e que as suas condições de vida obrigam o seu povo a emigrar.»<sup>79</sup>

Deste modo, iremos abordar de forma breve alguns contextos que nos parecem ser importantes para compreendermos a origem da morna enquanto canto do afeto do povo cabo-verdiano.

### **1.5.2. Contexto socioeconómico**

Segundo uma tese conceituada, a morna teve origem num sistema de exploração económico-escravocrata, o que justifica a sua temática marcada por um misto de dor

---

<sup>79</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, 192.

“nostálgica”<sup>80</sup>, resultante, talvez, das condições escravocratas e da dor da “saudade”<sup>81</sup> decorrente da ausência do ente-querido que emigrou. Neste sentido, as letras da morna são o meio pelo qual o povo expressa o seu afeto e os sentimentos que assaltam a sua alma. Tendo em conta que a música é um fenómeno psicossocial e cultural, que deriva e brota dos sentimentos de um povo no contexto em que vive, a morna poderá ter sido obra dos primeiros trovadores boavistenses que, revoltados pela situação socioeconómica que se vivia, encontraram neste estilo musical uma forma de protesto e lamentação. Na verdade, na ilha da Boavista, por motivos da escravatura, toda a psicologia do negro-escravo andaria em revoltas permanente, contornadas pela impotência e pela lamentação face às opressões do branco-colono»<sup>82</sup>. É neste sentido que compreendemos a morna como sendo um «produto de uma raça, de uma terra, de um clima, e das condições de vida de um povo»<sup>83</sup>. Tem assim a grande finalidade de expressar através da música, poesia e dança, aquilo que são os afetos do povo cabo-verdiano. As letras da morna tornam-se «representações simbólicas do modo de vida do povo que a criou, representações que realizam através da música, do canto, da poesia, do gesto e da coreografia (...)»<sup>84</sup>. É a forma que o povo encontra para «soluçar e cantar o seu pesar, a sua tristeza e o seu queixume em tom plangente, dolente e soluçante»<sup>85</sup>, como atesta Armando Napoleão Rodrigues Fernandes.

---

<sup>80</sup> Este termo é muito frequente nas letras da morna. Quer significar a dor profunda, resultante do desespero de quem foi obrigado a deixar a sua terra de origem e sabe que nunca mais a ela regressará.

<sup>81</sup> Trata-se também de outro tema fundamental nas letras da morna e tem a ver com as lembranças tristes e suaves de alguém que se encontra ausente e de quem se tem a esperança ou a certeza de um dia reencontrar.

<sup>82</sup> Cf. A. G. LIMA, “A morna: A língua como expressão dos sentimentos”, *Revista Cultura*, N.º 1 (s.d.).

<sup>83</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>84</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, 182.

<sup>85</sup> Cf. *Ibidem*, 181.

### 1.5.3. Contexto Antropológico

Um outro contexto que consideramos importantíssimo na origem da morna é o que António Germano Lima aponta no seu livro *Boavista, Ilha da Morna e do Landú*. Consiste na relação ama-escrava e os seus filhos ou filhos dos seus senhores. Para a povoação da ilha da Boavista (que viria a acontecer mais tardiamente), foram levados escravos da ilha de Santiago, que por sua vez trouxeram consigo elementos da sua herança cultural, as suas melodias de embalar e de ninar crianças. Nesta altura, tendo em conta as funções biológica, social e cultural da mulher escrava na preservação da herança negro-africana, esta tarefa de embalar e ninar os filhos era uma das tarefas fundamentais da ama-escrava. Assim nos deixou o registo, Pierre Verger:

«[...] ‘as crianças eram educadas por amas negras. Embaladas por canções africanas, divertidas e acalmadas pelas narrações das lendas e dos contos africanos, tudo contribuía para lhes fazer aceitar sem reação nem surpresa a presença das religiões africanas implantadas no país.»<sup>86</sup>

Este canto para embalar os filhos dos colonos e os seus também, estava certamente carregado de sentimentos da psique africana, privada de liberdade, longe das tribos donde eram originárias. «Neste embalo, a música e a palavra certamente misturavam-se e se alternavam em tristes melodias»<sup>87</sup>. Este canto de embalar, protagonizado pelas mães-negras, meio transmissor de toda a herança cultural da sua terra, terá sido um dos elementos determinantes na criação e modelação da morna. Assim nos afirma António Germano Lima: «As relações afetivas entre as amas-escravas e os seus próprios filhos e os filhos dos seus

---

<sup>86</sup> Cf. M. D. BELCHIOR, *Fundamentos para um Política Multicultural em África*, Companhia Nacional Editora, Lisboa, 1966, 227.

<sup>87</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, 223.

senhores [...] terão sido um dos elementos determinantes na criação e modelação da morna». <sup>88</sup>O que é certo é que a transmissão dessa herança negro-africana da ama-escrava para os seus filhos e os filhos dos seus donos, encontram-se ainda enraizados na tradição boavistense fortes traços de cultura afro-negras. No que se refere à morna, a figura da ama-escrava terá influenciado o aparecimento dos primeiros compositores das mornas da Boavista: as *mulheres-compositoras*. Assim nos afirmam não só os populares da Ilha, mas também os exímios executantes de instrumentos musicais, indicando que a morna foi criação das primeiras cantadeiras boavistenses. Deste modo podemos afirmar que a ama-escrava foi, por isso, «a transmissora desse rico património ao novo grupo humano emergente, sobretudo nos primeiros anos de vida da criança, nomeadamente nos atos de amamentar e de embalar» <sup>89</sup>.

#### 1.5.4. Contexto geomorfológico

Para rematar este ponto, que procura analisar os contextos que influenciaram a origem da morna, apresentamos o contexto geomorfológico que vem na continuidade do ponto anterior, referindo-se ao encontro de culturas no processo do povoamento da ilha de Boavista. Estes contextos dão-nos conta da ligação umbilical que existia entre o boavistense e o santiaguense no primeiro século do povoamento da Ilha da Boavista, importantes para o germen da “protomorna” boavistense. Segundo António Germano Lima, no processo de povoação da Ilha de Boavista os grupos étnicos afro-negros, levados de Santiago, trouxeram os seus cantos e danças de origem africana, provavelmente o *batuque*<sup>90</sup> e o *funaná*<sup>91</sup>, que vieram a assumir na ilha de Boavista novos contornos. Com efeito, apesar de o batuque e o funaná serem estilos musicais criados pelos escravos de Santiago na ilha de Boavista, dado o período e estado psicológico em que se encontravam, foram criadas condições para

---

<sup>88</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, 223.

<sup>89</sup> Cf. *Ibidem*, 224.

<sup>90</sup> O *Batuque* (Batuku ou Batuk em crioulo cabo-verdiano) é um género musical, um património cultural e também um género de dança de Cabo Verde.

<sup>91</sup> O *funaná* é um género musical e de dança originário de Cabo Verde.

começarem a surgir «elementos culturais autóctones, como cantos e danças que refletissem o modo de vida vil a que eles se encontravam submetidos»<sup>92</sup>. Deste modo, vários são os estudiosos que reivindicam a criação da morna a partir destes cantos (*finason do batuque*<sup>93</sup> e o *funaná*) pela semelhança que existe entre ambos. Conclui-se assim que o «gérmen da morna [...] poderá ter sido a modelação cantante dos queixumes e lamentações de Santiago, na forma de *finason lento do batuque*, levadas para Boavista como o grosso dos escravos»<sup>94</sup>. Assim, podemos considerar que a fase protomorna (*do finason*) foi determinada pelo substrato cultural afro-negro, baseado nos queixumes e lamentações da dor que, na Boavista, ainda torturava a alma dos escravos.

## 1.6. Terminologia

Quanto à terminologia morna, dada a insuficiência das fontes históricas, permanece como mistério. Na tentativa de uma hermenêutica da terminologia surgem várias propostas, nada consensuais, entre os seus investigadores. No esforço de atribuir uma origem autóctone ao termo morna, os autores divergem uns dos outros. Alguns afirmam que a designação “morna” deriva do adjetivo “morno”; outros do verbo inglês “to mourn”; outros, ainda, relacionam com a palavra “modinha”<sup>95</sup>. Outros autores, sem se preocupar com a origem do termo, limitam-se a constatar a designação morna como canto-dança. Exemplo disto é o que escreve Osório de Oliveira sobre a morna: «a morna é o nome que designa, ao mesmo tempo, a dança e as canções típicas de Cabo Verde. Ritmo do baile, palavras e música das canções, são coisas inseparáveis»<sup>96</sup>. Sem querer ter a pretensão de resolver este enigma, apresentaremos de forma sucinta algumas teses de autores que se debruçaram sobre esta

---

<sup>92</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, 220.

<sup>93</sup> São versos, provérbios improvisados, que abordam temas diversos do quotidiano desde o louvar certas personalidades até críticas sociais.

<sup>94</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, 221.

<sup>95</sup> Estilo musical, nascido no Brasil no século XVII e que teve muita influência na morna que se desenvolveu na ilha de São Vicente.

<sup>96</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, 182.

problemática da terminologia. De entre os autores que tentaram uma explicação para a origem do termo *morna*, do que se sabe, encontram-se o professor e poeta José Lopes, o filólogo e professor Baltasar Lopes da Silva, o musicólogo Vasco Martins e, por fim, o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre.

O professor Baltasar Lopes defende a tese de que a terminologia *morna* deriva do termo português *morno*. Ou seja, para se chegar ao termo *morna*:

«Substantivou-se a forma feminina do adjetivo “morna” e com ela se designa a música e a dança típica do arquipélago. Derivou o verbo “morna” (mornar), isto é, “dançar a morna” e, deste, o substantivo e adjetivos “mornador” e “mornista” (mornista)»<sup>97</sup>.

No entanto, parece que esta tese não é bem sustentada, segundo o parecer de alguns estudiosos. Com efeito, algumas mornas modernas «denunciam um tipo de lamentação que não é possível se exprimir através do feminino do adjetivo português *morno*, por este não possuir aquele significado profundo e telúrico próprio da alma sofrida do povo cabo-verdiano»<sup>98</sup>; concluindo assim que os sentimentos que o termo *morna*, que exprime o canto-dança, encerra não poderão ter sido exprimidos pela simples substantivação da forma feminina do adjetivo português *morno*.

Por sua vez, Vasco Martins encontra na raiz *moda* a explicação para a origem do termo *morna*. Tendo em conta que o estilo “modinha” terá influenciado, a partir de um determinado momento, a *morna*, Vasco Martins é da opinião de que o termo *morna* terá surgido deste outro estilo musical: a “moda”. Porém, segundo o parecer de muitos linguistas, esta tese não tem muito fundamento linguístico, visto não se conseguir explicar a passagem do termo “moda” para o termo *morna*.

---

<sup>97</sup> Cf. B. L. SILVA, *O dialeto crioulo de Cabo Verde*, Centro de Estudos Políticos e Sociais - Imprensa Nacional (Casa da Moeda), Lisboa, 1957, 323.

<sup>98</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, 183.

Uma outra tese sobre a explicação da origem do termo *morna*, que parece ser mais consistente, é a defendida por José Lopes. Este autor sugere a hipótese de uma origem etimológica portuguesa para o termo *morna*, dando-nos conta de que no «Alentejo, Portugal, existem uns *descantes* populares dolentes, *dum sabor de melopeias, talvez monódias*, chamadas *mornas*, provavelmente de origem mourisca e afro-negra»<sup>99</sup>. Nesta linha, somos convocados a pensar numa possível relação existente entre as cantigas alentejanas e o canto dos balantas e, também, na presença de escravos em Portugal, algo que se justifica pela própria história, visto que entre 1441 e 1505 foram levados da África Negra para os trabalhos de campo em Portugal, principalmente no Alentejo. Deste modo, torna-se sustentável esta tese da origem do termo da *morna* no termo português *morna*, que são os *descantes* populares do Alentejo.

«Assim, é absolutamente normal que os escravos, muitos deles traficados das terras balantas, levados para o Alentejo, uns e outros trazidos para Cabo Verde, tenham preservado e cultivado os seus cantos que, em contacto com outros espaços físico-humanos, tenham dado origem a novos cantos ou influenciado os cantos nativos»<sup>100</sup>.

Devido à falta de fundamentos científico-linguísticos e histórico-culturais da sua proposta, José Lopes acabará por abandonar esta tese, apresentando assim uma segunda proposta, que reivindica a origem francesa do termo *morna*. Influenciado por uma outra tese, defendida pelo sociólogo Gilberto Freyre, que afirma que tanto a canção como a palavra *morna* vieram das Antilhas. Esta tese levantou um grande alvoroço entre os intelectuais Caboverdianos. O poeta José Lopes encontra no termo francês *morne*, que na antiga colónia francesa na América Central (onde predomina a cultura afro-negra) era o nome de um estilo musical (*chansons des mornes*). O termo francês *morne*, de onde poderá ser oriundo o termo *morna*, traduz-se para o português com os significados de *morro* e *triste*. Nesta linha de

---

<sup>99</sup> Cf. A. G. LIMA, *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, 184.

<sup>100</sup> Cf. *Ibidem*, 186.

pensamento situa-se Archibald Lyall, referindo-se ao termo morna como «a palavra [...] introduzida por marinheiros franceses dada a possível semelhança entre “as pequenas canções nostálgicas a que os mestiços da Martinica chamariam “*mornes*” e “as canções da Boavista”, de Cabo Verde»<sup>101</sup>. Esta tese não é de todo insustentável, visto ter havido uma corrente de tráfico negreiro entre África continental, Cabo Verde e a América Central, nomeadamente as Antilhas, já no séc. XVI. No entanto, visto que historicamente a origem da morna é anterior às *chansons des mornes*, estas não terão dado origem ao termo morna. Pelo contrário, terão sido, hipoteticamente, as *chansons des mornes* o produto de uma aculturação da morna na Martinica, e quem sabe, nas outras ilhas das Antilhas. De qualquer forma, não podemos negar a presença francesa na Boavista que, eventualmente, poderá ter batizado o canto dos nativos de *morne*.

José Lopes lança ainda uma terceira proposta: a de o termo morna ter derivado do verbo inglês *to mourn*, cujo significado é lamentar ou cantar de forma plangente, o que, segundo o autor, não entra em contradição com o significado do termo francês *morne*. Esta última tese é aceite por muitos investigadores que defendem que o termo morna surge da expressão inglesa *mourn* dita pelos marinheiros ingleses ao ouvirem as lamentações de uma morna muito antiga. Este facto faz todo o sentido, visto que este lamento é o traço fundamental da morna e é algo que surge tendo em conta o contexto histórico e cultural em que se vivia, e que o cronista de bordo das caravelas de D. Henrique, Gomes Eanes de Zurara, descreve num dos desembarques de escravos nas praias de Lagos:

«Uns tinham as caras baixas e os rostos lavados com lágrimas, olhando uns contra os outros; (...) outros feriam seu rosto com suas palmas, lançando-se tendidos no meio do chão; (...). E para seu dó ser mais acrescentado começou a partilha, apartando-os uns dos outros para fazer iguais quinhões. Abraçam-se uns aos outros, pais e filhos, irmão, a ponto de ser necessário separá-los por força»<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> Cf. M. FERREIRA, *A Aventura crioula*, Plátano Editora, Lisboa, 1985, 176.

<sup>102</sup> Cf. A. L. FERRONHA, *O comércio Português de Escravos*, Edições do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1974, 5.

Esta última tese apresentada por José Lopes, não é de todo historicamente insustentável, visto que houve relações entre os nativos da ilha da Boavista e os povos de expressão linguística inglesa, que foram particularmente intensas nos séculos XVII e XVIII, devido ao comércio da urzela e do sal. Esta relação entre os dois povos não terá apenas influenciado a origem do termo morna, mas também a própria variante linguística boavistense.

Não querendo excluir as outras propostas que explicam a origem do termo morna, parece ser esta tese do poeta José Lopes a mais próxima da explicação da origem da palavra *morna*. No entanto, o tema da origem da terminologia morna continuará envolto em penumbra, à espera de ser desvendado.

## **1.7. A tese de Eugénio Tavares sobre a origem da morna**

Eugénio Tavares, como referimos nos pontos anteriores, foi considerado como um dos primeiros grandes mestres da música de Cabo Verde, que revolucionou a morna cabo-verdiana, elevando-a ao mais alto nível cultural e intelectual, introduzindo nela grandes temas que ainda hoje perduram: o amor, a saudade, o mar, etc.; sendo também o responsável pelo casamento entre a música e a poesia oriundas da tradição popular e a série literária cabo-verdiana.

«Coube a Eugénio Tavares, nas primeiras décadas do século XX, dar ao ritmo musical e ao texto poético da morna um status culto, estendendo-a de manifestação das classes populares às classes média e alta da sociedade cabo-verdiana: a morna torna-se património de todas as ilhas e de todos os cabo-verdianos.»<sup>103</sup>

---

<sup>103</sup> Cf. G.R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 143.

Com a sua obra *Mornas e cantigas crioulas* traz à investigação das origens da morna um grande contributo, reconhecendo a sua origem autóctone, mais concretamente na ilha da Boavista, e a forma como esta se foi adaptando à moldura humana de cada ilha. Segundo o poeta, a morna que teve origem na Boavista foi passando de ilha em ilha, «adaptando-se, e tomando a feição psíquica de cada povo, como que num gráfico de ascensão ou descensão em sua expressão artística»<sup>104</sup>. Ao reconhecer a filiação crioula da morna, Eugénio Tavares caracteriza-a como sendo uma expressão musical do povo, onde se verifica a díspar simbiose que caracteriza a alma crioula.

Nos seus escritos deixa também um relato da evolução que a morna foi tendo na sua passagem pelas ilhas, aperfeiçoando-se cada vez mais nas suas letras e músicas. Segundo o poeta bravense, na Boavista este estilo musical, ainda muito primitivo, não se elevou na linha sentimental, mas dedicava-se a rebuscar «os ridículos de cada drama de amor; cantando o perfil caricatural de cada episódio grotesco; ironizando fracassos amorosos; sublinhando a comédia gentílica das moias (naufrágio de navios tão frequentes nas costas da ilha) tudo no estilo e arrebicado que afeiçoa a vida despreocupada do povo boavistense».<sup>105</sup> Na passagem pelas outras ilhas, a morna vai-se modificando, deixando os mesmos temas de sempre e elevando-se cada vez mais a uma expressão de arte. Eugénio Tavares, nos seus escritos sobre a evolução deste género musical, dá-nos a perceber a sua tristeza, quando reconhece que a morna criada e cantada em certas ilhas, não corresponde ainda à dignidade própria deste estilo musical. Ora critica as letras que não combinam com o harmonioso arranjo musical, ora critica as músicas que não são dignas de acompanhar as célebres letras da poesia: «O poeta Pedro Cardoso, artista de mérito, não teve ainda a felicidade de ver as lindas letras de suas mornas emolduradas em músicas originais».<sup>106</sup> Será na sua ilha natal, ilha da Brava, nas primeiras décadas do século XX, que a morna sofrerá uma grande revolução tornando-se

---

<sup>104</sup> Cf. F. MONTEIRO, *Eugénio Tavares – Poesia Contos Teatro*, 113.

<sup>105</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>106</sup> Cf. *Ibidem*.

neste cântico sentimental como hoje a conhecemos. Eugénio Tavares inaugura uma nova era na composição da morna, juntando à música, a poesia, ambas provenientes da tradição popular e da série literária cabo-verdiana. Com o seu «extremo romantismo [...] e talento na escritura do crioulo em poesia pura juntaram-se na Morna para formar uma poderosa mensagem da canção que não foi igualada no seu conjunto»<sup>107</sup>. Segundo o poeta, na Ilha da Brava a morna segue «essa linha sentimental, essa doçura harmoniosa que caracteriza as canções bravenses. Elevou-se de riso e pranto, e afinou, amorosamente, pelo portuguesíssimo diapasão da saudade»<sup>108</sup>. Com base na morna primitiva produzida na ilha da Boavista, onde a morna tinha como temas: o drama de amor; caricaturas grotescas; ironia de fracassos no amor; etc.; eleva a morna com os seus poemas, a um estilo musical mais humano/sentimental, com temas como: saudade, amor, nostalgia. «[...] Transformando estruturalmente a morna da Boavista em morna-saudade e morna-amor da Brava (por volta de 1855), sendo seu maior cultor Eugénio Tavares»<sup>109</sup>. Com esta contribuição de Tavares, a morna torna-se a expressão musical do povo, o expoente máximo da alma cabo-verdiana. Uma alma profundamente marcada pelo afeto.

«A morna conta histórias, descreve paisagens e estados de alma, satiriza condutas. Daí que a narrativa, predominantemente melancólica e nostálgica, se volte para o amor, para a separação da “mãe” e para a “cretcheu”. A estes temas poderá estar associado a partida, a solidão, a tristeza, bem como o reencontro e a alegria.»<sup>110</sup>

Nesta nova forma de compor as letras das mornas, tendo o Amor como motor principal, Eugénio Tavares deixa-nos grandes obras mornistas, que ainda hoje são ouvidas e estudadas em todo o mundo.

---

<sup>107</sup> G. MARIANO, *Amor e partida na poesia crioula de Eugénio Tavares ou inquietação amorosa*, 87.

<sup>108</sup> Cf. F. MONTEIRO, *Eugénio Tavares – Poesia, Contos, Teatro*, 114.

<sup>109</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 143.

<sup>110</sup> Cf. L. M. S., TEIXEIRA, *Da mestiçagem à Caboverdianidade: registos de uma sociocultura*, Edições Colibri, Lisboa, 2003, 150.

## 1.8. Principais características da morna: a centralidade do afeto

A morna, como aludimos nos pontos anteriores, é definida como um *unicum* constituído por canto, dança e poesia, resultantes da expressão do sentimento do povo cabo-verdiano. Uma forma de exprimir os sentimentos mais profundos da alma do povo crioulo em contextos de forte impacto psicológico: sofrimento, separação e alegria. «A morna configura-se como uma das formas de tradução da alma do povo Cabo-verdiano: é a manifestação da voz da sua alegria, da sua dor, da sua incerteza ou da sua esperança».<sup>111</sup> Deste modo, muitos a definem como sendo a «“alma” cabo-verdiana e o género musical que transmite o sentimento cabo-verdiano, a sua identidade, o seu pathos».<sup>112</sup> Ela dá conta da psicologia e cultura do povo cabo-verdiano que, devido ao contexto histórico muitas vezes marcado pelo sofrimento da separação ou a alegria do reencontro da pessoa amada, encontrava neste estilo musical uma forma de exprimir e celebrar os seus afetos mais profundos. «Nela encontra todas as possibilidades de escape emocional e todos os caminhos do sonho e da fantasia».<sup>113</sup> A morna surge assim como um queixume, um texto que conta a história, que descreve os sentimentos da alma de um povo. «O cabo-verdiano imprime à morna o expoente máximo da sua sensibilidade».<sup>114</sup> Nesta linha, é legítimo que os sentimentos da alma humana sejam uma das características principais nos textos e na música da morna, seja a razão do existir deste estilo musical. São estas características sentimentais que procuraremos desenvolver, sem a pretensão de esgotar o tema, tendo como foco o tema do afeto como chave central na composição da morna. Para tal, iremos partir de algumas características apontadas pelo estudioso Vasco Martins na sua obra *Cabo Verde Ressonância, A Morna, estudos adjutórios*,

---

<sup>111</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 153.

<sup>112</sup> Cf. V. MARTINS, *A música tradicional cabo-verdiana*, 48.

<sup>113</sup> Cf. M. FERREIRA, *A aventura crioula*, 3ª ed., Plástico Editora, Lisboa, 1985, 90.

<sup>114</sup> Cf. *Ibidem*, 174.

onde analisaremos algumas características que consideramos mais importantes para o nosso trabalho.

### **1.8.1. Amor**

Um dos aspetos característicos da morna é a sua textualidade, ou seja, a morna não é só música ou dança, mas é também texto - Três elementos que formam uma harmonia perfeita. Estes textos desempenham em cada morna funções díspares, nomeadamente: narrativas, líricas, descritivas e satíricas. A morna narra histórias, descreve lugares e estados de alma. O amor é um dos temas recorrentes. Esta temática tem a sua razão de ser no contexto cultural e psíquico do povo cabo-verdiano (povo amável, afetivo e próximo dos seus) e no contexto cultural e histórico (a separação por motivo das emigrações). Nesta linha, Eugénio Tavares será o precursor desta morna mais sentimental, que conta o estado da alma do crioulo perante as várias controvérsias e dificuldades por que passou, em especial as migrações dos cabo-verdianos para a “terra-longe”. As migrações mantinham uma dupla polaridade: por um lado representavam a possibilidade de melhorar a vida; e por outro eram causa de desagregação humana. A morna surge assim como um canto do “afeto”, expressando o amor que se tem por aquele que partiu e, ao mesmo tempo, aproximando aquele que está longe. «Os elementos das mornas nascem da vontade do poeta de expressar as marcas identitárias que unem os habitantes do arquipélago e os cabo-verdianos na diáspora»<sup>115</sup>. Neste sentido, não será demasiado afirmar que a morna também surge deste sentimento tão nobre, que é o amor. Não apenas um amor erótico/tropical, que conta as histórias apaixonadas de casais; mas sobretudo do amor entre familiares/amigos (amor filial/amical) ou mesmo, em certas mornas, um amor divino (Ágape): «O amor, na obra de Eugénio, é buscado de forma exaltada, em plenitude,

---

<sup>115</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 153.

permitindo a comunhão entre amado e amada e, ao mesmo tempo, trilhar um caminho para o divino (Deus)»<sup>116</sup>.

Como referi anteriormente, esta temática do amor na morna foi introduzida e aprofundada no período Eugénio. Cabo-verdiano de gema, «perfeitamente sintonizado com o sentimento coletivo e a alma do seu povo»<sup>117</sup>, o nosso poeta soube muito bem representar a alma do povo cabo-verdiano, encontrando no afeto a força existencial necessária para enfrentar as dificuldades próprias da vida. Com Eugénio Tavares, a morna é “usada” para contar o afeto na sua complexidade.

<b>Língua original: Crioula</b>	<b>Proposta de tradução: Português</b>
<i>Já'n q`ré ojâ quem que cá tem Quem que cá tem crecheu na es bida! Pa más tanguido que corpo é, Nos alma é libre, no tem que q`ré!</i>	Eu quero ver quem não tem, Quem não tem um bem-querer na sua vida! Por mais forte que o corpo seja, A nossa alma é livre, temos de querer!

Este amor que pode ser “filia”, afeto que une os entes-queridos, recordado por Eugénio nas suas mornas, onde ele descreve o distanciamento provocado pela migração, com o foco na separação dos filhos em relação à mãe: por ser a mãe a figura afetiva por excelência. «A mãe é a continuação para o mornista e o cabo-verdiano da simplicidade e do amor e dos ambientes psicológicos da infância e adolescência que acompanha a alma cabo-verdiana toda a vida»<sup>118</sup>:

Dirás à minha pobre mãe, coitada!  
Que me perdoe não ir, na despedida,

<sup>116</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 153.

<sup>117</sup> Cf. C. F. GONÇALVES, *Kab Verd Band*, 93.

<sup>118</sup> Cf. V. MARTINS, *A música tradicional cabo-verdiana – I (A morna)*, 89-90.

Beijar-lhe a grave fronte tão querida,  
Beber-lhe o santo olhar, bênção sagrada;

O amor que também pode ser “Ágape”, enquanto dom dado por Deus para que os homens possam viver em harmonia.

Se por um lado o amor é apresentado como a grande força existencial para superar as dificuldades do crioulo, por outro lado o amor também é visto na morna como causa de sofrimento, quando este não é correspondido. É o que acontece na *Morna de Aguada*, onde Eugénio Tavares apresenta um ser em conflito, imerso no pavor de que a sua capacidade de amar não seja correspondida:

<b>Língua original: Crioulo</b>	<b>Proposta de tradução: Português</b>
<i>Se é pam vivê na ees mal</i>	Se é para viver com esse mal
<i>De ca tem</i>	De não ter
<i>Quem que q'rem,</i>	Alguém que me queira
<i>Ma'n q're morré sem luz</i>	Quero morrer sem luz
<i>Na nha cruz,</i>	Na minha cruz,
<i>Na es dor</i>	Com essa dor
<i>De dê nha vida</i>	De dar a minha vida
<i>Na martirio de amor!</i>	Ao martírio do amor!

Como tivemos oportunidade de explicar num dos pontos anteriores, o amor e as relações afetivas estão na base da origem da morna. Os escravos encontraram na morna uma forma de celebrar e exprimir os seus afetos mais profundos. Exemplo disto é a relação afetiva entre as amas-escravas e os seus próprios filhos e os filhos dos seus senhores, donde surgiu o canto de ninar, que para alguns estudiosos poderia estar na origem da morna.

### 1.8.2. Saudade (Partida)

Outra característica da morna, que aparece em sintonia com a característica que apontámos no ponto anterior, é a saudade. Assim afirma o musicólogo Vasco Martins: «A saudade e a partida também fazem parte do universo literário da Morna. Depois da temática do amor, é a inspiração mais frequente.»<sup>119</sup> Esta característica da morna, à semelhança das outras características, é a expressão da cultura/história/psique do povo cabo-verdiano. Por ser Cabo Verde um «país de emigração maciça, país de ilhas e de Oceano, possui na sua alma a mitologia da partida que tem sempre um regresso ou pelo menos a ideia do regresso. A saudade é um sentimento que acompanha a partida (...)»<sup>120</sup>. A partida é um dos temas mais presentes no imaginário do povo cabo-verdiano e, conseqüentemente, na morna, sendo utilizada pela maioria dos mornistas. Ela dá conta de um fenómeno que marca, e de que maneira, a cultura/psique do povo Cabo-verdiano - a emigração que, na nossa forma de ver, contribuirá para a sentimentalidade do povo cabo-verdiano; Um povo que, devido a «variáveis geográficas e económicas, é forçado a deixar a terra-mãe, desértica e pobre em recursos naturais, rumo à terra-longe»<sup>121</sup>, deixando assim marcas na alma do povo crioulo; algo que está bem expresso nas letras deste “batuque”:

<b>Língua original: Crioulo</b>	<b>Proposta de tradução: Português</b>
Corpo, qu' ê nêgo, sa ta bai;	O corpo, que é escravo, vai;
Coração, qu'ê forro, sa ta fica...	O coração, que é livre, fica...

<sup>119</sup> Cf. V. MARTINS, *A música tradicional cabo-verdiana*, 89-90.

<sup>120</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>121</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 153.

Na morna, onde o tema é a “partida”, está presente um dilema que marca o cabo-verdiano. Por um lado, a partida é vista como motivo de sofrimento (daí os temas da saudade, despedida, etc.); por outro, a partida é associada à melhoria de condições de vida e à ascensão social. O cabo-verdiano vive assim uma díade de partir-voltar, carregando a partida de mágoa, tristeza, morte e luto, enquanto que o regresso permanece no “doce” e “claro” campo de esperança. No entanto, é a primeira parte do dilema que mais marca a alma do povo cabo-verdiano, gerando sentimentos de nostalgia e saudade naquele que partiu. Deste modo, a saudade é um sentimento que acompanha a partida:

«a nostalgia e a saudade são, por sua vez, dois dos sentimentos que mais ligam a alma humana à sua terra-mãe, razão pela qual estão intimamente ligadas à separação do homem local onde foi enterrado o seu umbigo.»<sup>122</sup>

Nas mornas que têm como temática a “saudade”, transmite-se a saudade daqueles que ficam na terra-mãe: a ilha; um antigo amor; em especial a mãe, figura que liga o homem cabo-verdiano à terra através de lembranças de infância que aumentam a vontade do regresso à simplicidade e ao aconchego materno. O cabo-verdiano vê documentada na morna a sua experiência e sensibilidade. Pois «através dela exprime a saudade do que deixou (...) e ainda de tudo o mais quanto nos estratos profundos do seu subconsciente se agita e desencadeia, em torrente lírica: amor, a nostalgia, o sofrimento»<sup>123</sup>.

Como já referimos neste ponto, são vários os subtemas que estão presentes nas mornas partida/saudade. O *terra-longismo*, o mar, etc. O mar é visto pelo povo cabo-verdiano como símbolo de sofrimento, pela «insularidade, gerada pela sensação de isolamento (sobretudo no período colonial, em que o mar traz a “caravela da opressão secular” segundo

---

<sup>122</sup> G. R. SOBRINHO, “A poética das mornas de Eugénio Tavares”, *Scripta*, vol. 14, 27 (2010) 122.

<sup>123</sup> Cf. M. FERREIRA, *A aventura crioula*, 174.

Ovídeo Martins)»<sup>124</sup>; mas também de esperança, pois é visto como aquele que propicia a sobrevivência e ligação com a “terra-longe” e com o mundo. Diríamos que há uma relação de amor e ódio entre o crioulo e o mar.

«(...) o mar funciona como um mediador, que não apenas provoca a separação, permitindo aos cabo-verdianos a vivência de outros mundos, mas atua como traço de união entre os que partem e aqueles que por razões várias permanecem na terra natal. O mar é, em muitas composições, personificado como um deus mítico, mensageiro, que dialoga diretamente com o poeta»<sup>125</sup>.

Segundo Pierre Franklin Tavares, Eugénio Tavares na sua vasta obra poética privilegiou dois grandes conceitos: a paixão e o tempo. A paixão, enquanto sentimento ou estado afetivo e o tempo, pelo qual a distância toma forma (o exílio, a partida, o regresso, a morte, etc.). O tempo que cria distância entre as pessoas é a razão da existência da paixão (o mal de amor, a saudade, a dor nostálgica, etc).

## **1.9. Apresentação e justificação de um corpus poético**

O corpus poético que aqui apresentamos, e sobre o qual incidirá a nossa análise mais detalhada, é uma pequena amostra da obra poética excepcional desse grande poeta que é Eugénio Tavares. Temos consciência do risco que representa selecionar este *corpus* poético e excluir alguns poemas, que também são de extrema importância não só para o autor em estudo, mas também para o nosso trabalho. No entanto, tivemos de nos restringir apenas a estes poemas que também são mornas, porquanto expressam muito bem a temática do afeto na vida e obra de Eugénio Tavares. Cada morna-poema será acompanhada da sua tradução para a

---

<sup>124</sup> Cf. G.R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 174.

<sup>125</sup> Cf. *Ibidem*.

língua portuguesa, para permitir ao leitor uma maior compreensão da estética de Eugénio Tavares.

*i. Morna de Aguada*

<i>Língua original: Crioulo</i>	<i>Proposta de tradução: Português</i>
<p>De ca tem            Quem que q'rem,            Ma'n q're morré sem luz            Na nha cruz,            Na es dor            De dá nha bida            Na martirio de amor!</p> <p>Se é pam vivê na es mal            Amá, se é pam morré,            Pam dixâ,            Ai, quem qu'n q'ré!            (Pa oto gente bem q'ré!)            Main q'ré vivé na es martirio!</p> <p>Se é pa es tristeza de q'ré            Sem esperança,            Sem fé,            Ma'n q'ré destino de bai,            De morré,            De esquicê            Num momento de amor,            Um bida inteiro de dor</p>	<p>Se é para viver com esse mal            De não ter            Alguém que me queira            Quero morrer sem luz            Na minha cruz,            Com essa dor            De dar a minha vida            Ao martírio do amor!</p> <p>Amar, se é para morrer,            Para deixar,            Ai, a pessoa que quero,            (Para outra pessoa querer)            Quero é viver nesse martírio!</p> <p>Ao invés dessa tristeza de querer            Sem esperança,            Sem fé,            Quero o destino de ir,            De morrer,            De esquecer            Num momento de amor,            Uma vida inteira de dor!</p>

A *Morna de Aguada*, como o próprio nome indica, deve ter sido escrita pelo autor já no final da sua vida na localidade de Aguada, onde escolheu viver o resto da sua vida, isolado de

tudo e de todos. Trata-se de uma das mornas onde o poeta revela a sua grande devoção pelo Amor, que sempre foi na sua vida a força da sua existência.

## ii. *Força de crecheu*

<i>Língua original: Crioulo</i>	<i>Proposta de tradução: Português</i>
<p>Ca tem nada na es bida  Más grande que amor,  Se Deus ca tem medida,  Amor inda é maior...  Amor inda é maior,  Maior que mar, que ceu:  Mas, entre otos crecheu,  De meu inda é maior</p> <p>Crecheu más sabe,  É quel que é de meu.  El é que é chabe  Que abrim nha ceu...  Crecheu mas sabe  É quel  Que q'rem...  Se já'n perdel,  Morte já bem...</p> <p>Ó força de crecheu,  Abri'n nha asa em flor!  Dixa'n alcança ceu  Pa'n bá oja Nós Senhor,  Pa'n bá pedi! Semente</p>	<p>Não há nada nessa vida  Maior que o amor  Se Deus não tem medida,  Amor ainda é maior...  Amor ainda é maior,  Maior que o mar, que o céu:  Mas entre outros amores,  O meu ainda é maior.</p> <p>Bem-querer mais gostoso,  É aquele que me pertence  Ele é que é a chave  Que abriu o meu céu...  Bem-querer mais gostoso  É aquele  Que me quer...  Se eu o perder,  A morte chega...</p> <p>Ó força do amor  Abre as minhas asas em flor!  E deixa-me alcançar o céu  Para ir ver o Nosso Senhor,  Para que eu lhe peça semente</p>

De amor coma es de meu, Pa'n bem da todo gente, Pa todo conché ceu!	De Amor como o meu, Para que possa dar a todos, Para que todos possam conhecer o céu!
---	---

A morna *Força de crecheu* talvez seja a mais conhecida de Eugénio Tavares, pois nela está descrita, e de que maneira, a centralidade do afeto. Podíamos dizer que esta morna é uma espécie de hino ao amor. Segundo os biógrafos de Eugénio Tavares, esta morna surge por inspiração de uma história de Amor entre Hermano de Pina e uma senhora bravense. Este amigo do poeta, ao regressar à Brava, sua terra natal, após a licenciatura em Medicina, conhece uma linda senhora bravense, por quem se apaixona. Algo tão forte que logo passou da paixão para o grande amor da sua vida. Envolvido num grande drama de amor, Hermano confia com Eugénio Tavares, seu grande amigo, que o premeia com uma das suas belas composições. O Poeta que mais divinizou o amor encontrava assim uma expressão máxima de beleza para a sua inspiração criando uma das mais lindas mornas de sempre. «Numa terra onde o povo sempre rodeou o poeta na sua inspiração e acarinhou os filhos mais diletos, juntou-se a essa linda história de amor dando uma moldura ao drama»<sup>126</sup>.

### ***iii. Amor é carga? Amor é culpa?***

<b><i>Língua original: Crioulo</i></b>	<b><i>Proposta de tradução: Português</i></b>
Amor é carga? É carga grande, má el câ pesado! É culpa fundo, má el cá pecado!...	Amor é carga? É carga grande, mas não é pesado! É culpa grande, mas não é pecado!...
Deus que fazel, el câ condenal! É Deus, nós Pai, el é que tempral... É Deus, é Deus que fazê Amor, El ca fazel pa botâ cachor...	Deus é que o fez, e ele não o condenou! Foi Deus o nosso pai, foi ele que o temperou... Foi Deus, foi Deus quem fez o Amor, Ele não o fez para ser comida de cães...

<sup>126</sup> Cf. Citado a partir de <https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/obra/mornas.html>, [acedido a 17/08/19]

<p>Amor é culpa?  Má el câ pecado, el é que tempral  Pamodi é scada de salvação</p> <p>Ami, de meu, jâ erguem nha bida...  Ami, de meu, já limpam nha céu...  Se el é nha culpa, el ca nha pecado;  Se ei dam cuidado, el iluminam nha bida...</p>	<p>Amor é culpa?  Mas ele não é pecado, nem perdição,  Porque ele é a escada da salvação...</p> <p>A mim, o meu já ergueu a minha vida...  A mim, o meu já limpou o céu...  Se ele é a minha culpa, não é o meu pecado;  Se ele traz preocupações, ilumina a minha vida...</p>
--	--

A morna *Amor é carga? Amor é culpa?* é uma busca de definição do amor. Reconhecendo a dualidade do amor (herança talvez platônica), este é visto, por um lado, como algo que traz felicidade, “escada da salvação”, e por outro, como algo que provoca tristeza, o “mal de amor”. Há uma ideia que persiste no poema: Deus é o autor do amor. É muito comum nos poemas de Eugénio Tavares esta atribuição a Deus.

#### iv. *Morna de nha santa Ana*

<b>Língua original: Crioulo</b>	<b>Proposta de tradução: Português</b>
<p>Já'n q'ré ojá quem que cá tem  Quem que cá tem crecheu na es bida!  Pa más tanguido que corpo é,  Nos alma é libre, no tem que q'ré!</p> <p>A mi, de meu, pa nha pesar,  Pa mal de todo nha pecado,  El prometem nabiu na mar,  El manda dam lancha encajado.</p>	<p>Eu quero ver quem não tem,  Quem não tem um bem-querer na sua vida!  Por mais forte que o corpo seja,  A nossa alma é livre, temos que querer!</p> <p>O meu, para o meu pesar,  Para o mal de todo o meu pecado,  Ele me prometeu navio no mar,  Ele me ofereceu lancha traçada.</p>

<p>El tiran luz que Nhor Dês dam,  El dixam sombra de traiçam,  El lebam sol dêz mocidade,  El xam co dor de nha sodade.</p> <p>Se bo senti ta bem pa traz,  Ó mar, bizam; bizam ó mar,  Pa'n ca sintal na nha ragaz;  Pa'n po alguém na sê lugar.</p>	<p>Ele tirou a luz que o Senhor Deus me deu,  Ele me deixou a sombra;  Ele levou o sol da minha mocidade,  Ele me deixou com a dor de minha saudade.</p> <p>Se o sentires chegando por trás,  Ó mar, avisa-me; avisa-me, ó mar,  Para que eu não o sinta no meu colo;  Para que eu ponha alguém no seu lugar.</p>
--	---

A morna *Nha santa Ana* escrita por Eugénio Tavares é inspirada na sua história de paixão por uma rapariga, a jovem Kate que aportou à Brava num iate acompanhada pelo pai em viagem de recreio. Segundo alguns estudiosos, esta teria sido a primeira grande paixão do poeta. O drama vivido inspirou Eugénio que, além de lhe dedicar a morna *O Mar Eterno*, também conhecida por *Canção ao Mar*, dedicou a Kate um lindo soneto. Perante a fuga de Kate, o jovem Eugénio ficou completamente desnordeado, razão que o levou a seguir para São Vicente à procura de um rumo para a sua vida. Em São Vicente, emprega-se numa casa comercial que representava o consulado dos EUA, cujo proprietário era primo de seu pai adoptivo, Dr. José da Vera Cruz. Aí conseguiria publicar o soneto “Kate”, em 1888.

v. *Morna de Despedida*

<p>Hora di bai, Hora di dor, Ja'n q'ré Pa el ca manchê! De cada bêz Que 'n ta lembrâ Ma'n q'ré Ficâ 'n morrê!</p> <p>Hora di bai, Hora di dor! Amor, Dixa'n chorâ! Corpo catibo, Bá bo que é escrabo! Ó alma bibo, Quem que al lebabo?</p> <p>Se bem é doce, Bai é maguado; Mas, se ca bado, Ca ta birado! Se no morrê Na despedida, Nhor Des na volta Ta dano bida.</p> <p>Dixam chorâ Destino de home: Es dor Que ca tem nome: Dor de crecheu,</p>	<p>Hora de partida, Hora de dor, É meu desejo Que não amanheça! (não chegue a hora) De cada vez Que a lembro, Prefiro Ficar e morrer!</p> <p>Hora de partida, Hora de dor! Amor, Deixa-me chorar! Corpo cativo, Vai tu que és escravo! Ó alma viva, Quem te há de levar?</p> <p>Se a chegada é doce, A partida é amarga, Mas se não se partir (mas quem não parte) Não se regressa! (não regressa) Se morrermos Na despedida, Deus no regresso Dar-nos-á vida.</p> <p>Deixa-me chorar Destino de homem: Essa dor Que nem nome tem: Dor de amor</p>
--	--

Dor de sodade	Dor de saudade
De alguém	De alguém
Que ‘n q’ré, que q’rem...	Que eu quero, que me quer
Dixam chorâ	Deixa-me chorar
Destino de home,	O destino do homem,
Oh Dor	Oh Dor
Que ca tem nome!	Que não tem nome!
Sofrí na vista	Sofrer junto de ti
Se tem certeza,	Sem ter uma certeza,
Morrê na ausencia,	Morrer na ausência,
Na bo tristeza!	Com a tua tristeza!

*A Morna de Despedida* é mais uma das mornas que se inspira na partida e patenteia toda a dor decorrente desta experiência de separação. Foi escrita por Eugénio Tavares para a despedida de um contingente de emigrantes que partiu para a América do Norte, em 1917, aproximadamente. Facto curioso é que até há anos, era costume, na ilha da Brava, grupos de “pau e corda” (violino, viola, violão) acompanharem até o porto da Furna os patrícios que embarcavam para os Estados Unidos. Nela está retratado um grande tema que já faz parte do imaginário do povo cabo-verdiano: a partida. A partida que, para o povo cabo-verdiano, não representa só a oportunidade de sucesso, mas representa, sobretudo, a saudade e a dor da ausência daquele que parte e a esperança de voltar a vê-lo. Assim nos afirma Moacy Rodrigues e Isabel Lobo: «sempre foi algo sofrido na carne com a separação, forçada não só pelo destino, como pelos senhores da terra»<sup>127</sup>.

<sup>127</sup> M. RODRIGUES – I. LOBO, *A morna na literatura tradicional. Fonte para estudo histórico-literário e a sua repercussão na sociedade*, Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, Praia, 1996, 70.

*vi. Sodade de quem que'n q'ré!*

<b>Língua original: Crioulo</b>	<b>Proposta de tradução</b>
<p>De todo mágua des mundo,            Quel que é mas doce, mas fundo,            É quel que é dor a má fé:            E quel que tenem em pé:            É quel que ta doé más fundo:            Sodade de quem que'n q'ré!</p> <p>Es corage de larga            Nos luz, nos amor, nos fé,            É esperança de voltâ...            Cosé és? Quem que dam el?            Es amargo todo? Es mel?            Sodade de quem que'n q'ré!</p>	<p>De toda a mágoa desse mundo,            Aquela que é mais doce, mais funda,            É aquela que é dor a má fé:            É aquela que nos mantém de pé:            É aquela que dói mais fundo:            Saudade da pessoa que eu quero!</p> <p>Essa coragem de abrir mão            De nossa luz, nosso amor, nossa fé,            É a esperança de voltar...            Que coisa é essa? Quem me deu isso?            Esse amargo todo? Esse mel?            Saudade da pessoa que eu quero!</p>

Por fim, temos a morna *Sodade de quem que'n q'ré!* que expressa a saudade que se tem da pessoa amada que está longe - umas das características das mornas de Eugénio Tavares como já referimos nos pontos anteriores. A dor da ausência ou saudade (lembranças de coisas ou pessoas distantes, acompanhada do desejo de as tornar a ver ou possuir) que supõe a experiência do afeto pela negativa, nesse não-lugar que é a travessia entre partida e regresso.

## 1.10. A descrição do campo semântico do afeto no campo escolhido

A escolha da morna-poema para analisarmos o afeto humano justifica-se, como temos visto amplamente, pelas características desta composição. Assim afirma Genivaldo Rodrigues Sobrinho: «a morna configura-se como uma das formas de tradução da alma do povo cabo-verdiano: é a manifestação da voz da sua alegria, da sua dor, da sua incerteza ou da sua esperança»<sup>128</sup>. Características que documentam o contexto cultural, geográfico, demográfico, histórico e também afetivo do povo que a criou. Ela é para o povo cabo-verdiano o lugar/meio para expressar os seus afetos. Mais do que qualquer mornista, Eugénio Tavares soube com mestria demonstrar a importância do afeto humano na existência. O afeto é o nó central e a força motriz de todo o drama humano. Como afirma Gabriel Mariano, o poeta é «sem dúvida um grande místico do amor, exalta, enaltece e chega a divinizar o amor com uma intensidade visível à primeira leitura»<sup>129</sup>.

Na análise que vamos fazer do *corpus* poético que escolhemos, demonstraremos como Eugénio Tavares descreve o campo semântico do afeto nos seus poemas, como ele dá a perceber a importância do afeto na construção antropológica. Para esta análise, iremos recorrer a alguns estudos acerca da poética eugeniana, nomeadamente de Genivaldo Rodrigues.

Começamos com a *Morna de Aguada*, que sendo o primeiro texto da coletânea *Mornas – cantigas crioulas* já nos aponta os caminhos para a abordagem do tema “afeto” na poética de Eugénio Tavares.

Se é para viver com esse mal  
De não ter  
Alguém que me queira

---

<sup>128</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retratos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 153.

<sup>129</sup> Cf. G. MARIANO, *Amor e partida na poesia de Eugénio Tavares ou inquietação amorosa*, 126.

Quero morrer sem luz  
Na minha cruz,  
Com essa dor  
De dar a minha vida  
Ao martírio do amor!

Amar, se é para morrer,  
Para deixar,  
Ai, a pessoa que quero,  
(Para outra pessoa querer)  
Quero é viver nesse martírio!

Ao invés dessa tristeza de querer  
Sem esperança,  
Sem fé,  
Quero o destino de ir,  
De morrer,  
De esquecer  
Num momento de amor,  
Uma vida inteira de dor!

Nesta morna, vemos o “eu” lírico a cantar e a lamentar o amor. Este amor, segundo Genivaldo Sobrinho, não é um amor por alguém especial, mas sim amor pelo amor, que é o tema central desta morna. Neste texto, o poeta tem a preocupação de retratar a dor do ser humano que, porque ama, sofre. Por isso, o campo semântico deste poema sublinha palavras como solidão, morte e tristeza.

Se é para viver com esse mal  
De não ter  
Alguém que me queira  
Quero morrer sem luz  
Na minha cruz,  
Com essa dor  
De dar a minha vida

Ao martírio do amor!

Na primeira parte desta morna o “eu” lírico está em conflito, imerso no pavor de que a sua capacidade de amar não seja correspondida: Se é para viver com esse mal/De não ter/Alguém que me queira/Quero morrer sem luz. Este pequeno trecho mostra-nos um espírito inquieto, em busca de alguém que o ame, que prefere perder a vida do que viver sem ter alguém que o ame. A morte para este “eu” lírico representa o fim de uma vida vazia e inútil, pois nela não existe o amor. Segundo o sujeito poético, só vale a pena viver quando na vida existe amor. Esta morna também retoma um tópico recorrente na lírica amorosa: a díade amor/dor. Dois conceitos antagônicos que, no entanto, não se podem separar. O amor, assim como a vida, é uma moeda com duas faces. Quando o amor é correspondido traz felicidade; quando não é correspondido traz dor. Assim também é a vida: dom e custo, bênção e maldição. A escolha da face que marcará a nossa vivência dependerá dos encontros e desencontros que a própria vida proporcionará. Neste difícil drama da vida, entre o amor e a dor, a experiência afetivo/amorosa terá um papel muito importante. Como o próprio poeta escreve nesta morna, um instante de amor redime uma vida inteira de dor:

Quero o destino de ir,  
De morrer,  
De esquecer  
Num momento de amor,  
Uma vida inteira de dor!

Eugénio Tavares parece propor o amor como o caminho de salvação perante a face dolorosa da vida. Um amor, claro, correspondido. Nos últimos dois versos desta morna, o

“eu” lírico revela que um instante de amor pode fazer esquecer e morrer uma vida inteira de dor. Esta é a força que o amor tem na vida humana.

Nesta linha, apresentamos mais uma morna de Eugénio Tavares, que curiosamente tem por tema “A força do amor”. Esta morna, em crioulo “Força de Crecheu”, é por sua vez a mais conhecida das mornas do poeta. Nela, Eugénio Tavares continuará a descrever a força do Amor na realidade humana, considerando o próprio amor como algo superior ao divino e que salva o homem. Nesta morna, Eugénio Tavares revela a «vocação sacralizante do amor, ora como veículo, ora como condição para se aproximar da divindade».<sup>130</sup> É bem visível a teologia cristã do amor, que Eugénio Tavares teve oportunidade de estudar quando ainda era jovem. Neste texto, o amor é apresentado como veículo para se chegar à divindade/salvação. amor este que é considerado por Genivaldo Sobrinho como «força universal que une irmão, ou tudo o que se ama sobrepujando o amor carnal de macho e fêmea e alcançando uma outra dimensão mais ampla»<sup>131</sup>. Deste modo, está aqui apresentada a condição humana, que só se salva quando encontra, no amor/cuidado pelo outro, a força da sua existência, pois, em Eugénio Tavares, o amor é mais do que um sentimento individual: é força, bênção e graça para a nossa condição humana.

E deixa-me alcançar o céu  
Para ir ver o Nosso Senhor,  
Para que eu lhe peça semente  
De Amor como o meu,  
Para que possa dar a todos,  
Para que todos possam conhecer o céu!

---

<sup>130</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retractos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 159.

<sup>131</sup> Cf. *Ibidem*, 160.

É sublime esta definição que Eugénio Tavares dá ao amor, vendo-o como transcendência. «Eterniza o valor dado ao querer, ao gostar, ao desejar, ao ato de amar, veiculando a ideia de que o amor é libertador e torna o amante-amado um ser superior»<sup>132</sup>. Segundo o poeta, o céu é representado como todo o bem existente no Universo e que, com a distribuição do amor, a vida e a graça estariam ao alcance de todos. Deste modo, amar e querer ser amado é o mesmo que querer o bem, o sumo Bem. «O desejo de atingir a dimensão de amar e ser amado, não acontece para o “eu” lírico num diálogo de anseio do bem, numa intimidade que se projeta sobre o outro, seja amante ou amigo»<sup>133</sup>.

Cabe salientar ainda nesta morna o caráter paradoxal do amor apresentado por Eugénio Tavares, que já apareceu aliás na primeira morna analisada. Neste texto poético, Eugénio Tavares apresenta o amor como sendo superior a Deus. No entanto, no mesmo texto põe o sujeito poético a pedir a Deus sementes do amor para distribuir a todos, o que constitui uma contradição. Já que o amor é maior que Deus, bastaria ter solicitado à “força do amor”, assim como pediu que abrisse suas asas em flor. Ou seja, se o amor é maior que Deus, este consequentemente não poderia proporcionar algo maior que Ele mesmo. Ao comentar esta parte da morna, Gabriel Mariano afirma: «Magnífica heresia; viril confrontação. O amor absorve a própria divindade. Claridade solar. Meio-dia em Cabo Verde»<sup>134</sup>. No entanto, não é nossa pretensão desvendar neste trabalho este excesso da parte de Eugénio Tavares.

Na morna *Amor é carga? Amor é culpa?* Eugénio Tavares continua a tentar atribuir uma definição ao amor. Duas ideias sobressaem nesta morna: a natureza contraditória do amor e a fonte do amor.

Amor é carga?

É carga grande, mas não é pesado!

---

<sup>132</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>133</sup> Cf. G. R. SOBRINHO, *Eugénio Tavares: retractos de Cabo verde em prosa e pessoa*, 160.

<sup>134</sup> Cf. G. MARIANO, *Amor e partida na poesia de Eugénio Tavares ou inquietação amorosa*, 134.

É culpa grande, mas não é pecado!...

Deus é que o fez, e ele não o condenou!

Foi Deus o nosso pai, foi ele que o temperou...

Foi Deus, foi Deus quem fez o Amor,

Ele não o fez para ser comida de cães...

Amor é culpa?

Mas ele não é pecado, nem perdição,

Porque ele é a escada da salvação...

A mim, o meu já ergueu a minha vida...

A mim, o meu já limpou o céu...

Se ele é a minha culpa, não é o meu pecado;

Se ele traz preocupações, ilumina a minha vida...

Começando pelo fim, se houvesse alguma dúvida acerca da origem do amor para o poeta, nesta morna esta dúvida é completamente ultrapassada. Como se torna claro no refrão da morna, a repetição dos verbos “fez”, “foi” e a repetição da palavra “Deus” atribuem ao ser supremo a autoria da criação do mais profundo Sentimento humano.

*Deus é que o fez, e ele não o condenou!*

*Foi Deus o nosso pai, foi ele que o temperou...*

*Foi Deus, foi Deus quem fez o Amor,*

*Ele não o fez para ser comida de cães...*

Outro ponto salientado nesta morna é a temática da paradoxalidade do amor, muito presente nas mornas de Eugénio Tavares, talvez por influência de Luís de Camões, onde apresenta as metamorfoses provocadas pelas contradições do amor naquele que ama. Algo bem possível, visto que na ilha da Brava «a morna receberá, com Eugénio Tavares, forte

influência, não só das tonalidades e melodias do fado, mas também da poética lírica do romantismo camoniano»<sup>135</sup>. Neste texto, Eugénio Tavares procura compreender o amor na sua complexidade: nas suas qualidades tensas e complementares. De facto, o amor assim como a vida apresentam-se como dom e custo. Se por um lado, traz ao amante a felicidade, também lhe traz algum sofrimento. No entanto, assim como a morna deixa bem explícito, este sofrimento e peso que o amor traz em nada se compara aos momentos de alegria e felicidade que o amor proporciona. Dando aso às letras de Luís de Camões:

«Amor é um fogo que arde sem se ver,/ é ferida que dói, e não se sente;/ é um contentamento descontente,/ e dor que desatina sem doer /(...) é um cuidar que ganha em se perder»<sup>136</sup>.

Esta paradoxalidade que Eugénio Tavares apresenta nas suas mornas ganha eco na teologia cristã do amor. O próprio modelo deste amor é Jesus Cristo, que no Evangelho se apresenta como jugo suave e carga leve «Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve» (Mt 11, 28-30).

Continuando a acompanhar a semântica do afeto nas mornas de Eugénio Tavares, tendo como a sua maior expressão o amor, apresentamos a morna *Nha Santa Ana*, que retrata o tema muito comum na poética Eugéniana: o *mal de amor*. A temática do *mal de amor* descreve as mágoas causadas no amante, quando o seu amor não é correspondido. É um sofrimento tal que pode levar ao desejo da morte.

Eu quero ver quem não tem,  
Quem não tem um bem-querer na sua vida!

---

<sup>135</sup> A. G. LIMA, “A morna: síntese da espiritualidade do povo cabo-verdiano”, *Africana* 6 (2001) 244.

<sup>136</sup> L. CAMÕES, *Poesia lírica*, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, Queluz, 1984, 82 [seleção e introdução por Isabel Pascoal].

Por mais forte que o corpo seja,  
A nossa alma é livre, temos que querer!

O meu, para o meu pesar,  
Para o mal de todo o meu pecado,  
Ele me prometeu navio no mar,  
Ele me ofereceu lancha traçada.

Ele tirou a luz que o Senhor Deus me deu,  
Ele me deixou a sombra;  
Ele levou o sol da minha mocidade,  
Ele me deixou com a dor de minha saudade.

Se o sentires chegando por trás,  
Ó mar, avisa-me; avisa-me, ó mar,  
Para que eu não o sinta no meu colo;  
Para que eu ponha alguém no seu lugar.

Na primeira estrofe, o “eu” lírico questiona se é possível que haja alguém que nunca teve um amor na sua vida. Segundo o sujeito poético é impossível, visto que nós nascemos para amar. O acto de amar é apresentado quase como uma obrigação: “temos que amar”.

Eu quero ver quem não tem,  
Quem não tem um bem-querer na sua vida!  
Por mais forte que o corpo seja,  
A nossa alma é livre, temos que querer!

A experiência do não ser amado é algo que marca profundamente a alma humana. É descrita pelo sujeito poético como uma experiência de escuridão. Não ser amado equivale a perder a luz que Deus concede a cada homem. Deste modo, o amor é visto como sinónimo da

luz, enquanto a experiência do “não amar” é sinónimo de escuridão. Assim alude a terceira estrofe:

Ele tirou a luz que o Senhor Deus me deu,  
Ele me deixou a sombra;  
Ele levou o sol da minha mocidade,  
Ele me deixou com a dor de minha saudade.

Entramos agora na análise das últimas duas mornas de Eugénio Tavares apresentadas no *corpus* poético. Reservamos estas duas últimas mornas para o fim, pois ambas têm como tema a *saudade*. A *Morna de despedida* de Eugénio Tavares torna-se um clássico da sua lavra. Nela, a partida é descrita como uma experiência de dor, pois a ausência do ente-querido e a incerteza do regresso é uma experiência dolorosa para o sujeito poético. A essa triste realidade da partida e de ter de deixar os entes-queridos, o sujeito poético deseja que aquele dia nunca amanheça.

Hora de partida,  
Hora de dor,  
É meu desejo  
Que não amanheça! (não chegue a hora)

Para se consolar, diz a si próprio que para alguém regressar tem que partir, pondo assim a sua esperança no regresso que é visto como momento de alegria. É na morna que o povo pode falar da saudade, da nostalgia que um dia certamente terminará, ao retornar à terra e ao amor. Partir é visto como morte, enquanto o regresso é visto como vida/ressuscitar.

Se morrermos  
Na despedida  
Deus no regresso  
Dar-nos-á vida.

O amor que se tem por aquele que partiu alimenta a esperança do reencontro pois o amor, como diz o *Cântico dos Cânticos*, é mais forte do que a morte.

Na morna *Sodade de quem que'n q're!* está bem explícita esta saudade do entequerido que parte:

De toda a mágoa desse mundo,  
Aquele que é mais doce, mais funda,  
É aquela que é dor a má fé:  
É aquela que nos mantém de pé:  
É aquela que dói mais fundo:  
Saudade da pessoa que eu quero!

Essa coragem de abrir mão  
De nossa luz, nosso amor, nossa fé,  
É a esperança de voltar...  
Que coisa é essa? Quem me deu isso?  
Esse amargo todo? Esse mel?  
Saudade da pessoa que eu quero!

Nela, a saudade da pessoa que se quer é apresentada como sendo a dor/mágoa mais profunda que existe. No entanto, é essa dor que mantém a pessoa de pé, no vislumbre de um futuro reencontro.

De toda a mágoa desse mundo  
Aquele que é mais doce, mais funda,  
É aquela que é dor a má fé:  
É aquela que nos mantém de pé:

Este misto de dor e fé no regresso, experimentado pelo sujeito poético como sendo amargo e doce, faz parte da experiência paradoxal do afeto.

### 1.11. As palavras-chave

Depois de uma breve análise da semântica do afeto nas mornas de Eugénio Tavares, iremos agora destacar algumas das palavras-chave, que mais se repetem neste *corpus* escolhido e sublinhar o papel que elas desempenham nesta visão da morna, enquanto reveladora da afetividade humana. Ao analisar as palavras-chave, percebemos na escrita de Eugénio Tavares um contraste entre luz e sombra. Para o poeta, o mundo é dual, balanço entre escuridão e claridade, morte e vida. Nesta dualidade, típica da experiência humana, o afeto é a experiência que conduz à luz e ao horizonte do sentido. Tudo é visto a partir do afeto. Quando este existe, a vida é vista como dom, graça e bênção a acolher. Quando não existe, a vida é encarada como um fardo, um peso, com um custo demasiado grande para aceitar.

Outro elemento importante que se destaca é a presença dos vocabulários bíblicos nas mornas eugenianas, herança da sua tradição religiosa e do seu estudo da teologia. A Bíblia é a fonte onde se inspira para definir o afeto e a sua complexidade, onde busca resolução para resolver os dramas da existência. A partir da mensagem bíblica, Eugénio Tavares chega à conclusão da origem e significado do afeto na vida humana. O afeto é um instrumento para aprofundar a salvação. Vejamos então algumas das palavras-chave da obra mornística de Eugénio Tavares:

**Q'ré** (Querer) – A palavra “Q'ré” que se traduz em português pelo verbo querer é uma das palavras-chave da obra eugeniana. Dá conta da dinâmica do desejo pelo outro, que reforça a temática do afeto abordada neste trabalho. Querer o amor do outro é definido por Eugénio Tavares como um desejo legítimo e sublime, constituinte da nossa natureza humana.

**Amor** – Este é o conceito principal da obra eugeniana. Como muitos autores afirmaram, foi a maior força existencial na vida do poeta. A partir da sua experiência pessoal, onde o amor sempre teve uma força positiva, quis na sua obra poética/musical expressar e refletir sobre esta grande força motriz da vida humana: o Amor. A sua obra mornística foi sempre o veículo

por meio do qual o poeta, com a sua mestria na escrita, deu a conhecer ao mundo a maior força da existência.

**Céu** – Como referimos no ponto anterior, estão presentes na obra de Eugénio Tavares bastantes termos bíblicos que o poeta usa como ferramentas para definir e expressar o Amor. Este é um desses vocábulos. Eugénio Tavares compreende o Céu como sinónimo do sumo Bem. O Amor é o que permite chegar a este sumo Bem.

**Fé/Esperança** - A Fé e a Esperança são outros termos da herança cristã do poeta. Elas estão presentes na vida do “eu” lírico como a força que o faz suportar as saudades do ente-querido.

**Sodade** (Saudade) – Sentimento muito comum na obra poética de Eugénio Tavares. Ele reflecte a condição emigratória do povo cabo-verdiano. A distância do ente-querido desperta no “eu” lírico este sentimento.

**Morte/Sofrimento/Dor** – São sentimentos do “eu” lírico para expressar a ausência do Amor/ente-querido.

**Vida/Luz/Salvação** – Segundo o poeta, estes conceitos são sinónimos de Amor. Numa vida onde existe o Amor, existe sempre uma luz no interior do Homem que o conduz à salvação.

**Deus** – No corpus poético de Eugénio Tavares, Deus é visto como a origem do Amor e do afeto. Ele é o responsável por semear esse sêmen no coração do Homem.

**Crecheu** – Uma expressão crioula para significar a pessoa amada. Usada muitas vezes para se dirigir ao amante por quem se está apaixonado. No entanto, Eugénio Tavares e outros poetas/mornistas também a usam para significar o Amor sem nenhuma conotação sexual.

## 1.12. O papel do afeto na construção do sentido da vida

Depois de termos percorrido o itinerário da vida e obra do poeta Eugénio Tavares, iremos apresentar algumas conclusões acerca do papel do afeto. Como afirma Antonio Spadaro, em *O batismo da imaginação*, a literatura permite-nos um discernimento cultural, que é a «capacidade crítica de ler a realidade e a cultura que ela encarna»<sup>137</sup>. Ora, todo o percurso que fizemos permitiu-nos conhecer com maior profundidade a realidade e a cultura do povo cabo-verdiano. Ou melhor, permitiu-nos contactar com a alma crioula e o que de mais íntimo ela possui: os afetos. Com grande mestria, Tavares soube mais do que nenhum outro ser «intérprete maravilhoso da alma desse povo ilhéu e sonhador»<sup>138</sup>. Na morna, ele expressou e refletiu sobre o protagonismo do afeto no teatro da existência. Uma reflexão que parte não do abstrato, mas sim de uma aproximação ao quotidiano. Para falar do afeto é necessário abraçar o real, deixar-se contaminar por ele. Não é por acaso que o nosso poeta faz da morna como que uma radiografia da afetividade do povo cabo-verdiano.

Penso também ter ficado claro o quão importante é o afeto na construção do sentido da vida. Como o próprio Eugénio Tavares escreve na sua morna *Morna de Aguada* a vida não faria sentido se não houvesse afeto. Ou seja, se não houvesse alguém que me pudesse afetar positivamente. Seja ele Deus, um esposo/esposa, um amigo ou genericamente um “cretcheu”. «*Se é para viver com esse mal/De não ter/Alguém que me queira/Quero morrer sem luz*»<sup>139</sup>. A dor, que Eugénio Tavares tematiza de modo tão eloquente, advém do facto de que a vida não faria sentido se não permitisse a experiência do afeto. Esta é a dor que realmente destrói o ser humano: saber que não é amado. Nas mornas de Eugénio Tavares isso vem descrito como morte, condenação e inferno. Trata-se do repositório lexical da Bíblia. O que constrói o sentido da vida é o afeto. É o Amor, que para Eugénio Tavares é divino, que constitui o horizonte de sentido maior para o ser humano. Segundo o poeta, todos nascemos para amar:

<sup>137</sup> Cf. A. SPADARO, *O batismo da imaginação*, Paulinas, Lisboa, 2016, 28.

<sup>138</sup> Cf. J. QUINTINHA, *Africa misteriosa*, Editora Portugal Ultramar Lda., Lisboa, 1928, 66.

<sup>139</sup> Cf. Trecho da “Morna de Aguada”.

«*Eu quero ver quem não tem/Quem não tem um bem-querer na sua vida?/Por mais forte que o corpo seja,/A nossa alma é livre, temos que querer!*»<sup>140</sup>. Sublinhamos a obrigatoriedade que Eugénio Tavares aplica ao Amor: “temos que querer”. Como descreve o poeta, a capacidade de querer o outro está na nossa natureza, pois foi-nos dado por Deus. De todas as graças e bênçãos que Deus concedeu ao Homem, a maior de todas é o Amor. Tal é a sua força, que o poeta na sua morna “força de crecheu” descreve-a como sendo a força necessária para salvar o Homem. É o Amor que abre o céu (visto pelo poeta como o símbolo do sumo Bbem), que permite ao Homem encontrar-se com o seu maior destino: Deus. «*Ó força do amor/Abre as minhas asas em flor!/E deixa-me alcançar o céu/Para ir ver o Nosso Senhor,*». É eficaz o trabalho de Eugénio Tavares na sua poética, de nos convidar a voltar a pôr o Amor no centro do nosso existir, como força indispensável para encontrarmos o sentido da nossa vida. Numa oração a Deus, faz um movimento na direção da universalidade: «*Para que eu lhe peça semente/De Amor como o meu,/Para que possa dar a todos,/Para que todos possam conhecer o céu!*». Um bom resumo sobre a perceção do afeto em Eugénio Tavares é aquele proposto por Elter Manuel Carlos:

«É fundamental compreendermos ainda que, em Eugénio, o amor é algo compartilhado. Trata-se de um amor em que o Eu (a identidade) se comunga com o Outro (a alteridade) mediante uma experiência mística fundamental.»<sup>141</sup>

Podemos, de facto, deduzir a partir da sua obra poética, uma espiritualidade fundamentada no afeto. Trata-se de chegar a Deus, que segundo Eugénio Tavares é o Sumo Bem, a partir do caminho do afeto (amar o próximo). Talvez possa ser comparada com a pequena via de Santa Teresinha do Menino Jesus, que também encontrava na capacidade de amar a Deus e ao próximo as escadas para chegar ao Céu. Se isto for verdade, a obra poética de Eugénio poderá funcionar como «impulso

---

<sup>140</sup> Cf. Trecho da “Morna de nha Santa Ana”.

<sup>141</sup> Cf. E. M. CARLOS, “Filosofia, Arte e Literatura: uma abordagem sobre a formação poética, literária e estética do povo cabo-verdiano”, 112.

cativante e enobrecedor para a regeneração do amor, enquanto presença real no espírito do homem e da mulher do século XXI, bem como cativá-los a aproximarem-se de Deus mediante uma experiência mística fundamental»<sup>142</sup>. Experiência que tem tanto de sensorial como de mística, pois se trata de alcançar o invisível e espiritual pelo visível e corporal. Uma vida marcada pelo Amor, enquanto afeto maior, tem a coragem e a força de procurar o sentido que a explique na sua plenitude: Deus.

---

<sup>142</sup> Cf. E. M. CARLOS, “Filosofia, Arte e Literatura: uma abordagem sobre a formação poética, literária e estética do povo cabo-verdiano”, 105.

## II Capítulo: Uma leitura teológica do Afeto: o contributo de José Frazão Correia

Neste capítulo, intitulado “Uma leitura teológica do afeto”, procuraremos aprofundar com maior rigor a temática do afeto na sua relação com a experiência cristã, tomando como fio condutor desta reflexão a teologia de José Frazão Correia. Diga-se, desde já, que a questão do afeto tem sido continuamente abordada pelo cristianismo, a começar pela antiguidade. Mas em especial a época contemporânea, resgatando a noção do corpo e reabilitando as possibilidades espirituais do sensível, volta a colocá-la na agenda do debate teológico, vencendo o antagonismo dialético entre matéria e espírito. Sabemo-lo bem, e a História é testemunha disso, que o cristianismo, num certo momento, «aparece-nos como herdeiro e protagonista de uma profunda desconfiança para com os afetos e o corpo»<sup>143</sup>. Tal desvalorização terá entrado na *praxis* cristã vinda de meios exógenos ao próprio cristianismo, nomeadamente do ambiente greco-romano, marcado por um profundo dualismo antropológico e pelo estoicismo. Embora a teologia cristã reagisse contra as teorias dicotômicas, tais como as do maniqueísmo e do gnosticismo, pouco a pouco foram-se infiltrando traços desses pensamentos na sua sensibilidade. Por isso, algum discurso teológico contemporâneo se tem empenhado em fazer uma crítica dessas influências, insistindo em recolocar como central a noção de afetividade. No contexto português destaca-se claramente o trabalho de José Frazão Correia, que deve ser colocado em diálogo com nomes importantes do espaço europeu como Pierangelo Sequeri<sup>144</sup>, Elmer Salman<sup>145</sup> ou Giovanni Pagazzi<sup>146</sup>. A partir da obra de Frazão, *A fé vive de afeto*, sondaremos a importância que o afeto assume na experiência humana e cristã.

---

<sup>143</sup>Cf. A. M. A. MARTINS, “Para uma antropologia cristã da afetividade”, *Communio* XXII (2005/4) 431-450.

<sup>144</sup> Cf. P. SEQUERI, *Il Dio affidabile. Saggio di teologia fondamentale*, Queriniana, Brescia, 1996; P. SEQUERI, *Sensibili allo spirito. Umanesimo religioso e ordine degli affetti*, Glossa, Milano, 2001; P. SEQUERI, *Il sensibile e l’inatteso. Lezioni di estetica teologica*, Queriniana, Brescia, 2016; P. SEQUERI, *Parole e parola. Letteratura e teologia*, Glossa, Milano, 2016.

## 2.1. Traços fundamentais da teologia de José Frazão Correia

Parece-nos de utilidade começar por elencar, ainda que de forma sucinta, as motivações que levaram o teólogo jesuíta a fixar-se no território do afeto, pois as suas razões ajudam-nos a iluminar aquelas que perseguimos no itinerário desta dissertação.

A primeira motivação que José Frazão Correia apresenta – e é impossível não notar o acento inaciano da sua dicção - é a *composição do lugar que habitamos e do tempo presente que vivemos*<sup>147</sup>. O ambiente atual, marcado por uma profunda secularização, consequência da separação entre a fé e a vida, levanta desafios novos à gestação e transmissão da experiência crente. Frazão defende neste contexto a valorização dos lugares e ritmos da existência humana, a atenção às ressonâncias afetivas que plasmam a nossa relação com o real e a auscultação do apelo ético e relacional subjacente àquilo que parece apenas puro devir. A Fé ganha em ser colocada (e confrontada) neste horizonte *crítico-epocal*. E mesmo quando os mistérios cristãos são vistos «como terra estranha, incapaz de atrair e de incidir sobre a vida quotidiana»<sup>148</sup>, há uma oportunidade que se abre para a Fé se redizer de forma sensível.

A segunda motivação é aquela *bíblico-fenomenológica* que sonda as consequências da afinidade ontológica existente entre Jesus de Nazaré e os mais elementares aspetos da nossa humanidade. A vida incarnada, a existência tal qual ela assoma, constituem «o locus real e insubstituível do contacto radical e definitivo que se realiza entre o Filho de Deus e a

---

<sup>145</sup> Cf. E. SALMANN, *Il respiro della benedizione. Spiragli per un mistero vivibile*, Cittadella, Assisi, 2010; E. SALMANN, *Passi e passaggi nel cristianesimo. Piccola mistagogia verso il mondo della fede*, Cittadella, Assisi, 2011.

<sup>146</sup> Cf. G. M. PAGAZZI, *In principio era il legame. Sensi e bisogni per dire Gesù*, Cittadella, Assisi, 2015; G. M. PAGAZZI, *Questo è il mio corpo. La grazia del Signore Gesù*, EDB, Bologna, 2016.

<sup>147</sup> Cf. J. F. CORREIA., “Ressonância afetiva, apelo ético, estilo relacional Traços de uma fé viva e visível (P. Sequeri, A. Rizzi, C. Theobald)”, 141.

<sup>148</sup> Cf. *Ibidem*, 143.

humanidade»<sup>149</sup>. Por isso José Frazão Correia afirma que «a vida humana elementar (nascimento e morte, vínculos e geração, culpa e perdão, amor e violência, trabalho e repouso, etc.) contém já em filigrana quanto a fé cristã professada, celebra, pensa e realiza».<sup>150</sup> A hermenêutica da fé é, em grande medida, uma hermenêutica do humano. O afeto, enquanto traço humano fundamental, penetra assim naturalmente a arquitetura do discurso crente.

A terceira motivação que perseguimos é o *motivo Kairológico*. Este motivo dá conta da esperança que sobressai nesse tempo problemático, que não pode deixar de ser visto como o tempo em que Deus nos visita. Em vez de nos lamentarmos e cedermos à nostalgia de um «passado imaginado como mais favorável para a fé e pretensamente mais autêntico do ponto de vista cristão»<sup>151</sup>, somos convocados a olhar este tempo como uma possibilidade boa para «repensar e refazer a profunda afinidade entre o âmbito da fé e a salvaguarda do que é humano»<sup>152</sup>. É nesta tentativa de refazer o laço que unia essas duas rodas fundamentais, a fé e a vida, que se insere a teologia do afeto.

Por último temos o motivo *prático-pastoral* que liga e remata as anteriores. Esta motivação dá-nos conta de que, na sociedade atual, a fé não pode ser gerada, exercida ou transmitida sem o «impacto e a mediação afetiva; sem a salvaguarda da força profética da fé, associada à respetiva retidão ética; e sem a atenção a um estilo de vida eclesial que seja coerente com o Evangelho e persuasivo numa sociedade aberta e plural»<sup>153</sup>.

---

<sup>149</sup> Cf. J. F. CORREIA., “Ressonância afetiva, apelo ético, estilo relacional, 142.

<sup>150</sup> Cf. *Ibidem*, 143.

<sup>151</sup> Cf. *Ibidem*

<sup>152</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>153</sup> Cf. *Ibidem*, 142.

## 2.2. A centralidade do afeto na teologia

Uma teologia do afeto propõe uma forma específica de pensar a fé enquanto reconhecimento grato do dom de Deus que é experimentado na forma de uma justa relação. Deste modo, a fé é vista como algo que surge e se desenvolve a partir da existência humana e não prescindindo dela, demonstrando, assim, a relação intrínseca e inevitável entre a fé e a vida. Nesta proposta de pensar a fé, o afeto assume um papel charneira. Segundo Frazão, existe uma íntima relação entre a fé e o afeto, ao ponto do próprio afirmar que «a fé é afeto, enquanto a afeição que Deus tem por nós, afetuosamente reconhecida e correspondida, por ser digna de confiança»<sup>154</sup>. Nesse sentido, os lugares e ritmos onde acontece a vida humana, nos seus encontros e desencontros, dramaticidade e esperança são os mesmos lugares onde podemos fazer a experiência do encontro com Deus: «A voz divina, que interpela a decisão humana, tem, nos ritmos e nos lugares em que se vive, a graça e o custo da existência, a sua caixa-de-ressonância mais elementar e o seu palco quotidiano»<sup>155</sup>.

Ora, uma teologia do afeto parte da abordagem do mistério da encarnação, dessa afinidade ontológica existente entre Jesus de Nazaré e os mais diversos aspetos da nossa humanidade. A forma afetiva de Jesus de Nazaré se dar aos seus contemporâneos, narrada pelos Evangelhos, documenta o quanto o horizonte antropológico é chamado a cumprir uma função especular em relação ao próprio divino. Em Jesus de Nazaré reconhecemos a fé como uma resposta ao Outro divino, que se manifesta humanamente credível. Na verdade, a fé cristã assenta na experiência de que, na humanidade de Jesus de Nazaré, Deus emerge como digno de confiança e por isso podemos entregar a Ele. Este é a linha que costura a proximidade entre a fé e o afeto, como o autor jesuíta bem demonstra:

---

<sup>154</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, Paulinas editora, Lisboa, 2014, 7.

<sup>155</sup> Cf. *Ibidem*, 17.

«A fé-que-salva é, portanto, o reconhecimento afetivo e ponderado, continuamente grato, e o abandono livre, continuamente renovado, ao excesso do dom divino que, na história de Jesus, se revela digno dos afectos humanos mais caros...»<sup>156</sup>.

Ao contrário das teorias que pretendem demonstrar a fé como algo apenas racional, somos convidados pela obra de Frazão Correia a perspetivá-la como categoria vital e existencial, que não se divorcia do quotidiano, mas tem nessa espacialidade (histórica e simbólica) o território da sua própria afirmação. A nossa humanidade conta, pois nela se joga a oportunidade (*kairós*) de Deus. Não temos, portanto, de voltar costas à carnalidade da existência, à nossa imanência mais concreta, mesmo que historicamente marcada pelo naufrágio do pecado. O Verbo encarnou para nada menos do que salvar e redimir esta história, num dinamismo de revelação de Deus, que não podemos compreender sem o elemento afetivo “pois Deus amou tanto o mundo que entregou o Seu próprio Filho” (Jo 3, 16).

É neste estilo afetivo de se tornar dom que Deus refaz o laço existente entre a fé e a vida humana, que o pecado destruiu. Inspirados e convocados para este *Kairós* que Jesus inaugura, somos chamados a adquirir o mesmo estilo de Jesus. Um estilo que se caracteriza pela centralidade do dom de si, confirmando assim a ideia de Frazão de que, na sociedade atual, a fé não pode ser gerada, exercida ou transmitida sem o «impacto e a mediação afetiva; sem a salvaguarda da força profética da fé, associada à respetiva retidão ética; e sem a atenção a um estilo de vida eclesial que seja coerente com o Evangelho e persuasivo numa sociedade aberta e plural.»<sup>157</sup> É este o desafio que propomos aprofundar neste capítulo.

---

<sup>156</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, 67.

<sup>157</sup> Cf. J. F. CORREIA, «Ressonância afetiva, apelo ético, estilo relacional, 142.

### **2.3. Um olhar para a humanidade a partir da sua vocação elementar: entre a graça e o custo.**

Tudo começa com um olhar atento sobre a humanidade: sobre a sua gestação contínua, sobre a sua fragilidade e desejo. Não se trata de um olhar superficial ou moralista, refém de um pessimismo exacerbado, decidido apenas a apontar os males, mas, como explica o Papa Francisco, trata-se sim de um discernimento evangélico, um «olhar do discípulo missionário que se “nutre da luz e da força do Espírito Santo”»<sup>158</sup>, capaz de auscultar os sinais dos tempos e apontar caminhos de construção do Reino. Para o fazermos, nada como regressar ao início, à vocação elementar de todos os seres humanos: o chamamento à existência onde a vida se nos apresenta no balanço do paradoxo entre o dom e o custo: Nó existencial que terá que ser deslaçado no campo vivencial. É a partir desta paradoxalidade da vida que podemos interpretar a nossa própria humanidade, nas suas crises e oportunidades.

Esta vocação primordial, à qual o Homem é chamado, pode ser entrevista, segundo José Frazão Correia, na pergunta que Deus faz ao primeiro casal humano no teatro do paraíso, depois de terem incorrido em transgressão: “Onde estás?” Esta interrogação convoca certamente o Homem a dizer de si: quem sou eu? onde me situo? que propósito tem a minha vida? Estas são questões antropológicas inexcusáveis que soletram a nossa matricial vocação. Cada um de nós terá de se confrontar obrigatoriamente com elas, sabendo inclusive que a decisão de não responder já é, em si, uma resposta. A vida poderá ser acolhida como graça ou como custo: percebê-la como dom, resulta de um nexó afetivo positivo com o outro/Outro; a sua interpretação como custo se pode ser definida como uma experiência da vida como tarefa demasiado grande, exigente e pesada. Porém, é sempre na tessitura dos laços que o dom ou o custo se observam.

---

<sup>158</sup> Cf. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, Paulinas editora, Lisboa, 2013, 41.

Esta dialética paradoxal que marca o curso do nosso existir nem sempre foi assim, como nos recorda o autor jesuíta. Antes do pecado original não havia uma separação entre a graça e o custo. Da íntima relação com Deus brotava o dom e a promessa, de tal forma que o homem não precisava procurar ou conquistar a promessa, que lhe era dada como excedência presente. Havia uma tal harmonia entre Deus e o Homem que se vivia de benevolência e graciosidade: «reconhecendo-se mutuamente [Deus e o Homem] saboreavam a natureza; a paz paradisíaca; a justiça dos afetos e a firmeza dos laços, a graça do reconhecimento»<sup>159</sup>. Com o pecado há uma rutura que se instala entre a realidade e a promessa, entre a vida e a fé. Deste modo, o homem toma consciência que aquilo que é chamado a ser está ainda e sempre por se cumprir. Este estilhaçar da unidade matricial introduzirá um transtorno no que se refere às suas relações e conseqüentemente à realização da própria vocação. Uma vez distanciado daquele que lhe confere sentido e felicidade, o Homem irá procurar de forma desordenada o sentido da sua vida em coisas que só ampliarão o vazio de sentido.

A vida torna-se assim este campo de liberdade, onde o dom pode ser abraçado ou rejeitado, e o futuro visto como uma bênção ou uma maldição. Estas são as duas facetas da vida que marcam a estrutura da nossa existência humana. A graça é o substrato do que somos, pois ninguém pediu para existir: cada Homem é o resultado do dom. O custo é a história da nossa liberdade pois, face à graça recebida, somos chamados a responder. A esta convocatória não se pode não responder, pois existir é estar exposto em si e aos outros. A relação é a essência do Homem, pois o sentido para a sua vida e a realização da sua vocação encontram-se fora dele e não nele. O Homem foi criado para se transcender a si próprio e encontrar no outro o sentido da sua vida:

«Um dos aspetos fundamentais da pessoa humana, devido a ela não poder ficar fechada em si, é o facto de não só ser capaz de se relacionar com outras pessoas e até com

---

<sup>159</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, 10.

outras pessoas não humanas, com Deus e com os anjos, como também de precisar dessas relações para ser ela mesma»<sup>160</sup>.

Fomos criados para nos ligarmos uns aos outros e nesse encontro tatear o horizonte de sentido. «Aliás, podemos mesmo dizer que a plena realização da pessoa está no transcender-se e no sair de si»<sup>161</sup>. Não seria exagerada a afirmação de que “precisamos” do outro/Outro para vivermos e nos realizarmos. Não é por acaso que o bebê quando nasce necessita obrigatoriamente do cuidado dos outros para poder sobreviver, caso contrário morreria: «um “eu” precisa sempre de um “tu” para se compreender a si mesmo e para conseguir ter uma razão de viver»<sup>162</sup>. É nesta capacidade de se ligar ao outro/Outro que acontece a efetivação do pacto existencial. Cabe ao Homem a atenção à forma como constrói as relações; o cuidado dos toques; a sensibilidade com os corpos, etc., pois todo o afeto tem o seu impacto na construção da vocação humana e na consumação de um destino.

A visão da vida enquanto maldição e peso sempre será uma possibilidade. Isso deriva da experiência fraturante do pecado que, ferindo a nossa condição, também condiciona a nossa liberdade, tornando-a imperfeita e frágil. A liberdade, como havemos de desenvolver mais à frente, é a instância que permite decidir o lado da vida que queremos. Como seres frágeis, as nossas relações muitas vezes serão marcadas pelo desencontro e pela desconfiança, visto não sabermos «o justo tom e o gesto exato para vir ao encontro do esperado»<sup>163</sup>. Deste modo, desenha-se o custo da existência entre o confiar e o desconfiar, entre o acreditar e o descrer, entre o abraçar e o fugir, pois existir é confrontar-se com o outro/Outro e com o mundo, num diálogo em ato.

Esta tensão entre a graça e a experiência dramática e ambivalente da finitude a enfrentar torna-se mais gritante na sociedade contemporânea onde o individualismo se

---

<sup>160</sup> Cf. D. CUNHA, *Só o amor gera vida, pessoa família e sociedade*, Paulus editora, Lisboa, 2015, 111.

<sup>161</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>162</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>163</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, 16.

acentua a ponto de fragmentar a própria inscrição antropológica, atomizando-a. Assim nos relata o autor:

«O pensamento moderno de matriz iluminista e positivista estruturou-se sobre a separação e ensinou a oposição entre saber e crer, razão e fé, inteligência e sensibilidade»<sup>164</sup>.

Esta fissura do humano tem conduzido a sociedade, num ritmo muito acelerado, a grandes crises. Crises que o nosso pontífice Francisco identifica, na sua Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, como: economia de exclusão, desigualdade social, idolatria ao dinheiro, violência, cultura do imediato, indiferentismo, crise na família, individualismo, etc. No segundo capítulo desta Exortação Apostólica, intitulado “crise de compromisso comunitário”, o Papa fala-nos de algumas realidades hodiernas que atentam contra o projeto de Deus e a vocação humana. São realidades que o Papa tem procurado combater promovendo a cultura do encontro e da solidariedade.

«Um convite a trabalhar pela ”cultura do encontro“ de modo simples, ”como fez Jesus“: não só vendo mas olhando, não apenas ouvindo mas escutando, não só cruzando-se com as pessoas mas detendo-se com elas, não só dizendo ”que pena, pobrezinhos!” mas deixando-se arrebatar pela compaixão; ”e depois aproximar-se, tocar e dizer: ‘Não chores’ e dar pelo menos uma gota de vida“»<sup>165</sup>.

Esta autorreferencialidade que marca o mundo moderno leva o Homem a não procurar o sentido da sua vida e a realização da sua vocação no outro/Outro, mas em si próprio, dando azo à cultura narcisista. Esta cultura, que coloca o “eu” no centro, tem esvaziado o Homem da densidade das relações e tirado força e verdade à afetividade.

---

<sup>164</sup> Cf. J. F. CORREIA, “A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana”, UCP (coord), *A fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014, 30.

<sup>165</sup> Cf. Citado a partir de *L’Osservatore Romano*, ed. em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

«O sujeito pós-moderno parece viver o esvaziamento da densidade humana da experiência que se alia à cegueira do desejo. Se entendermos a experiência como o modo específico de, na primeira pessoa, se ser tocado e de tocar a realidade – o mundo exterior, as relações, o próprio Absoluto»<sup>166</sup>.

Esta nova realidade, que segundo Papa Francisco «foi causada pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, velozes e acumulados que se verificam no progresso científico, nas inovações tecnológicas e nas suas rápidas aplicações em diversos âmbitos da natureza e da vida»<sup>167</sup>, tem substituído o “quem” pelo “quê”, oferecendo ao Homem o sentido baseado no possuir/consumir e não no dar-se numa justa relação afetiva.

«Hoje, porém, a experiência parece associar-se, preferencialmente, à oferta crescente e sedutora de múltiplas experiências individuais e coletivas, como simples forma de apelo à adesão, que assume, quase sempre, a forma da compra»<sup>168</sup>.

O “quê” vem substituir o “quem” como fonte de sentido para o ser humano. São realidades que pretendem afastar o Homem da vocação à qual foi chamado, tornando a vida um grande combate sem sentido, que conduz, numa velocidade descontrolada, ao declínio do afeto.

### **2.3.1. Refazer o laço: o afeto que liga**

No entanto, nada está perdido nesta natureza humana enquanto Deus for o seu sustento. Na realidade, é nesta natureza humana ferida pelo pecado que Deus quer fazer morada, armar

---

<sup>166</sup> Cf. J. F. CORREIA, “A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana”, 39.

<sup>167</sup> Cf. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 43.

<sup>168</sup> Cf. J. F. CORREIA, “A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana”, 39.

a sua tenda. Como nos adverte o padre jesuíta, a experiência com Deus inscreve-se dentro da experiência humana, no sentido em que a voz divina interpela o Homem a partir daquilo que ele é e do lugar em que se encontra:

«A voz divina, que interpela a decisão humana, tem, nos ritmos e nos lugares em que se vive, a graça e o custo da existência, a sua caixa-de-ressonância mais elementar e o seu palco quotidiano»<sup>169</sup>.

A nossa relação com Deus acontece a partir da nossa realidade existencial, incluindo as suas vicissitudes. Na verdade, Deus comunica com o Homem na totalidade do seu ser (os afetos, os desejos, a vontade, a inteligência, etc.), confirmando o postulado de Frazão de que os lugares [atitudes] e ritmos [o desejo, afeto e a inteligência] da nossa condição humana são o lugar onde a fé se desenvolve e se gera. Neste sentido, a fé enquanto resposta à relação com Deus «não se dará fora da ressonância afetiva que esse mundo vital tem no nosso íntimo»<sup>170</sup>. Pois, na realidade sensitiva está presente uma altíssima qualidade espiritual, pois desperta e confirma o desejo de vida que nos habita.

Neste sentido, é legítimo interrogarmo-nos sobre a forma como Deus faz morada e resgata a natureza humana ferida e frágil. Como temos desenvolvido até agora, a essência do ser humano está na sua capacidade de se expor ao outro que o afeta. E é nesta capacidade de abertura que ele se conhece e realiza a sua vocação. Este exercício afetivo é o meio/porta por onde Deus entra, apresentando-se ao Homem, não como Alguém que impõe a sua presença, mas que se propõe afetivamente como digno de confiança. «Ele aparece como alguém que se propõe à liberdade humana»<sup>171</sup>. Este encontro do Homem com Deus dá-se por mediação de Jesus de Nazaré. É Ele que revela a verdade de Deus e a da nossa humanidade. «Saber a

---

<sup>169</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, 17.

<sup>170</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>171</sup> Cf. D. TERRA, “A fé como dom e resposta da liberdade”, UCP (coord), *A fé da Igreja*, Lisboa, Paulus editora, 2014, 133.

verdade de Deus acontece na forma de crédito conferido à história de Jesus. A estrutura efetiva da revelação está profundamente associada ao reconhecimento afetivo e vice-versa»<sup>172</sup>. Em Jesus de Nazaré, Deus declina-se como promessa e bênção que vem ao encontro do seu desejo de ser. Revelando um Deus que é Amor, Jesus de Nazaré, na sua forma singular e humana de se dar, transforma a fé numa atitude de confiança que faz abrir ao Outro, que se revela promessa e garante da vida. Neste sentido, a fé:

«Pode definir-se, de modo genérico, como reconhecimento, por parte do ser humano, de que a vida e o sentido primeiro e último da existência são dados gratuitamente aos humanos, por algo ou alguém diferentes deles, ou seja, transcendente»<sup>173</sup>.

A possibilidade de acreditar em Deus, revelada por Jesus Cristo, é traduzida pelo ato de confiança. A fé reveste-se assim de uma tonalidade vivencial-humana, na medida em que confiar ou desconfiar é algo próprio da natureza humana. À iniciativa de Deus que se apresenta ao Homem de forma afetiva e credível, o Homem responde através de um ato de confiança. Na forma afetiva e efetiva de se dar, Jesus revela-nos um Deus que é «dom incondicional de Si pela vida de todo o homem e mulher»<sup>174</sup>. Por isso não se impõe, mas propõe-se ao Homem. A fé em Jesus de Nazaré, como havemos de desenvolver mais à frente, ganha uma dimensão humana, pois «sendo uma adesão pessoal a Jesus Cristo, enquanto fonte primeira da vida dada e enquanto única orientação última para a nossa confiança e a nossa gratidão, partilha profundamente as características das atitudes humanas...»<sup>175</sup>. Por isso, esta resposta dada a Deus passará sempre pela experiência vivencial nos ritmos e lugares da existência humana.

---

<sup>172</sup> Cf. J. F. CORREIA, “A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana”, 48.

<sup>173</sup> Cf. J. M. DUQUE, “A historicidade do caminhar na fé”, UCP (coord), *A fé da Igreja*, Lisboa, Paulus editora, 2014, 254.

<sup>174</sup> Cf. J. F. CORREIA, “A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana”, 53.

<sup>175</sup> Cf. *Ibidem*, 256.

Nesta natureza ferida, em que a desconfiança e a insegurança marcam a existência do Homem, Deus apresenta-se como uma voz suave que só quer a amizade e a salvação do Homem. A essa voz divina que se revela, ele terá de responder. Como salientamos anteriormente, a resposta dada pelo Homem não poderia deixar de passar pelo plano vivencial, onde a resposta ganha a sua efetivação. Por isso, a atenção à linguagem e aos movimentos dos afetos tem que ver com o discernimento que fazemos da vontade de Deus. Na verdade, a forma como Deus se apresenta tem uma modulação e um impacto afetivo.

Entramos assim no campo prático e ético. Não nos podemos esquecer que a relação com Deus vivida de uma forma afetiva comporta em si uma responsabilidade ética. O ser humano, ao acreditar em Deus e na promessa que é a vida, vê-se chamado e constituído por um apelo à responsabilidade, por si mesmo, pelos outros e pelo mundo. «Acolher Deus que se manifesta no curso da existência pessoal só pode ocorrer através de um ato de compromisso inteiro»<sup>176</sup>. Receber a Deus implica e empenha a disposição da liberdade e o empenho da vontade numa efetiva tomada de decisão ética. Os estilos éticos são a síntese, visível e vivível, entre o dom e o custo, interioridade e exterioridade, verdade e liberdade.

### **2.3.2. A liberdade: instância de decisão**

Nesta dimensão ética está presente a liberdade, que é a instância da nossa natureza responsável pelas decisões éticas. Neste ponto, iremos abordar o tema da liberdade, principalmente da liberdade cristã que é aquela redimida e regenerada depois da fratura provocada pelo pecado. A liberdade é a instância da vida humana onde o Homem é convocado a decidir, a dizer de si aos outros, ao mundo e a Deus. É esta instância onde «cada um acolhe ou recusa, duvida ou percebe, e onde aquilo que lhe é apresentado é confrontado

---

<sup>176</sup> Cf. D. TERRA, “A fê como dom e resposta da liberdade”, 156.

com a visão real e avaliado para ver se corresponde ou não às exigências do coração»<sup>177</sup>. O Homem criado à imagem de Deus é um ser desperto, exposto e posto em liberdade, chamado a receber e a empenhar-se na vida que recebeu como dom e a qual é chamado a conquistar. Deus que cria o Homem livremente também lhe oferece a liberdade para que este possa responder perante Deus e perante os outros, correndo o risco de receber uma resposta negativa. «O dom da criação tem o seu cume na liberdade do ser humano que pode perverter o dom»<sup>178</sup>. Esta possibilidade desenha a tensão que marca o nosso existir: a decisão entre o dom e o custo, a dádiva e a maldição da vida.

Esta instância de decisão, que se chama liberdade, nem sempre foi vista e compreendida da mesma forma, condicionando, assim, a postura e a decisão perante a vida. Exemplo disto é a forma como a cultura contemporânea e certas culturas mais antigas compreendem a noção de liberdade. Ao contrário da cultura judaico-cristã, a cultura ocidental, a partir do povo helénico, percebeu a liberdade como um ato de conquista. Nesta linha de pensamento, a liberdade não é percebida como um dom, mas sim como troféu humano a conquistar. Não diferente desta conceção está também a da cultura moderna, que concebe a liberdade como combate e conquista. Isto porque, com o iluminismo a cultura ocidental, o sujeito reclama para si a liberdade e a autonomia, de modo a emancipar-se do Criador como alteridade originária. A razão, reivindicada como única fonte da verdade, pode ser adquirida através das experiências empíricas. É nesta linha que a modernidade percebe a liberdade, como a capacidade de «experimentar tudo, sem se deixar limitar por nada, sem se vincular a ninguém»<sup>179</sup>. Desta liberdade conquistada pela razão só nos resta “emoção, experimentação e espontaneidade”<sup>180</sup>.

---

<sup>177</sup> Cf. D. CUNHA, *Só o amor gera vida*, 301.

<sup>178</sup> Cf. J. F. CORREIA, *Entre-tanto: a difícil bênção da vida e da fé*, Paulinas editora, Lisboa, 2014, 29.

<sup>179</sup> Cf. J. F. CORREIA. *A fé vive de Afeto*, 29-30.

<sup>180</sup> Cf. *Ibidem*, 30.

### 2.3.3. A liberdade Cristã

Para analisarmos a liberdade cristã e perceber o seu alcance, iremos recorrer novamente aos estudos de José Frazão que apresentam algumas abordagens em relação a este tema. A sua reflexão está dividida em duas partes: na primeira parte, somos convocados a reconhecer aquilo que nos precede e pelo qual estamos prometidos, tocados e agradecidos num exercício responsorial e responsável da liberdade; na segunda parte, damos conta daquilo que nos transcende e interpela. Trata-se de momentos da nossa existência que se caracterizam pela profundidade indecifrada, pelo desconhecido e que, no entanto, podem ser ocasiões para o possivelmente fecundo.

A nossa liberdade começa a desenhar-se com o nosso nascimento, pois este começa de forma paradoxal: dom e graça; custo e peso.

«O nascimento é opaco, não só porque é sofrido, mas, também, porque, marcando o início, marca igualmente o limite, o pioneiro, deixando temerosamente pressentir que o tesouro da vida, de facto, é apenas um empréstimo eficaz»<sup>181</sup>.

A vida apresenta-se com uma dupla face. Numa das faces é dom, pois o ato do nascimento pode ser visto como uma herança recebida, a qual o homem não exigiu. Neste sentido, percebemos que o início da nossa existência é marcado por uma “recetividade radical”<sup>182</sup>. Por outro lado, a vida também pode ser vista como “fratura violenta, expulsão e exposição dolorosa”<sup>183</sup>. Esta face da moeda revela-nos o lado imperativo da vida, em que receber a vida torna-se um ato involuntário, pois ninguém pede para nascer e quando nasce está exposto a lugares e relações que não escolheu. Nesta linha, nascer significa

---

<sup>181</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, 38.

<sup>182</sup> Cf. *Ibidem*, 31.

<sup>183</sup> Cf. *Ibidem*.

automaticamente lutar, fazer pela vida. Esta é depositária de uma promessa ainda por realizar, da qual o homem não sabe o desfecho.

Vimos à existência, assim, por um ato de generosidade que nos precede e com um destino que nos excede. Desta feita, perante essas duas faces da vida, «vir ao mundo pode motivar, tanto a maravilha e o reconhecimento do dom, como o lamento e a rebelião contra a fratura de um custo demasiado elevado»<sup>184</sup>. A liberdade, perante esta tensão, terá que percorrer o seu caminho, tomando decisões que poderão marcar para sempre o futuro do Homem.

Nesta linha percebemos que não somos apenas herdeiros, mas também destinatários de uma promessa, à qual teremos de dar uma forma e um estilo, a partir da nossa liberdade. Compreendemos assim que nascer é também pôr-se a caminho rumo a uma promessa difícil de realizar. Nascemos para lutar e conquistar a própria liberdade. Esta luta, como referimos acima, acontece mediante as decisões tomadas no dia-a-dia: através nos nossos gestos e atitudes. Fazer e decidir são a forma como o Homem poderá construir, conquistar e alcançar a sua promessa e realizar a sua vocação. Por isso, a liberdade humana “será tanto mais conseguida quanto mais se reconciliar, pela confiança, com a memória e a promessa da origem”<sup>185</sup>. A liberdade deve sempre responder à verdade que o Homem é, na medida em que se é livre apenas quando se conhece e decide pela verdade. «Só quem reconhece o apelo da verdade e lhe responde (responsabilidade significa responder ao apelo da verdade), colocando a sua vida nesse caminho, é realmente livre»<sup>186</sup>.

Esta tarefa apresenta-se difícil e exigente para o Homem. Ele conta com a intervenção externa. Existir não se caracteriza só pelo património recebido e pelo destino a prefigurar, mas também pela grandeza de ser interpelado. Existir significa também estar à frente dos outros e da instância Outra e ser afetados por eles, a quem teremos de dizer de nós e responder ao

---

<sup>184</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, 31.

<sup>185</sup> Cf. *Ibidem*, 33.

<sup>186</sup> Cf. D. CUNHA, *Só o Amor gera vida*, 96.

apelo que o outro nos faz. É precisamente neste diálogo com o outro que vamos construindo a nossa linguagem e a forma como expressamos e percebemos o mundo. Aquilo que dizemos e como dizemos é reflexo e herança daqueles que nos precederam. Na medida em que, a palavra do outro que me chega através do som e dos gestos pode despertar a minha consciência. Com isto, percebemos a importância dos outros na construção da nossa identidade e liberdade. É importante recordar aqui que a nossa liberdade é formada a partir daquilo que se é e a partir daquilo que se recebe na experiência com o outro/Outro. Como exemplo explícito desta realidade, Frazão Correia apresenta-nos o afeto de uma mãe para com o bebé, que se traduz, por exemplo, no cantar de uma canção para embalar, que pode ter a força de iniciar o desenho da identidade da criança. A partir deste exemplo já vamos percebendo a importância que o afeto assume neste drama que o Homem vive em ter de decidir entre o dom e o custo da existência. Uma vez recebido o afeto, a criança começa por responder com o sorriso, que poderá condicionar a sua forma de encarar a vida e de cumprir a promessa. Neste sentido, a vida em vez de ser vista como uma imposição e maldição, será vista como um dom e uma bênção pelos quais vale a pena lutar. Uma vez reconhecido o afeto, ele torna-se laço que nos une aos outros e nos faz entrar «pela porta dos sentidos, assim tocados já ressoa anonimamente a bondade das origens e o gozo de um destino feliz»<sup>187</sup>. O nascimento marcado por esta ressonância afetiva poderá tornar-se um acontecimento fundador da nossa identidade. Se olharmos a nossa origem como um ato de graça, a vida será encarada também como uma bênção. O poder do afeto na construção da liberdade e o contributo na realização da vocação humana tem um impacto significativo também nos momentos de abismos que o próprio Homem muitas vezes experimenta. Esses enigmáticos momentos, de menor autocompreensão, podem ser encarados de duas maneiras: por um lado, podem despertar no Homem o sentimento do medo, que bloqueia e fragiliza a confiança na promessa que a vida pode oferecer. Um medo que é o resultado daquilo que não se conhece e não se vê.

---

<sup>187</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fê vive de Afeto*, 34.

E se torna a causa do não confiar naquilo que está por vir; por outro lado, esses momentos de maior escuridão podem ser momentos de resgate e inspiração para o futuro, demonstrando assim que «os cumes mais elevados do humano refletem-se nos abismos mais profundos»<sup>188</sup>.

Concluimos assim que perante a paradoxalidade da vida e os momentos de escuridão que caracterizam a liberdade humana esta se vê muitas vezes confusa e incapacitada para tomar as decisões certas. O afeto das relações pode representar um fator essencial para voltar a ligar a vida humana à promessa originária e assim conduzir a liberdade para decisões acertadas. Este é o enquadramento que permite compreender a frase de Frazão segundo a qual a “ferida que afeta a liberdade e o afeto também a liga à promessa originária da vida”. A vida que se desenha por entre a possibilidade e o limite, entre o dom e o custo, a bênção e a maldição, quando vê a sua liberdade tocada pelo afeto das relações poderá ver desfeito este nó existencial. Na verdade, este é o grande propósito da vida humana sobre esta terra.

## **2.4. A alteridade divina e a liberdade: encontro afetivo entre duas liberdades**

O afeto tem um papel fundamental nas relações que estabelecemos com o outro/Outro. A ressonância afetiva remete para laços dignos de confiança que são capazes de empenhar e de se manter em vida. Na verdade, a promessa que a vida nos oferece é o resultado da intervenção qualitativa da experiência. É nesta linha de pensamento que propomos fazer uma reflexão acerca do encontro afetivo entre a divindade e a humanidade, a alteridade divina e a nossa liberdade enquanto encontro que salva no afeto que os liga. Não se trata de um encontro forçoso nem imposto como algumas teorias querem defender. Porque Deus «aparece como alguém que se propõe á liberdade humana»<sup>189</sup>, trata-se sim de uma «proposta que convida ao

---

<sup>188</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, 34.

<sup>189</sup> Cf. D. TERRA, “A fé como dom e resposta da liberdade”, 133.

reconhecimento e à adesão». Este encontro é necessário para que exista um percurso crente, pois «a existência crente é fruto da conjugação de duas liberdades: a de Deus e a do ser humano»<sup>190</sup>. Esta é a especificidade e a grandeza do cristianismo: mais do que uma religião de doutrinas e preceitos é uma religião de encontro afetivo entre duas liberdades que se acolhem mutuamente.

«De facto, a fé cristã assume a forma de um itinerário que se desenha no permanente face a face entre Deus que se dá a conhecer e o ser humano que o acolhe»<sup>191</sup>.

A liberdade, enquanto dom de Deus à nossa condição humana, começa inicialmente ferida pelo pecado original, mas é nessa mesma ferida que encontra o motivo da sua existência: o chamamento a acolher a promessa de Deus. Inspirado pelo teólogo E. Salmann, José Frazão apresenta-nos o tema da liberdade como sendo uma tensão que, segundo o teólogo beneditino, se define em duas sentenças. A primeira dá-nos conta de que a «vida humana já contém e representa os ritmos da consciência crente e dos mistérios cristãos»<sup>192</sup>. Há já no ser humano uma pré-disposição para acreditar e acolher confiadamente a revelação divina, pois «a própria capacidade de acolher a vida e o seu sentido como dádivas gratuitas de Deus, é ela própria dada gratuitamente por Deus, e não resultado de uma produção ou conquista»<sup>193</sup>. A segunda sentença, por sua vez, diz-nos que o Cristianismo é a *lectio difficilior* da vida e da visão do mundo. Neste sentido, se por um lado parece que na nossa existência humana há já uma disposição para acolher a revelação, por outro lado existe em nós a dificuldade resultante da ruptura que o homem vive, por consequência do pecado original, de acolher esta revelação, levando-o muitas vezes a rejeitá-la. «Nascemos numa condição estruturalmente aberta à fé e estruturalmente dramática que temos de habitar

---

<sup>190</sup> Cf. D. TERRA, “A fé como dom e resposta da liberdade”, 132.

<sup>191</sup> Cf. *Ibidem*, 144.

<sup>192</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, 25.

<sup>193</sup> Cf. J. M. DUQUE, “A historicidade do caminhar na fé”, UCP (coord), *A fé da Igreja*, Lisboa, Paulus editora, 2014, 254.

existencialmente, de assumir e dar sentido, e que desconhecemos»<sup>194</sup>. O pecado deixa no Homem uma marca de ambivalência. Nesta condição ferida em que o homem se encontra, a liberdade terá a dura responsabilidade da decisão. É este drama entre o acolher ou o rejeitar, o confiar ou o descrer, como efetivação da liberdade, que marca o nosso estar no mundo. Pois existir significa responder a um apelo, resolvendo assim o nó existencial a que a vida nos impele.

Esta tensão que marca a humanidade não tem que ser necessariamente negativa, quando vista pela ótica divina. É precisamente nesta ótica divina que o autor jesuíta enquadra a questão, reforçando a essência do cristianismo como crença num Deus misericordioso e compassivo, pronto a perdoar todos os pecados. A realidade ambivalente em que o Homem vive é vista pela experiência crente como o húmus onde a fé pode nascer e desenvolver-se. É neste terreno heterogéneo que Deus quer trabalhar e fazer vir ao de cima a grandeza para o qual o Homem foi criado. Por isso, a fé e a vida implicam-se mutuamente, pois «a experiência da fé tem um fundamento ontológico e antropológico que coincide com uma dimensão de interioridade à nossa própria existência de ser, com o seu processo biográfico pelo qual é dado à vida e nela se descobre»<sup>195</sup>. Desenha-se, assim, uma fé vivencial, que encontra na ambivalência da vida o seu espaço arquitetural:

«Inscrevendo-se por entre o encanto e o pesadelo, a graça e o custo, a maravilha e o sofrimento, o reconhecimento e a desconfiança que sempre marcam o nosso vir e estar no mundo, vida e fé iluminam-se e suportam-se, arriscam-se e criticam-se mutuamente de modo que a religião não destrua mas suporte a vida e a vida não se torne banal, vazia, abstrata e distraída»<sup>196</sup>.

---

<sup>194</sup> Cf. T. MESSIAS, “A fé como experiência existencial” UCP (coord), *A fé da Igreja*, Lisboa, Paulus editora, 2014, 293.

<sup>195</sup> Cf. *Ibidem*, 290.

<sup>196</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, 26.

Visitando a nossa carne viva marcada por esta tensão, Deus quer fazer parte da nossa vida para a iluminar e a salvar. Deste modo, Ele apresenta-se como a verdade que ilumina e reforça a nossa liberdade ferida. «Jesus Cristo é verdadeiramente o nosso libertador porque nos oferece a possibilidade de vencer os efeitos dessa ferida»<sup>197</sup>. A vida e a fé dão-se as mãos numa tarefa que tem um só objetivo: a salvação do Homem. É precisamente nesta linha de pensamento que José Frazão afirma que a carne onde se vive esta tensão é o lugar aonde a fé identifica o território da sua maturação. Desta experiência de tensão, muitas vezes dolorosa, pois a vida “ao mesmo tempo que promete tanto parece oferecer demasiado pouco”, o homem poderá experimentar um momento de resgate e redenção:

«Mas eis que sempre acontecem momentos de resgate, de redenção, de perdão, de superação da morte e, finalmente, a promessa de transformação do corpo, de transubstanciação da matéria, de comunhão do espírito»<sup>198</sup>.

Deus que se revela como Alguém em quem se pode confiar «vai sendo suspirado, entrevisto e reconhecido na forma de presença bendizente e como força de resgate»<sup>199</sup>. A partir deste postulado, Frazão Correia insiste em que a forma afetiva como Deus se nos revela é a mesma que a nossa. Mostra-nos, assim, que o processo em que se desenvolve a Fé não é muito diferente do processo em que se desenvolvem as nossas relações afetivas. Na verdade, à semelhança das nossas relações interpessoais, a relação com Deus também tem os mesmos dinamismos que marcam as relações afetivas: a confiança e a desconfiança, o encontro e o desencontro, o amor e o desamor.

---

<sup>197</sup> Cf. D. CUNHA, *Só o Amor gera vida*, 99.

<sup>198</sup> Cf. *Ibidem*, 26-27.

<sup>199</sup> Cf. *Ibidem*, 27.

«A fé cristã, sendo evidentemente uma adesão pessoal a Jesus Cristo, enquanto fonte primeira da vida dada e enquanto única orientação para a nossa confiança e a nossa gratidão, partilha profundamente as características das atitudes humanas referidas. Estas, por seu turno, são sempre atitudes situadas nas condições humanas da existência – até no que se refere à debilidade determinante dessa condição, que marca permanentemente a própria “fraqueza” do crer»<sup>200</sup>.

Ao Deus que não entra na história como quem quer impor algo, mas que se relaciona conosco de forma afetiva, apresentando-se como Outro que é digno de confiança, o Homem responde de forma positiva na atitude de fé e confiança. Deste modo, o horizonte da liberdade poderá ampliar-se neste reconhecimento de que o núcleo fontal é a alteridade originária [Deus] que não se impõe à humanidade, mas se expõe ao reconhecimento livre. A nossa consciência terá que discernir se acolhe ou rejeita o Outro que «vive, pois, de uma alteridade que se propõe à liberdade que se lhe dispõe»<sup>201</sup>. Neste sentido, a liberdade não tem que ver só com o “poder fazer” que depende das circunstâncias externas, mas deve «levar a interiorizar, tornando própria a proposta que lhe é feita quando é reconhecida como bem, ou refutando aquilo que não encontra correspondência no coração»<sup>202</sup>.

De forma sucinta, podemos afirmar que a liberdade, mais do que uma autofundação ou autodeterminação (definição proposta pelo modernismo), é algo que se realiza na confluência da minha disposição para uma experiência de acolhimento de um valor que evoca a verdade última e a decisão de agir de acordo com este valor. Demonstra-se assim a radical alteridade em que o ser humano se encontra: somos seres marcados pela «passividade e iniciativa, toque afetivo e disposição efetiva, desejo e realização»<sup>203</sup>. Se, por um lado, o sensível tem a capacidade de nos despertar para a transcendência do sentido, por outro lado este desejo leva-nos a questionar a origem e o destino deste, que o cristianismo identifica como o próprio

---

<sup>200</sup> Cf. J. M. DUQUE., “A historicidade do caminhar na fé”, 256.

<sup>201</sup> Cf. J. F. CORREIA., *A fé vive do afeto*, 39

<sup>202</sup> Cf. D. CUNHA, *Só o amor gera vida*, 303.

<sup>203</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive do afeto*, 42-43.

Deus. É Deus que semeia no coração do Homem o desejo de querer ser humanamente e assim responder à sua vocação. Este desejo só vem ao de cima quando o processo da liberdade aceita passar pela «percepção da finitude, a auscultação do desejo íntimo do reconhecimento»<sup>204</sup>. A liberdade humana aspira, assim, à relação com o seu fundamento que é a alteridade originária, que se lhe apresenta através de uma «intimidade afetiva, capaz de garantir a justificação e a inviolabilidade do humano»<sup>205</sup>. A relação é geradora de confiança e obediência, salvaguardando aqui a possibilidade de rejeição da parte do Homem no uso legítimo da liberdade. Sendo assim, a relação com a alteridade originária poderá ser marcada tanto pela positiva como pela negativa. Quando é marcada pela positiva, onde a alteridade originária se lhe apresenta numa intimidade afetiva, os dois comungam de uma relação frutífera baseado na confiança, o que implica da parte do Homem «o envolvimento pessoal, a necessidade e liberdade de interrogar e de procurar; tenacidade de cuidar dos seus afetos e da sua dignidade enquanto pessoa»<sup>206</sup>. Quando é pela negativa, a relação pode gerar intimidação e terror. Negativamente seria causa de «desconfiança, separação e luta pela regulação separada e desejo pessoal de ser e de viver»<sup>207</sup>.

Como desenlace deste ponto sobre a liberdade, é apresentada a história de Jesus como modelo: nele o drama da liberdade encontra a sua harmonização, a ferida que afecta a liberdade e o afeto que a move acontece. Assim, como aconteceu na nossa história, também a sua começou com uma passividade originária, onde os verbos eram conjugados simplesmente no passivo: foi gerado, foi dado a luz, foi levado ao templo, etc. Do reconhecimento grato da vida recebida como Dom, Jesus foi capaz de responder com a sua própria vida, através da sua liberdade à sua vocação, que honra a sua origem e, por isso, lhe revela um futuro em chave de promessa: a sua glorificação junto do Pai. Muitos são os frutos que podemos colher desta vida perfeitamente realizada e que nos ajudam a conciliar os dramas e as ambivalências próprias da

---

<sup>204</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive do afeto*, 43.

<sup>205</sup> Cf. *Ibidem*, 44.

<sup>206</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>207</sup> Cf. *Ibidem*.

nossa humanidade, da nossa liberdade. O primeiro talvez seja o acolhimento generoso da vida que recebemos. Este reconhecimento grato da vida como Dom levou Jesus a criar laços com a sua Origem que tudo gera e tudo permite. Em Jesus, a vida recebida é reconhecida como digna de confiança até ao fim. Com a sua encarnação, Jesus mostra-nos que Deus não é só Aquele que dá a vida, mas também Aquele que a acolhe e a recebe, libertando o nascimento do peso da culpa e da maldição que ela poderia revelar-se para nós. Liberta também a vida da sua finitude, pois nascer não marca apenas a finitude das criaturas, mas apresenta-se como bênção de uma promessa de Deus.

Cabe salientar, ainda, que a ferida que mancha o Homem proveniente da história do pecado que o separa de Deus também é vivida por Jesus que assume a nossa carne. É nesta mesma carne ferida que Jesus, pelo uso da sua liberdade, foi capaz de ir à procura da profundidade que o habita, descobrindo, assim, que a condição ferida do homem não é uma limitação, mas sim uma vocação que o leva ao encontro do seu fundamento que é a alteridade originária: Deus. É esta alteridade originária que Jesus nos revela através de uma justa relação afetiva. Esta revelação encontra o seu cume na sua entrega na cruz, onde nos revela a alteridade originária que sustenta e salvaguarda o mundo como laço de amor que salva a nossa humanidade ferida. É o afeto que salva a nossa humanidade ferida pelo pecado e configura a nossa liberdade para realizarmos a nossa vocação de sermos filhos de Deus. Neste sentido, a liberdade poderá ser definida como “ser-se-reconhecido-como-filho” e por isso amar o outro como um irmão. Como nos é definido pelo autor da obra: «Paradoxalmente a maior liberdade culmina na maior obediência, a disposição de si em estar disponível para os outros»<sup>208</sup>.

---

<sup>208</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fê vive de Afeto*, 47.

## 2.5. A encarnação: O afeto que salva

Neste ponto iremos desenvolver a segunda motivação que estimulou José Frazão Correia a fixar-se no campo do afeto que é a motivação *bíblico-fenomenológica*. Dando continuidade ao ponto anterior, em que abordamos o impacto afetivo da alteridade divina na construção da liberdade humana, iremos agora abordar a encarnação do Verbo na nossa história, como a efetivação deste impacto afetivo de Deus sobre o Homem, onde Deus nos é revelado como sendo um “Deus-para-nós”.

Assumindo a fragilidade da nossa carne, expondo-se à promessa e ao custo da nossa existência, Jesus revela-nos um Deus próximo da humanidade nas suas vicissitudes próprias e demonstra, através de relações afetivas com grande impacto (gestos e palavras), a verdade de Deus. «São os gestos de cuidado-dedicação que tornam evidente a verdade de Deus»<sup>209</sup>. Assumindo a nossa condição humana, a nossa forma de ser e de estar no mundo, Jesus conduz o Homem à perfeição. Nesta linha é legítimo interrogar-nos, como muitos o fizeram: porquê encarnar para salvar o Homem? Porquê escolher esta forma humana e visceral para se revelar e salvar a humanidade, e não outra forma, talvez mais fácil? Porque assumiu a nossa condição de pecadores expondo-se à fragilidade e à morte? Talvez porque «aquilo que não foi assumido pelo Verbo não foi redimido» como nos afirmou São Gregório de Nissa. Jesus assume esta carne frágil e ambivalente para percorrer o mesmo caminho que todo o ser humano é chamado a trilhar, precisamente para nesta carne vencer as ambivalências e tensões próprias da nossa humanidade. Engrandecendo e valorizando os lugares e ritmos da nossa existência como meios que possibilitam o encontro entre a divindade e humanidade. Há, portanto, uma valorização da história humana. Esvaziar o cristianismo desta mediação visceral é ignorar a grandeza e importância da encarnação, transformando o cristianismo numa mera teoria ou doutrina.

---

<sup>209</sup> Cf. J. F. CORREIA, “A fê como forma vital e forma expressiva da existência humana”, 52.

«A mediação cristológica associa a revelação à figura histórica de uma pessoa, Jesus, apreciada e acolhida por outras pessoas, os Seus discípulos. É por isso que o acontecimento da revelação não pode ser simplesmente identificado com a formulação de ideias religiosas, com um conjunto de factos demonstrativos ou com um qualquer arrebatamento místico da alma. O evento histórico implica o reconhecimento afectivo da verdade *teo-lógica* – identificar a singularidade da história de Jesus sem se dispor a reconhecer o seu alcance teológico significa separar a história da intencionalidade de Jesus, isto é, da sua própria identidade»<sup>210</sup> .

Na encarnação do Verbo, Jesus revela-nos um Deus que se preocupa com a vida humana, com as suas vicissitudes próprias: a sua grandeza e o seu limite. Algo que está muito bem espelhado na dádiva de si, não se mostrando indiferente à vida humana. Na sua forma humana e divina de se dar através dos gestos e palavras, veio procurar e salvar o que estava perdido.

«*O cuidado de Deus pelo ser humano* é, pois, a linha que dá unidade à vida e à morte de Jesus. Os seus gestos e palavras testemunham a certeza no absoluto que Deus devota a cada fenómeno deste mundo e na absoluta dedicação à existência de cada ser humano»<sup>211</sup> .

Não deixa de ser curioso e interpelador o modo que Deus escolhe para nos salvar. Frazão Correia, num dos subtítulos da sua obra “A fé que salva a vida no afeto de Jesus”, afirma que a redenção do Homem levada a cabo por Deus acontece em Jesus Cristo, na sua forma afetiva de se dar. Durante a sua vida terrena, segundo os relatos dos Evangelhos, revelou-nos um Deus que não é indiferente à cartografia da existência humana: inteligência, afeto, desejo, sofrimento. Pelo contrário, não só se interessou pela nossa vida como se assumiu como garante dos desejos humanos mais profundos. A partir da Sua vida terrena podemos celebrar a íntima relação entre a fé e o mosaico da existência, pois a fé «constitui-se no Novo Testamento como processo de reconhecimento da intencionalidade teo-lógica dos

---

<sup>210</sup> Cf. J. F. CORREIA, “A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana”, 48.

<sup>211</sup> Cf. *Ibidem*, 51.

gestos e das palavras de Jesus»<sup>212</sup>. Deste modo, podemos passar a definir a fé como acolhimento confiante e livre a Deus que se revela como alguém a quem podemos confiar os desejos mais profundos do ser humano. A história afetiva de Jesus de Nazaré narrada pelos Evangelhos é testemunha disso mesmo. Deste modo, «a escritura neotestamentária, enquanto atestação de Jesus de Nazaré como verdade e justiça de Deus, é precisamente a narração do movimento de correspondência «entre o escutar e o compreender/apreciar; entre o olhar e o ver/reconhecer; entre o ser testemunha nos acontecimentos e o testemunho do crente»<sup>213</sup>.

O Logos que salva o mundo não é uma mera ideia ou uma teoria, mas alguém concreto, que se comunicou com o Homem na carne humana, na sua forma real de ser. Mostrando assim que o cristianismo não é só conteúdo, mas também forma; não é uma mera ideia, mas um estilo de vida. A encarnação torna-se assim o motivo fundante do diálogo entre a fé e o afeto, entre os mistérios cristãos e o quotidiano das relações, revelando-nos que a fé e os mistérios cristãos têm em si uma enorme carga de humanidade. «A estrutura efetiva da revelação está profundamente associada ao reconhecimento afetivo e vice-versa»<sup>214</sup>. Na mesma linha de pensamento está a frase do Papa Bento XVI na sua carta Encíclica *Deus caritas est*:

«No início do ser Cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»<sup>215</sup>.

Por causa da encarnação, o cristianismo torna-se a religião que celebra e anuncia a força e a importância dos lugares e ritmos da humanidade, pois o seu Mestre e Deus não só se fez carne como também comunicou connosco através da carne/corpo humano, na força afetiva

---

<sup>212</sup> Cf. J. F. CORREIA, “A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana”, 49.

<sup>213</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>214</sup> Cf. *Ibidem*, 48.

<sup>215</sup> Cf. BENTO XVI, *Deus Caritas est* in *Acta Apostolicae Sedis* 98/3 (2006) 217-252.

do seu existir. Assim nos adverte São João na sua primeira carta: «O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam acerca do Verbo da vida» (1Jo 1,1). Aqui está a valorização da dimensão corpórea e afetiva do Homem, pois são o *topos* aonde fazemos a experiência com o outro e com Deus. Deste modo, a fé cristã é vista na trama da própria existência como relação e encontro entre alguém que «chega a *re-conhecer* e a decidir pelo amor incondicional que Deus lhe revela quando *se lhe dá* e, assim, *se diz* nas palavras e nos gestos de seu filho encarnado, Jesus de Nazaré»<sup>216</sup>.

Em Jesus, o conteúdo e a forma da revelação divina coincidem na história do Verbo de Deus. Aquilo que os profetas anunciaram sobre Deus e que o próprio Jesus revela sobre o Pai, ganha corpo e estilo na história desse Nazareno, filho de Maria. É neste sentido que o autor afirma que «o que Deus diz de si e de nós na carne do Verbo não é inseparável do modo efetivo e [afetivo] como se nos dá na história»<sup>217</sup>.

## 2.6. A fé como reconhecimento afetivo

Tendo em conta aquilo que estivemos a demonstrar acima, podemos descrever a fé como sendo o assentimento da parte do Homem à revelação da alteridade originária que se revela afetivamente num encontro. Ela é a adesão confiante e livre ao Deus revelado por Jesus que acontece através de uma justa relação afetiva. Ela é a resposta a uma revelação afetiva por parte de Jesus que se apresenta como fiável. E porque ela surge de uma justa relação afetiva, todos os gestos, o timbre e a modelação da voz de Jesus ganham uma importância singular, pois eles constituem o lugar onde Ele dá a conhecer a Deus como digno de confiança. José

---

<sup>216</sup> Cf. J. F. CORREIA, *Entre-tanto: a difícil bênção entre a fé e a vida*, 17.

<sup>217</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de afeto*, 51.

Frazão Correia define esta fé como sendo a “fé que salva a vida no afeto de Jesus”, na medida em que a graça salvífica que Deus transmite ao Homem em Jesus ganha um aqui e um agora.

Com isto, podemos falar da fé como uma questão de vida, porque se gera e desenvolve também nesta carne humana, com as suas vicissitudes próprias, o que significa que a fé está, também, sujeita a características das atitudes humanas, também exposta às «possibilidades e fragilidades da nossa existência corpórea (...) situada na atualidade de um presente e no concreto de um lugar»<sup>218</sup>. A fragilidade, que caracteriza a fé, nota-se pela tensão que lhe é própria, enquanto relação sujeita à dramática do existir. Neste sentido, não podemos abordar a fé apenas como uma doutrina, que aprendemos e aceitamos cegamente. Mais do que uma doutrina, ela é «disposição, dinamismo e encontro visceral com a paisagem, a palavra e o rosto de Deus revelado na história efetiva de Jesus»<sup>219</sup>. A fé, enquanto *fides qua*, que Santo Agostinho abordou na sua teologia como sendo a resposta do homem à revelação de Deus, parte da sua própria experiência humana com as suas próprias vicissitudes. Acerca deste motivo declara o Concílio Vaticano II na sua constituição *Dei Verbum*: «Em virtude desta revelação, Deus invisível na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos e convive com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele»<sup>220</sup>. Ou, como propõe Frazão Correia, a fé é:

«o reconhecimento afetivo e ponderado, e o abandono livre ao excesso do dom divino, que na história de Jesus se revela digno dos afetos humanos mais caros e se oferece assim, ao discernimento e decisão da liberdade, corporal e historicamente situado»<sup>221</sup>.

---

<sup>218</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de afeto*, 51.

<sup>219</sup> Cf. *Ibidem*, 67.

<sup>220</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição dogmática sobre a Revelação Divina (Dei Verbum)*, 2, Editorial A. O., Braga, 1992.

<sup>221</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de afeto*, 67.

A humanidade, tal como ela é, parece ser a única forma de tocarmos a divindade e de realizarmos a vocação à qual somos chamados. É nela que Deus quer habitar e fazer gerar a confiança na vida como promessa e bênção: «Aí habita-nos. Dando-se na experiência afetiva e sensorial da confiança a ser gerada: no corpo que ainda não está completo, no psiquismo que já vai sendo afetado e condicionado (...)»<sup>222</sup>. Algo que está sobejamente explícito na Sagrada Escritura, nos relatos dos encontros de Deus com o Homem, como sendo encontros de impacto histórico. Neste sentido, há que valorizar os encontros (as relações inter-pessoais) que assumem um papel preponderante na geração da fé e da vida. É precisamente através deles, onde se realiza o mútuo reconhecimento, que se joga a existência humana. Um encontro verdadeiramente conseguido «realiza a abertura do desejo, a eloquência do corpo, a delicadeza dos afetos, a afinidade entre a esfera divina e humana»<sup>223</sup>. Esses encontros implicam toda a nossa humanidade. Por exemplo, os encontros de Jesus têm como marca elementar a confiança e, por isso, a entrega total. Nos seus encontros, Jesus, nos afetos que demonstra, dá a conhecer um Deus ao qual o Homem se pode confiar e entregar, pois é um Deus que cuida e se preocupa com a nossa humanidade, salvaguardando a sua existência e os seus afetos. É precisamente nesses encontros afetivos que Deus se revela, e o homem experimenta a graça de ser salvo num encontro face a face, corpo a corpo.

A vida ganha um estilo próprio «desenhado entre o dom gratuito que me toca e me comove e a decisão livre pela qual empenho a minha própria existência»<sup>224</sup>. Tanto a vida como a fé geram-se assim, nesse reconhecimento entre o dom recebido e o empenho necessário de me determinar livremente, dando assim uma configuração à minha vida.

O encontro com Jesus é descrito como central e fundante na experiência humana, na medida em que, nesse encontro, Deus atravessa o mais profundo da nossa existência, restituindo cada um à promessa da vida.

---

<sup>222</sup> Cf. T. MESSIAS, “A fé como experiência existencial”, 291.

<sup>223</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, 53.

<sup>224</sup> Cf. *Ibidem*, 70.

«No encontro com os gestos e as palavras de Jesus a nossa origem redescobre-se como bênção e o horizonte projeta-se de novo, como promessa feliz. O presente pode redesenhar-se como lugar quotidiano propício a uma vida amável e fecunda. Trata-se da passagem do medo à confiança; da perda de esperança na vida à coragem de viver; da imposição sem vias de fuga ao dom digno de confiança, confiado à liberdade e a todas as potencialidades da nossa humanidade»<sup>225</sup>.

Por fim cabe salientar, ainda, que pela ambivalência característica da condição humana os encontros, que são lugar de construção de sentido, também poderão revelar-se o contrário, uma vez que, no encontro não conseguido com o outro/Outro não há reconhecimento mútuo, nem gratidão mútua: «se não for reconhecido e acolhido, o dom dado não chega a ser experimentado como tal»<sup>226</sup>. Assim acontece na experiência crente, quando no encontro é experimentada a desconfiança resultante da liberdade humana. O Deus que «quer ser livremente reconhecido como digno da confiança dos nossos desejos mais profundos e dos nossos afetos mais sinceros»<sup>227</sup> sujeita-se ao risco de ser rejeitado pelo próprio Homem. No entanto, quando Deus é acolhido no uso correto da liberdade, gera a fé que é o reconhecimento grato do dom que a vida é. O reconhecimento deste dom leva o Homem a visionar a vida como Amor, que desde sempre e para sempre nos faz viver. Faz o Homem reconhecer que o amor que se gera na relação com Deus é a bênção das origens e o feliz destino da nossa vida; é a vitalidade dos afetos e a força íntima dos laços. Neste sentido, podemos dizer que a fé tem uma enorme capacidade humanizadora, na medida em que convoca e provoca o Homem a realizar-se na sua real vocação. Quem faz a experiência de Deus deverá ser:

---

<sup>225</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de Afeto*, 72.

<sup>226</sup> Cf. *Ibidem*, 75.

<sup>227</sup> Cf. *Ibidem*, 76.

«(...) sensível a tudo o que é autenticamente humano, que potencia em si mesmo e nos outros, sem reducionismos nem fanatismos, contribuindo desse modo para o desenvolvimento integral das pessoas e das sociedades»<sup>228</sup>.

Américo Miranda, na sua obra intitulada *Os sentimentos de Jesus*, propõe analisar os vários encontros de Jesus narrados nos Evangelhos, com o objetivo de demonstrar os Seus sentimentos a partir dos chamados *verba affectuum*. Este autor dá-nos conta da importância de cada cristão conhecer e imitar os sentimentos de Jesus na sua vida. Na verdade, este tema dos sentimentos de Jesus sempre despertou muita atenção e interesse na espiritualidade cristã. Exemplo disto é São Paulo que adverte a comunidade de Filipos a imitar os sentimentos de Jesus: «Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo» (Fl 2, 5). O cristão é chamado, assim, a configurar o seu coração e as suas atitudes ao coração e à elevação de Jesus, que corresponde à sua *quenos*. Só assim o Homem estará a realizar plenamente a sua vocação.

Américo Miranda oferece-nos com a sua obra um quadro completo, embora não aprofundado, das ocorrências dos *verba affectuum*, ou seja, dos verbos que exprimem os sentimentos de Jesus para com a humanidade. Estes são importantes no sentido em que revelam a imagem que os Evangelhos constroem de Jesus; imagem de um Deus que salva o Homem no quotidiano da sua vida, num encontro inesperado, ao mesmo tempo milagroso, capaz de converter a pessoa e de despertá-la para a relação com Deus.

«A expressão dos sentimentos de Jesus é imprescindível na Sua missão, cuja génese deve ser encontrada no modo como se conforma com a vontade do Pai, e não em motivações extemporâneas»<sup>229</sup>.

---

<sup>228</sup> Cf. J. M. DUQUE, “A historicidade do caminhar na fé”, 255.

<sup>229</sup> Cf. A. MIRANDA, *Os sentimentos de Jesus*, Paulus editora, 2008, 25 [Tradução Maria Pereira].

O encontro assume o papel fundamental nesta missão salvífica levada a cabo por Jesus, pois é no encontro que Jesus revela a verdade acerca de Deus: «A perfeição de Deus coincide com o seu afeto, um laço que liga pelo reconhecimento»<sup>230</sup>. E quando Deus se liga ao Homem num verdadeiro encontro, este tem a força de mover as pessoas, de transformá-las: «um verdadeiro encontro realiza a abertura do desejo, a eloquência do corpo, a delicadeza dos afetos, a afinidade entre a esfera divina e humana»<sup>231</sup>. Como referi anteriormente, é precisamente no encontro de Jesus com os outros que estas duas verdades se encontram e se afetam. De um lado está a verdade de quem quer salvar e justificar a vida do outro: «O ser de Deus manifesta-se como ágape, fez-se conhecer como “pro-afeição originária”»<sup>232</sup>. Do outro lado está a verdade de quem vive ferido, disperso e separado, necessitado de salvação, necessitado de Amor: «O amor é este ser-assim, a razão primeira e a lei constituinte da cada homem, mulher e grupo humano, e de todas as coisas saídas das mãos do Criador»<sup>233</sup>. Deste modo, estão reunidas as condições necessárias para que haja o verdadeiro encontro, o verdadeiro milagre. Pois, quando se juntam a necessidade e a abundância, o disperso e o uno, o pecado e a graça, o resultado poderá ser a salvação, operada num simples gesto, no timbre de uma voz afetiva, numa delicadeza inaudita. Desta forma, um simples encontro poderá dizer muito sobre a bênção que é ter sido dado à luz, o reconhecimento de se ser amado, a conversão do olhar, a mudança do estilo de vida, o cuidado dos gestos. E assim se realiza a salvação que Deus quer operar em nós. «No amor que nos gera à vida e no amor que nos faz gerar a vida na vida de qualquer outro, todos somos salvos»<sup>234</sup>. De uma forma tão vital e sensível, onde a salvação «assume o timbre de uma voz que toca afetivamente a eloquência de

---

<sup>230</sup> Cf. J. F. CORREIA, *Entre-tanto: a difícil bênção da vida e da fé*, 31

<sup>231</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de afeto*, 53

<sup>232</sup> Cf. J. F. CORREIA, *Entre-tanto: a difícil bênção da vida e da fé*, 31

<sup>233</sup> Cf. *Ibidem*, 26.

<sup>234</sup> Cf. *Ibidem*.

um gesto que justifica a vida, a autenticidade de uma presença que restitui cada um à verdade do que é»<sup>235</sup>.

Na verdade, podemos afirmar que o encontro com Jesus salvaguarda e regenera a vida humana. As atitudes e gestos afetivos de Jesus para com aquele com quem se encontra têm a força de interpelar o outro e de convocá-lo a assumir o lugar em que se encontra e de apontar para a verdade do que é. Confronta a consciência da pessoa, como Deus o faz com os nossos primeiros pais: “Onde estás?” É neste lugar onde a pessoa está: quer esteja no deserto ou no oásis, é aí que Deus o quer salvar. «No laço da história de Jesus com a história do mundo, revelou a beleza originária deste laço afetivo como saída de si, abertura ao outro e destinação à familiaridade consigo mesmo»<sup>236</sup>. E como referimos acima, esta salvação é traduzida na vida efetiva e afetiva de Jesus e revela a própria identidade do Homem. Como muito bem adverte o documento conciliar *Gaudium et Spes*, no número 22: «Cristo revela o Homem ao próprio Homem»<sup>237</sup>. Podemos assim compreender a missão de Jesus como um encontro baseado numa justa relação afetiva com a verdade do Homem que, ferido pelo pecado, visiona a vida como peso e maldição, para o devolver à Verdade para o qual foi criado: a «experiência de ser amado e de amar restitui o homem e a mulher, seres sensivelmente espirituais e espiritualmente corpóreos, à graça da criação, à fecundidade das relações, ao gosto da vida de cada dia»<sup>238</sup>.

Neste mistério da dádiva de si por parte de Deus à humanidade, que tem como objetivo gerar vida, não podíamos não referir o mistério pascal, pois é neste mistério que Deus manifesta o seu desígnio salvífico, a sua justiça. «Ser dádiva de si para a geração de um outro, na disposição de carregar as feridas e o custo de tal gesto, é a verdade de Deus que nos salva»<sup>239</sup>. Os gestos e as palavras de Jesus, narrados nos Evangelhos, são expressão desse Amor-Ágape de

---

<sup>235</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive dos Afetos*, 54.

<sup>236</sup> Cf. J. F. CORREIA, *Entre-tanto: a difícil bênção da vida e da fé*, 31.

<sup>237</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, 22, Editorial A. O., Braga, 1992.

<sup>238</sup> Cf. J. F. CORREIA, *Entre-tanto: a difícil bênção da vida e da fé*, 32.

<sup>239</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de afeto*, 58.

Deus para com a humanidade. Foi nesta certeza de que Deus Pai, Abbá, cuida e gera vida nos outros, que Jesus se entregou na cruz, mostrando assim que o nosso Deus é um Deus de vivos e não de mortos, um Deus de bênção e não de maldição, um Deus em quem posso depositar a minha confiança, a minha humanidade e os meus afetos mais profundos. Na verdade, «é o amor-que-Deus-Trindade-é que tudo traz à vida, que tudo restitui à vida e que tudo mantém em vida, até que, por Jesus e no Espírito, chegue a ser tudo em todos»<sup>240</sup>.

## **2.7. O papel do afeto na construção do sentido da vida**

Inspirados pela proposta que José Frazão Correia lança na sua obra em análise, pretendemos propor um novo estilo de transmissão da fé. Novo não no sentido cronológico, visto que é um estilo que está na essência do Cristianismo, mas sim no sentido *Kairológico*. Trata-se de um tempo novo, uma nova oportunidade que Deus nos oferece para repropormos a fé nesta sociedade onde se desvalorizam os encontros inter-pessoais e se valoriza o virtual; onde o Amor é esvaziado do seu significado e profundidade; entendido muitas vezes como um simples sentimento; onde a amizade se baseia em interesses; onde a sociedade se esquece da sua essência que é ser para os outros; onde o interesse privado se sobrepõe ao interesse público; etc. É a partir deste campo, onde se semeiam vazios existenciais e ausência de sentido, que se há-de escutar a voz de Deus que diz: «Hoje preciso ficar em tua casa» (Lc 19, 5). Trata-se de um novo *Kairós* a partir do qual Deus quer refazer o que está desfeito; quer unir o que está separado. Esta fratura que caracteriza o mundo moderno é o ponto de partida para refazer o laço, passar do vazio ao Amor. Somos convocados a não nos lamentarmos pelo que já passou, mas a ressuscitar para um mundo novo.

---

<sup>240</sup> Cf. J. F. CORREIA, *Entre-tanto: a difícil bênção da vida e da fé*, 27.

«Tomemos, portanto, este novo lugar e seus vazios como feliz possibilidade para o Cristianismo, uma promessa purificadora e tão fecunda para a nossa fé como arte de viver e de habitar o mundo. Podemos reaprender a riqueza do despojamento, o dom criador da expectativa, a graça de voltar a amar a Deus em todas as coisas e de as amar, a todas, em Deus»<sup>241</sup>.

A ressurreição de Jesus de Nazaré atualiza-se no hoje da nossa sociedade dando vida ao Homem, resgatando os laços e promovendo encontros. A entrega de Jesus de forma afetiva à humanidade provoca e convoca o Homem a romper com tudo o que o afasta da sua essência e eleva os lugares e ritmos da nossa humanidade até à estatura para a qual fomos criados: «Não são estes os lugares da vida? Pois Jesus, habita-os de facto, elevando-os»<sup>242</sup>. Mesmo que muitas vezes «habitá-los significa também contestá-los, pela mentira e injustiça, pela indiferença e pela megalomania que hospedam dentro si»<sup>243</sup>. É precisamente neste encontro com Jesus que acontece o milagre da conversão, a construção de um novo sentido: «A sensibilidade e sensatez de Jesus, pelo encontro, convidam, também a nós, a revermos a forma justa ou insensata como sentimos e tocamos o mundo»<sup>244</sup>. Este novo *Kairós*, inaugurado por Jesus de Nazaré, que salva o Homem, propõe-nos uma fé que passa obrigatoriamente pela capacidade afetiva de este se dar. Esta é « a única modalidade humana de apresentar o dom divino que não se impõe nem seduz, mas se oferece, apenas, no reconhecimento e no acolhimento livre»<sup>245</sup>.

---

<sup>241</sup> Cf. J. F. CORREIA, *A fé vive de afeto*, 99.

<sup>242</sup> Cf. *Ibidem*, 90.

<sup>243</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>244</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>245</sup> Cf. *Ibidem*, 77

# CONCLUSÃO

No final do nosso percurso, pensamos poder concluir sinteticamente o seguinte:

1. O mundo moderno, tal como o conhecemos, emergiu com o progresso científico, a declaração do primado da razão, o postulado do empirismo e uma fé deslocada da transcendência para uma imanência sempre mais tecnológica. A crise da modernidade começa, na verdade, por ser uma crise antropológica. Parafraseando uma frase célebre do filósofo Walter Benjamin, o homem entrou na época da sua reprodução técnica. Daí o propagar-se do desejo contemporâneo supremo que é a libertação da natureza, da carne e da vida com as suas variações, duração e ritmo. Esta crise abala profundamente a pessoa humana, porque transfere a linha de rutura para o interior dela própria, determinando uma espécie de interdição ao que o ser humano tem de mais fundamental. É como se este não pudesse mais ser aquilo que é. Ora, este rasgão compromete a unidade dos vários planos da vida, separando, por exemplo, o pensamento da ressonância afetiva. Não admira também que entre a experiência da fé e a organização da vida se tenha vindo a cavar um grande fosso cultural. A questão do transcendente/Deus é relegada para um canto da existência, como se pudesse ser desativada. Como critica Frazão Correia, «os lugares e ritmos da vida que a fé deveria assumir como o lugar da epifania de Deus no meio de nós acabam por ser dramaticamente removidos»<sup>246</sup>.
2. A fratura existe, portanto, e aparece hoje como culturalmente consolidada. Mas para a Teologia não é esse o problema. O nó górdio é sim interrogar-se sobre como irá o cristianismo refazer-se desta fratura. Trata-se mais de potenciar um futuro do que entrar num labiríntico ajuste de contas com o passado. Nesse sentido, esperamos ter

---

<sup>246</sup> Cf. J. F. CORREIA., *A fé vive de afeto*, 84.

deixado claro o contributo do teólogo jesuíta. Ele não pensa que o cristianismo possa afrontar a atual fratura – antropológica e civilizacional – ensaiando uma espécie de regressão. Isto é, recuperando soluções velhas para problemas novos. O cristianismo não deve simplesmente contrapor-se ao mundo, denunciando as suas imperfeições e isentando-se dessas, recuando para o interior de «uma fé pura, e de uma Igreja perfeita»<sup>247</sup>. Isso seria de certa forma importar as estratégias do mundo. Mas também não deve ceder a toda a linha, adotando uma posição conformista, tornando-se, no fundo, uma «fé simpática e à medida das expetativas, que custa demasiado pouco e garante tudo».<sup>248</sup>

3. A sugestão de Frazão Correia é adotar a teologia do Concílio Vaticano II, que parte de uma leitura aberta da realidade humana, mas capaz de identificar as suas ambivalências e fragilidades, pois ela precisa ser continuamente resgatada pela graça. A grande novidade do *aggiornamento* proposto pelo Concílio está no reconhecimento de que «as incertezas e as ambiguidades do mundo e da história (...) são o lugar onde Cristo e o seu mistério sempre se diz e se dá»<sup>249</sup>, recordando-nos, assim, que a fé e a vida humana não são opostas, mas implicam-se e apoiam-se mutuamente. Desta forma, o mundo moderno que se apresentava como ameaça para o cristianismo passa a ser visto como possibilidade, apelo e hipótese para dar corpo ao Evangelho nas efetivas condições da história. No centro da visão conciliar não está senão a verdade da Encarnação do Verbo, como uma Verdade que toca e abraça a inteira dramática da vida.
4. O grande desafio é o de visitar o estilo de Jesus, consumado de forma efetiva e afetiva como escola do dom. Jesus revela ao homem a polifonia da sua própria humanidade (essa que tantas vezes nos permanece desconhecida). Ao assumir a humanidade, Jesus não só lhe revela Deus,

---

<sup>247</sup> Cf. J. F. CORREIA., *A fé vive de afeto*, 85.

<sup>248</sup> Cf. *Ibidem*, 86.

<sup>249</sup> Cf. *Ibidem*, 87.

como a torna lugar teológico de revelação, por excelência. A humanidade, uma vez tocada (afetada, poderíamos dizer) pelo Verbo de Deus, torna-se ressonância e presença de Deus. É assim que Jesus restaura a aliança entre a fé e a vida humana. Jesus não nos revela um Deus indiferente e neutral, mas um Deus preocupado e comprometido com a integralidade da vida. Recorda-nos a *Carta aos Hebreus*: «Foi por isso que Cristo, quando veio ao mundo, disse: “Sacrifícios nem ofertas quiseste, mas formaste-me um corpo. Não são animais queimados em oferta pelo pecado que tu reclamas. Então eu disse: ‘Aqui venho, ó Deus, para fazer a tua vontade, tal como está escrito a meu respeito no livro do Senhor’. Repare-se que diz: “Não quiseste sacrifícios nem ofertas nem animais queimados pelo pecado, isso não te agrada” (embora seja exigido pela Lei de Moisés). E acrescenta depois: “Aqui venho, ó Deus, para fazer a tua vontade.” Isso significa que aboliu o primeiro sistema para instituir um segundo (Heb 10,5-10).

Quando Jesus se encontra com os homens não pretende menosprezar o lugar ou o estado em que cada um está, mas procura fazer caminho a partir daquilo que cada um é. A fé nasce do «reconhecimento da própria vida como dom no qual o Pai se implica desde a criação»<sup>250</sup>. O estilo peculiar de Jesus torna-se, para nós cristãos, uma convocatória a fazer da nossa vida (nos seus lugares e ritmos mais elementares) o lugar onde Deus se revela. É um estilo afetivo o de Jesus. Por isto, a Igreja é constantemente convocada a renovar o encontro com Jesus e a descobrir no seu estilo afetivo a gramática para a sua missão. Recorda-nos Frazão Correia: «A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus»<sup>251</sup>. É precisamente aqui que o cristianismo descobre a sua natureza: «ter os mesmos sentimentos que havia também em Cristo Jesus» (Fl 2, 5).

5. Para este itinerário teológico que percorremos foi muito importante começar com um estudo de caso: o da vida e obra do poeta Eugénio Tavares que, para a cultura crioula,

---

<sup>250</sup> Cf. J. F. CORREIA., *A fé vive de afeto*, 88

<sup>251</sup> Cf. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 174.

constitui um património referencial. A teoliterária permite-nos um exercício de aproximação à vida. Recordo aquilo que Marcel Proust dizia: a literatura é uma grande lente para observar a vida na sua concretude. Como penso ter ficado claro, o cristianismo não é uma ideologia. É uma experiência que se desencadeia no âmago da existência. Não dispensa o sensorial e o sensível, a demanda e o afeto, o próximo e o contingente. O quotidiano do homem sobre a terra – que as composições de Tavares maravilhosamente descrevem – é um lugar teológico para o acontecer de Deus. Não admira, portanto, que a dada altura a poética do vate cabo-verdiano se tenha deixado atravessar pelo léxico bíblico e por uma certa respiração religiosa. Para concluir, perguntemos: que tem Eugénio Tavares a dizer à narrativa teológica? Diz que Deus ama o real. Defende que o discurso acerca de Deus não pode ser meramente conceptual. Que a escrita da fé precisa dessa força primordial e abrasiva dos sentimentos e das emoções que são o grande dicionário da alma. De facto, temos de dar lugar ao afeto, para percebermos tão grande Mistério que nos afeta.

# Bibliografia Final

## Fontes

*Bíblia de Jerusalém*, Paulus, São Paulo, 2002.

CORREIA. J. F., *A fé vive de Afeto*, Paulinas editora, Lisboa, 2014.

MONTEIRO. F., *Eugénio Tavares – Poesia Contos Teatro*, Biblioteca Nacional de Cabo Verde e Ministério da cultura e das Indústrias criativas, Praia, 2017.

MONTEIRO. F., *Eugénio Tavares – Viagens, Tormentos, Cartas*, Biblioteca Nacional de Cabo Verde e Ministério da cultura e das Indústrias criativas, Praia, 2017.

MONTEIRO. F., *Eugénio Tavares – Pelos jornais....*, Biblioteca Nacional de Cabo Verde e Ministério da cultura e das Indústrias criativas, Praia, 2017.

## ESTUDOS

BENTO XVI, *Deus Caritas est*, in *Acta Apostolicae Sedis* 98/3 (2006) 217-252.

BELCHIOR. M. D., *Fundamentos para um Política Multicultural em África*, Companhia Nacional Editora, Lisboa, 1966.

CAMÕES. L., *Poesia lírica*, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, Queluz, 1984 [selecção e introdução por Isabel Pascoal].

CARLOS. E. M., “Filosofia, Arte e Literatura: uma abordagem sobre a formação poética, literária e estética do povo cabo-verdiano”, Movimento internacional Lusófono, Lisboa, 2015.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação (Dei Verbum)*, Editorial A. O., Braga, 1983.

CUNHA. D., *Só o amor gera vida, pessoa família e sociedade*, Paulus, Lisboa, 2015.

CORREIA. J. F., “ A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana”, UCP (coord), *A fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014.

CORREIA. J. F., *Entre-tanto: a difícil bênção da vida e da fé*, Paulinas editora, Lisboa, 2014.

CORREIA. J. F., “Ressonância afetiva, apelo ético, estilo relacional Traços de uma fé viva e visível (P. Sequeri, A. Rizzi, C. Theobald)-”, *Didaskália XL* (2010), pp. 141-149.

DUQUE. J. M., “ A historicidade do caminhar na fé”, UCP (coord), *A fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014.

DUQUE. J. M., “A historicidade do caminhar na fé” in FALTA O COORDENADOR, *A fé da Igreja*, Lisboa, Paulus editora, 2014.

FERREIRA. M., *A Aventura crioula*, Plátano Editora, Lisboa, 1985.

FERREIRA.M., *Literaturas Africanas de expressão portuguesas*, Ática, São Paulo, 1987.

FERRONHA. A. L., *O comércio Português de Escravos*, Edições do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1974.

PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica: a Alegria do Evangelho (Evangelii Gaudium)*, Paulinas editora, Lisboa, 2013.

GONÇALVES. C.F., *Kab Verd Band*, Instituto do Arquivo Histórico Nacional, 2006.

LIMA. A. G., “A morna: síntese da espiritualidade do povo cabo-verdiano”, *Africana* 6 (2001) 239-268.

LIMA. A. G., *Boavista, ilha da Morna e do Landú*, Instituto Superior de Educação, Praia, 2002.

LIMA. A. G., “A morna: A língua como expressão dos sentimentos”, *Revista Cultura* 1 (s.d.)

LOUIS. M., *Espiritualidade e literatura*, edições paulinas, Lisboa, 1965.

“Eugénio Tavares” in <https://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/nascimento.html>

MARIANO. G., “Amor e partida na poesia crioula de Eugénio Tavares ou inquietação amorosa”, in *Cultura caboverdeano – ensaios*, Vega, Lisboa.

MARTINS. V., *A música tradicional cabo-verdiana – I (A morna)*, Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco, Praia, 1989.

MARTINS. A., «Para uma antropologia cristã da afetividade», *Communio*, XXII 2005/4, 431-450

MESSIAS. T., “A fé como experiência existencial” in *A fé da Igreja*, Lisboa, Paulus editora, 2014.

MIRANDA. A., *Os sentimentos de Jesus*, Paulus editora, Lisboa, 2008.

NOGUEIRA. G., “Eugénio Tavares”, in *Cabo Verde & A Música, Dicionário de Personagens*, Campo da comunicação, 2016.

PAGAZZI. G. M., *In principio era il legame. Sensi e bisogni per dire Gesù*, Cittadella, Assisi, 2015.

PAGAZZI. G. M., *Questo è il mio corpo. La grazia del Signore Gesù*, EDB, Bologna, 2016.

QUINTINHA. J., *Africa misteriosa*, Editora Portugal Ultramar Lda., Lisboa, 1928.

REIMÃO. C., «Afetividade e alteridade», *Didaskalia*, XXXV, 2005, 555-567

ROMANO. L., “Perfil de Eugénio Tavares”, *Ponto & Virgula* 16, (1986), 1-6.

RODRIGUES. M., LOBO. I., *A morna na literatura tradicional. Fonte para estudo histórico-literário e a sua repercussão na sociedade*, Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, Praia, 1996.

- SALMANN E., *Il respiro della benedizione. Spiragli per um mistero vivibile*, Cittadella, Assisi, 2010.
- SALMANN E., *Passi e passaggi nel cristianesimo. Piccola mistagogia verso il mondo della fede*, Cittadella, Assisi, 2011.
- SEQUERI P., *Il Dio affidabile. Saggio di teologia fondamentale*, Queriniana, Brescia, 1996.
- SEQUERI P., *Sensibili allo spirito. Umanesimo religioso e ordine degli affetti*, Glossa, Milano, 2001.
- SEQUERI P., *Il sensibile e l'inatteso. Lezioni di estetica teologica*, Queriniana, Brescia, 2016.
- SEQUERI P., *Parole e parola. Letteratura e teologia*, Glossa, Milano, 2016.
- SILVA. B. L., *O dialeto crioulo de Cabo Verde*, Centro de Estudos Políticos e Sociais - Imprensa Nacional (Casa da Moeda), Lisboa, 1957.
- SOBRINHO. G.R., *Eugénio Tavares: retratos de Cabo verde em prosa e pessoa*, Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SOBRINHO. G. R., “A poética das mornas de Eugénio Tavares”, *Scripta*, vol. 14, 27 (2010), 113-124.
- SPADARO. A., *O batismo da imaginação*, Paulinas, Lisboa, 2016.
- TAVARES. M. J., *Aspectos evolutivos da Música Cabo Verdiana*, Centro cultural Português/Instituto Camões, Associação de Escritos Cabo-verdianos, [s. d.].
- TEIXEIRA. L.M.S., *Da mestiçagem à Caboverdianidade: registos de uma sociocultura*, Edições Colibri, Lisboa, 2003.

TERRA. D., “A fé como dom e resposta da liberdade”, UCP (coord), *A fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014.

SANTOS. A. C. O., *Eugénio Tavares: poesia e convenção romântica*, dissertação de Mestrado em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VAZ PINTO. M.J., “O Deus implícito na poesia de José Tolentino Mendonça”, *Communio* XXXI (2014/4) 477-483.

Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial produzido pelo Instituto do Património Cultural entregue na UNESCO para a nomeação da Morna a Património Mundial Imaterial, que se encontra-se no *site* da IPC (<http://www.ipc.cv/index.php/morn>).

L'Osservatore Romano, *ed. em português*, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

# Índice

<b>Resumo</b> .....	4
<b>Abstract</b> .....	5
<b>Abertura</b> .....	6
1. O estado da questão .....	6
2. Projeto de Trabalho.....	7
<b>I Capítulo: Uma leitura literária do Afeto: o caso de Eugénio Tavares e da morna cabo-verdiana</b> .....	9
<b>1.1. Perfil biográfico de Eugénio Tavares</b> .....	10
<b>1.2. Um olhar à produção literária de Eugénio Tavares</b> .....	22
1.2.1. Poesia .....	23
1.2.2. Contos .....	26
1.2.3. Teatro .....	27
1.2.4. Crónica: Viagens .....	27
1.2.4.1. Crónica: Tormentas .....	28
1.2.5. Cartas e Postais .....	29
1.2.6. Artigos dos Jornais .....	30
<b>1.3 Principais traços de uma leitura crítica de Eugénio Tavares</b> .....	33
1.3.1. Amor.....	33
1.3.2. Deus .....	38
<b>1.4. A discutida origem da morna Cabo-Verdiana</b> .....	41
1.4.1. Explicações mitológico-especulativas .....	44
1.4.2. Explicações Lendárias .....	44
<b>1.5. O contexto e a terminologia: pistas para uma discussão das origens</b> .....	46
1.5.1. Contexto.....	46
1.5.2. Contexto socioeconómico.....	46
1.5.3. Contexto Antropológico.....	48
1.5.4. Contexto geomorfológico .....	49
<b>1.6. Terminologia</b> .....	50
<b>1.7. A tese de Eugénio Tavares sobre a origem da morna</b> .....	54
<b>1.8. Principais características da morna: a centralidade do afeto</b> .....	57
1.8.1. Amor.....	58
1.8.2. Saudade (Partida) .....	61
<b>1.9. Apresentação e justificação de um corpus poético</b> .....	63
i. Morna de Aguada .....	64
ii. Força de crecheu.....	65

iii. Amor é carga? Amor é culpa? .....	66
iv. Morna de nha santa Ana .....	67
v. “Morna de Despedida” .....	69
vi. Sodade de quem que’n q’ré! .....	71
<b>1.10. A descrição do campo semântico do afeto no campo escolhido .....</b>	<b>72</b>
<b>1.11. As palavras-chave .....</b>	<b>82</b>
<b>1.12. O papel do afeto na construção do sentido da vida .....</b>	<b>83</b>
<b>II Capítulo: Uma leitura teológica do Afeto: o contributo de José Frazão Correia .....</b>	<b>87</b>
<b>2.1. Traços fundamentais da teologia de José Frazão Correia .....</b>	<b>88</b>
<b>2.2. A centralidade do afeto na teologia .....</b>	<b>90</b>
<b>2.3. Um olhar à humanidade a partir da sua vocação elementar: entre a graça e o custo.....</b>	<b>92</b>
2.3.1 Refazer o laço: o afeto que liga .....	96
2.3.2. A liberdade: instância de decisão .....	99
2.3.3. A liberdade Cristã .....	101
<b>2.4. A alteridade Divina e a liberdade: encontro afetivo entre duas liberdades .....</b>	<b>104</b>
<b>2.5. A encarnação: O afeto que salva.....</b>	<b>111</b>
<b>2.6. A fé como reconhecimento afetivo .....</b>	<b>114</b>
<b>2.7. O papel do afeto na construção do sentido da vida .....</b>	<b>121</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>123</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>127</b>
<b>ÍNDICE .....</b>	<b>132</b>